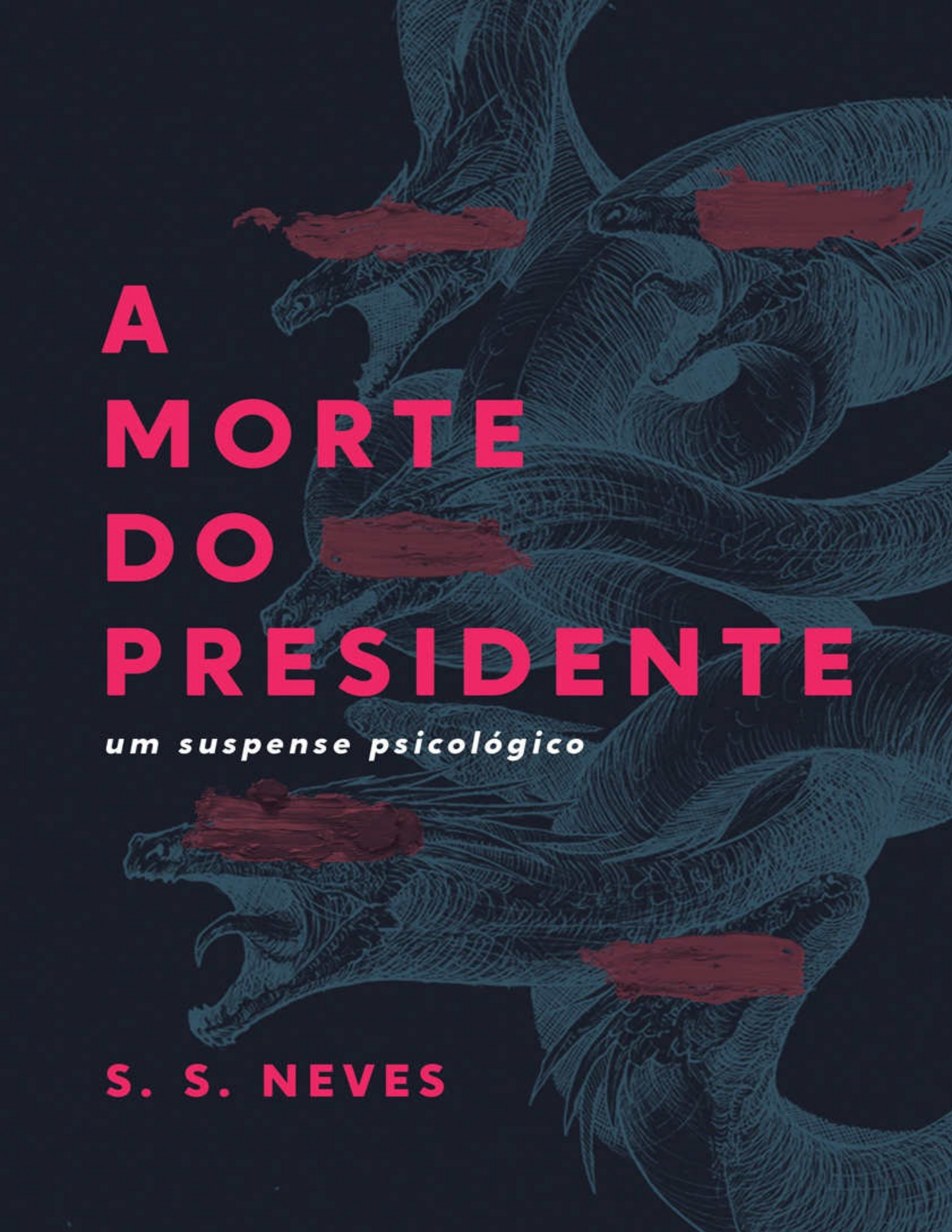




A MORTE DO PRESIDENTE

um suspense psicológico

S. S. NEVES



A MORTE DO PRESIDENTE

S. S. Neves

Copyright by S. S. Neves
Diagramação: Pedro Correa
Capa: Victor Almeida
Revisão: Aline Caixeta



N511a_S. S. Neves
A morte do Presidente / SS Neves . 1.ed. Toronto, ON, Canada
ISBN 978-1-7753586-4-0

Esta obra é uma produção independente

Copyright [2019] by S S Neves

Todos os direitos desta edição reservados à autora da obra.

Nenhum trecho desta obra poderá ser reproduzido, transcrito, copiado ou transmitido por meios eletrônicos ou gravações, assim como traduzido, sem permissão, por escrito, do autor.

1. Romance 2. Suspense 3. Literatura Brasileira



Índice para catálogo sistemático:

1. Romance – Brasil CDD 869.3

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real é mera coincidência.

www.ssneves.com

Sumário

PARTE 1

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)

PARTE 2

[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)
[Capítulo 32](#)
[Capítulo 33](#)
[Capítulo 34](#)
[Capítulo 35](#)
[Capítulo 36](#)
[Capítulo 37](#)
[Capítulo 38](#)
[Capítulo 39](#)

PARTE 3

[Capítulo 40](#)
[Capítulo 41](#)
[Capítulo 42](#)
[Capítulo 43](#)
[Capítulo 44](#)
[Capítulo 45](#)
[Capítulo 46](#)
[Capítulo 47](#)
[Capítulo 48](#)
[Capítulo 49](#)
[Capítulo 50](#)
[Capítulo 51](#)
[Capítulo 52](#)
[Capítulo 53](#)
[Capítulo 54](#)
[Epílogo](#)

Para Pedro

A mentira é, muita vez, tão involuntária como a transpiração.

MACHADO DE ASSIS, *Dom Casmurro*

PARTE 1

Capítulo 1

Dan disparou e acertou o alvo em cheio. Seu rosto se iluminou e ele sorriu, olhando para trás. Um dos raros sorrisos que dava. Havia gotinhas de suor sobre o buço no rosto avermelhado. Robert Cavandish, seu chefe de campanha, devolveu o sorriso e continuou a observá-lo com curiosidade, como se Dan fosse um bicho no zoológico. Depois de alguns instantes de contemplação, voltou a si.

– Estamos há um mês das eleições. Por que você não acha um hobby melhor, mais vantajoso, como visitar escolas e ler para crianças?

– Você sabe por quê – disse Dan sem tirar os olhos do alvo, trocando a pistola por uma espingarda, sua arma favorita.

– Nós precisamos de algo a mais nessa reta final. Tem certeza que o pai da Stella não vai mudar de ideia e nos apoiar?

– Absoluta, ele só apoia quem já está no topo.

– E Stella? Já chega de bancar a independente, né? Tudo tem um limite, você tem que fazer alguma coisa.

Dan atirou, mas dessa vez não acertou. Ele se virou para Robert, aborrecido, testa franzida.

– Eu conheço bem minha esposa, e ela só faz o que quer, mas se ela “achar” que quer, já é o suficiente. Pode ficar tranquilo, essa parte está sob controle. Agora me deixa em paz, quanto mais cedo eu terminar, melhor.

Robert deu de ombros e decidiu confiar na palavra de Dan, se ele dizia que daria um jeito de levar Stella a participar mais da campanha eleitoral, era porque tinha alguma carta na manga. De qualquer modo, Robert já tentara de tudo e ela não cedera, “não gosto de me expor”, que desculpa mais esfarrapada. Por que tinha se casado com um político então? Dan, por outro lado, era muito bem-mandado. Robert jamais imaginara ter um candidato tão maleável, que aceitava todas as suas diretrizes e seguia o protocolo à risca. Além disso, Dan tinha uma violência contida que servia muito bem ao cargo. Eles eram bombardeados de críticas e ódio por todos os lados, e Dan se saía muito bem em situações adversas, parecia controlado e não se alterava nunca, pelo menos em frente às câmeras. Respondia com firmeza às provocações, sempre seguindo o roteiro. Isso devia ser o suficiente, pensava Robert,

resignado. Entre o pessoal mais íntimo da equipe, Dan era conhecido como o “pitbull”. Se bem treinado, não mordia, no entanto, conservava sua natureza violenta dentro de si. Robert discordava. Tivera um pitbull na infância e o cão era de uma docilidade revoltante. Para ele, Dan era um pinscher. Pequeno e insignificante, talvez por isso mesmo sentisse tamanha necessidade de mostrar os dentes. Antes da Operação Manhattan ele não era nada. Um reles policial que teve a sorte de prender o cara certo na hora certa. Mas tinha que admitir, Dan soube aproveitar os holofotes e fazer disso um meio de alavancar sua carreira política. E Robert Cavandish, o grande marqueteiro político, que ganhava uma fortuna para fazer daquele idiota o próximo presidente dos Estados Unidos, faria o que fosse preciso, até suportar um ignorante como Dan. Era o seu maior desafio de carreira, mas nada o excitava mais que um bom desafio. Se Stella participasse um pouco mais da campanha, eles venceriam, tinha certeza disso. Um rosto suave e fotogênico como só tinham aqueles que sempre viveram bem, um balanço perfeito para a imagem de durão de Dan, um cara sem educação formal, vindo do nada. Ela tinha que ceder, pensava ele enquanto percorria Washington de carro para mais um compromisso de campanha. Dan ao seu lado, já refeito e de bom humor depois do “exercício” de tiro – havia sempre uma foto de sua oponente ou de algum jornalista no alvo – permanecia calado. Ele encarava as eleições como um soldado em guerra, sentindo que todos estavam contra ele, e Robert, apesar de gostar disso, tinha suas ressalvas. Não confiava inteiramente em Dan, embora não soubesse bem o motivo. Havia algo de estranho nele, porém, como até o momento não tinham tido problemas, preferia ignorar os sinais. Afinal, ele era pago para ganhar as eleições, não para colocar o melhor candidato no cargo. Isso era tarefa do povo.

Capítulo 2

Elas estavam sentadas de frente uma para a outra. A sala cheirava a mofo e velharia. Independentemente da época do ano, era sempre frio e úmido ali. As janelas fechadas com pesadas cortinas marrons. Stella se sentia idiota sentada naquela sala decorada com tapetes persas e paredes repletas de livros velhos. Parecia que fazia terapia em uma biblioteca. Se não estivesse tão confusa, se levantaria naquele mesmo instante e iria embora. Mas já tinham passado a primeira meia hora falando amenidades, ela bem que poderia colaborar. Gemma era sua amiga, afinal, não era como se falasse de seus problemas a uma estranha. Aliás, nem podia chamar aquilo de terapia. Segundo o código de ética da profissão, Gemma não poderia ser sua terapeuta. Era só uma conversa entre amigas, pensava. Respirou fundo e falou a primeira coisa que veio à sua mente.

– Assim que ouvia o barulho do carro do meu pai entrando na garagem de casa, eu arranhava minhas pernas com vontade e começava a chorar. Depois dizia que meu irmão havia feito aquilo comigo. Ele não era meu irmão de verdade, era filho da segunda esposa do meu pai e foi o mais próximo que tive de um irmão... não sei por que essa lembrança ainda está tão viva em mim. Será que depois de todos esses anos eu ainda continuo querendo me vitimizar para chamar atenção? – ela olhava para baixo, parecendo distraída.

– Ótimo insight, vejo que andou pensando na nossa conversa anterior... bem, é possível. Mas por que você acha que, mesmo agora, depois de adulta, você continuaria fazendo isso? – Gemma a olhava como uma mãe bondosa, tentando transmitir confiança e incentivando-a a se abrir.

– Porque toda vez que falo com Dan e percebo que ele não está prestando atenção, sem nem se dar ao trabalho de disfarçar, essa lembrança me vem à mente, junto com uma raiva inexplicável. E penso: será que ele sequer perceberia se eu estivesse toda arranhada?

– Os maridos não são todos assim? – ela falou sorrindo de maneira descontraída, mas Stella não achou a brincadeira engraçada. Parecia até mais séria do que antes. Gemma sentiu o rosto pegar fogo e tentou voltar à sua postura de terapeuta o mais rápido possível, emendando outra pergunta. – Como você sabe que seu marido não está prestando atenção? Ele faz algo em

particular? Mexe no celular, liga a TV?

– Ele me olha nos olhos e balança a cabeça como se concordasse com o que estou falando. Eu falo e falo e ele só balança a cabeça, tenho certeza que nem me ouve. É quase imperceptível, mas eu consigo ver que é interpretação, que ele está no seu próprio mundo, porém fingindo que participa da conversa. Era o que ele fazia como profissão, quando trabalhou como infiltrado, ele fingia... isso não sai da minha cabeça, ele era um mentiroso profissional, mas você não acredita em nada do que estou dizendo, né? Acha que Dan é uma santa criatura. Eu lembro quando contei que ele me pediu em casamento, você disse “que sorte a sua”, toda radiante, lembra?

– Stella – Gemma larga o caderno de anotações, pega a mão de Stella e se volta de forma carinhosa à amiga. – Eu nem deveria estar aqui, posso ser penalizada por isso, mas estou, porque somos amigas e quero o seu bem, quero ajudar.

Stella se desculpou. Sabia que Gemma queria o seu bem, sempre fora assim, desde a faculdade. Foram tantas as vezes em que ela confiara na amiga: quando iam às festas e Stella bebia além da conta; quando seu avô morreu; quando ela quase foi expulsa da faculdade; quando ainda tentava ter um relacionamento com o pai e o visitava nas férias, só para voltar depressiva e frustrada para o dormitório que dividiam. Em todas essas ocasiões, Gemma esteve presente, a consolou, teve paciência, foi sua verdadeira amiga.

Vendo Stella mais calma, Gemma se endireitou, sentada com a coluna reta, o caderno em mãos. Recolocou os óculos de gatinho e formulou outra pergunta.

– Se ele não é um santo, então quem ele é?

Stella respirou fundo e percebeu que não fazia a menor ideia de como responder a uma pergunta tão simples, sobre seu próprio marido. Ela balançou a cabeça em negativa e deu de ombros.

– Tudo bem, nosso tempo acabou por hoje, mas gostaria que você pensasse numa resposta para essa pergunta. Pode ser?

Stella disse que sim, “juro que vou pensar nisso”, e elas se despediram com um meio abraço.

O prédio comercial onde se encontrava com a psicóloga era também seu local de trabalho. Por isso conseguia passar despercebida pela imprensa. Gemma era sua amiga dos tempos da faculdade e poderia apenas dizer que a visitava, nada de anormal nisso. Imagina se descobrissem que o casamento perfeito do candidato à presidência estava com problemas?

Stella voltou ao trabalho, mas achou difícil se concentrar. Sentada à sua mesa límpida e imaculadamente branca, olhava a tela do computador com a pergunta em sua mente: quem é Dan Jager? Ela pulou na cadeira com o som do interfone.

– Seu próximo paciente já está aguardando – disse a recepcionista. Stella fechou os olhos sentindo-se exausta de repente, depois interfonou pedindo para o paciente entrar.

Estava sendo pressionada a deixar de trabalhar e começar a participar mais da campanha, mas ela amava o que fazia, não queria deixar de viver sua vida só porque o marido poderia ser o presidente. Dentre os vários desentendimentos do casal, esse não era um deles. Dan nunca a pressionara a largar o trabalho. Ele parecia contente com o que ela fazia e agora, pensando melhor, percebia que os conflitos eram todos da parte dela. Ela que achava que tinham problemas, no geral, de comunicação. Ele não discutia, não batia boca, não se alterava quando ela discutia e batia boca e se alterava com ele. Dan nunca se deixava ser vulnerável como ela. Stella se lembrava que, mesmo nos debates políticos mais calorosos, ele permanecia confiante, exatamente como havia ensaiado, só mudando o tom de voz quando tentava aparentar positividade e esperança rumo ao futuro do país, quando explicava suas propostas para a melhoria da saúde ou da educação. Talvez ela estivesse sendo injusta em achar que tinham problemas. Eles transavam todo domingo, religiosamente. Ele nunca reclamava de nada, então se havia algo errado, era bem provável que fosse com ela.

– Boa tarde, como vai? – ela disse à mãe, acompanhada de um bebê gorducho e sorridente, recém-nascido. Adorava quando o paciente ainda era bebê. Imagina se soubessem que ela, pediatra adoradora de bebês, não queria ser mãe? Quando contou isso a Dan, ainda na época do namoro, ele não pareceu indignado, muito pelo contrário, sua expressão revelara certo alívio. Será que as coisas mudariam se ele ganhasse as eleições? A imprensa passara um bom tempo especulando sobre esse aspecto da vida deles, mas Dan sempre respondia “ainda temos tempo”, com um sorriso paternal no rosto, e eles o deixavam em paz. Era tão estranho ter sua vida íntima exposta daquela maneira. Quando se conheceram, Dan já havia recebido o convite para se tornar político. Ele acreditava que seria para cargos locais, como deputado ou no máximo governador. As pessoas pareciam amar sua história humilde, seu heroísmo quando quase morrera como agente infiltrado e prendera um dos chefões do tráfico. A TV e a mídia o adoravam por seu rosto anguloso e seu

jeito simples e tímido de falar. Ele era bem-apegoado, mas não exageradamente sedutor. Um fato que normalmente pesava contra políticos, a falta de uma educação tradicional, agora pesava a seu favor. Dan não tinha tido a chance de frequentar uma universidade, era um “homem do povo”, como gostavam de chamá-lo – embora vivesse muito bem e cheio de regalias. Mas para ser do povo e ao mesmo tempo aceito pela elite, ele tinha de ter algo a mais. E Dan tinha. Uma beleza contida, um sorriso humilde, porém confiante, e o principal: um carisma contagiante, um charme que ele confessou à esposa ter aprendido com um de seus investigados do passado. Stella, por mais que preferisse mentir para si mesma, também fora seduzida por essas características tão bem exploradas pelo marketing político. Mas agora, depois de quase três anos de casados, ela se perguntava, sem ter ideia da resposta: quem é Dan Jager para além do que é mostrado na mídia, além do seu perfil político?

Ela atendeu mais bebês até o fim da tarde, depois voltou para a casa vazia. Pensou em pedir algo para comer, mas não sabia quando Dan voltaria de seus compromissos, então decidiu checar a geladeira. Abriu uma garrafa de vinho, foi para a sala de estar, decorada em tons pastéis, ligou a TV e procurou um filme para assistir, ainda com a pergunta de Gemma reverberando em sua mente. Pegou alguns álbuns de fotografias que estavam nas prateleiras ao lado da TV e começou a folhear o de seu casamento. Ela ainda usava o cabelo pintado de preto e sorria, olhando para o marido. Ele retribuía o sorriso e ela se lembrava com exatidão do que sentira naquele dia. Era um misto de medo e excitação. Tudo entre eles acontecera rápido demais. Apesar de tudo, ele era bom para ela. Nunca achou que se casaria, sempre acreditou que acabaria sozinha, como o pai costumava dizer quando brigavam. Pois bem, lá estava ela, casando-se com um “bom partido” e com um “futuro brilhante pela frente”, como diziam os poucos convidados que compareceram à cerimônia. Robert estava lá, ele já era uma presença constante na vida de Dan desde aquela época, e fora o responsável por organizar o casamento e levar os fotógrafos. No dia seguinte, as fotos estampavam alguns jornais e a imprensa noticiava a união. Pouco depois Dan teve sua candidatura anunciada à presidência, e seu discurso, associado à imagem de policial herói que salvou o país dos traficantes, foi explorado ao máximo.

Naquela época, ele ainda se sentia à vontade para falar com mais honestidade, seu discurso não havia sido polido e ensaiado para que falasse

como um candidato. Apesar de não concordar com muitas de suas opiniões, Stella gostava mais do Dan daquela época, quando sentia que ele era mais honesto e genuíno. Antes ela saberia responder à pergunta de Gemma, mas agora se sentia perdida. O marido tinha mudado pouco, tinha que admitir, a mudança não era nada grave ou chamativa, ele sempre fora calado, transparecia um certo distanciamento e, talvez, um quê de frieza. Não era emotivo, ou pelo menos não demonstrava abertamente suas emoções, mas agora parecia que aquela frieza havia se internalizado, o teatro político se confundia com a vida real. Talvez ele tivesse apenas se perdido de si mesmo depois que a política entrara em sua vida, pensava Stella enquanto bebia sua terceira taça de vinho, liberdade que se permitia apenas quando o marido não estava em casa. Ele odiava bebida, tinha uma opinião um tanto acalorada sobre “os fracos que se deixam levar pelo álcool”, mas uma taça não era motivo de reclamação, desde que o consumo fosse moderado e ela não exagerasse. Quando foi que ela se imaginou num relacionamento com um cara careta daquele jeito? Nunca, mas lá estava ela, e por mais que tentasse, não conseguia enxergar como tinham chegado até ali, e quanto mais pensava, mais distante se sentia do marido. Mas agora parecia tarde demais para tais questionamentos. Eles estavam casados. A ela restava descobrir com quem.

Capítulo 3

Era noite quando Dan foi até o cubículo de Lisa. Ela trabalhava mesmo nos fins de semana, sem folgas, devota à sua candidatura e àquilo que ela representava, e Dan sabia que ela seria perfeita para aquela missão. O QG da campanha política ficava num prédio que mais parecia um galpão, sem paredes, com apenas duas salas de reunião separadas do restante da equipe e uma cantina nos fundos do prédio. Estava lotado de mesas com computadores e telefones, e Lisa checava os últimos números das pesquisas eleitorais quando Dan se aproximou. Ele a chamou pelo nome e perguntou se ela tinha um minuto, “sei que já é tarde”, disse, mas Lisa não se importava com a hora.

– O que o senhor precisa? – ela sorriu. Ficava feliz em ajudar. Ele disse que era confidencial e pediu a ela para acompanhá-lo até a área de fumantes onde poderiam conversar com privacidade. Lisa o seguiu, carregando a caderneta, feliz como um cãozinho quando o dono quer brincar.

– É um assunto delicado, e eu não confio em muitas pessoas para tratar dele, por isso peço sua discrição.

Lisa assentiu sem dizer coisa alguma, disfarçando a excitação trazida pela curiosidade. Eles estavam em uma área aberta, que àquela hora estava vazia, o ar frio fazendo-a se encolher. Dan disse ter recebido um envelope contendo informações sobre seu passado, algo que ele não havia contado nem para sua esposa e que poderia acabar com suas chances presidenciais.

– Eu fui casado com uma mulher há quase quatro anos, foi um casamento breve, meses, para ser mais exato. Um relacionamento sem importância, por isso não falei nada a ninguém. No entanto, nós só finalizamos o divórcio quando eu pedi Stella em casamento. Nós já estávamos separados, não houve traição, nada disso. Porém o fato de eu nunca ter dito nada a esse respeito pode nos causar problemas. Nem sei como esse casamento não veio à tona antes, mas sei que vão tentar usar isso contra nós – ele passou as mãos nos cabelos espessos e olhou para cima. – É quase um presente para eles que estão desesperados, logo na reta final da campanha.

Lisa permaneceu calada, quase não respirava. Dan a pediu então para marcar uma reunião com Solange, sua ex-esposa, a fim de conversar sobre o que diriam à imprensa, para entrarem em acordo.

– Stella não sabe desse meu casamento, e eu vou falar com ela ainda hoje sobre isso. Mas com ela eu me entendo. Solange, por outro lado... bem, com Solange pode ser difícil. Ela é... como posso dizer... imprevisível – ele deixou escapar um sorriso nervoso. – Se eu ligar para marcar, ela não vai aceitar se encontrar comigo, tem que ser outra pessoa, tem que ser você.

– Tudo bem, mas em relação à sua ex-esposa, como abordá-la, já que ela é, como você disse, imprevisível? – Lisa perguntou tentando aparentar normalidade, controlando a entonação de sua voz e sua expressão facial, como se aquela notícia não a tivesse chocado. Tanto Dan ter sido casado anteriormente quanto a revelação de que nem Stella sabia daquela informação, a deixou confusa.

– Pensei em mandar flores, através de você, e um cartão dizendo do que se trata, afinal, ela vai ser procurada pela imprensa assim que essa informação vazar. Seria melhor nos adiantarmos e termos tudo conversado. Vai ser bom para ela também que estejamos na mesma página. Ela é empreendedora e está prestes a se aposentar da carreira de modelo, segundo o que andei pesquisando, de modo que acredito ser de interesse dela resolver essa situação o quanto antes.

Lisa perguntou se não havia um jeito de evitar que a informação fosse divulgada, mas Dan afirmou que não, eles não tinham nenhum “podre”, nada para usar contra Georgina, sua oponente, como ficha de barganha.

– Essa é a última chance que ela tem de tentar acabar comigo, sei que vai usá-la com tudo o que puder. É melhor estarmos à frente desse contratempo. Essa é a minha estratégia. Amanhã mesmo quero que você vá até Solange com esse bilhete – Dan a entregou um pequeno envelope e ela o agarrou com força, amassando-o um pouco. – Você acha que pode fazer isso por mim, Lisa? – ele disse de modo gentil, porém firme. Sabia que de todas as pessoas que trabalhavam para ele, ela era a única que o admirava de verdade, os outros estavam ali cuidando de seus próprios interesses.

– Claro, senhor. Sem problemas.

– Jamais me esquecerei da sua ajuda, num momento delicado como esse – ele segurou o braço de Lisa e ela sentiu seu corpo inteiro se eletrificar com aquele toque.

No metrô, a caminho de casa, Lisa pensava na sorte que tinha em ter um modelo em quem se espelhar, que confiava nela a ponto de confiá-la aquela missão. Como seria a tal esposa do passado? Seria ela tão egoísta quanto Stella? Lisa não entendia aquele casamento. Como Stella podia não estar lá,

no QG da campanha, ajudando, quando seu marido estava prestes a se tornar o presidente da nação? Pior, ainda falando em manter seu trabalho na clínica ao invés de assumir as responsabilidades de uma primeira-dama? Esses casamentos de hoje são tão estranhos, tão independentes, pensava. Ela jamais faria isso se tivesse um marido como Dan.

O trem parou e ela saltou, andando rápido, ansiosa para ligar o computador e pesquisar a tal ex-esposa de Dan. Subiu as escadas até o segundo andar, abriu a porta e largou a bolsa no sofá, tirando os sapatos. Colocou um saco de pipocas no micro-ondas, trocou as roupas sociais por pijamas, pegou o pacote fumegante e sentou-se na pequena cama de solteiro. Comia enquanto digitava as palavras “Solange da Silva Gomes modelo”, e voilá. Fotos profissionais com poses que só as modelos faziam apareceram na tela deixando-a de boca aberta. Então essa mulher era casada com Dan? Uma beldade daquelas, coitada da Stella quando souber, pensava, a tela iluminando o sorriso zombeteiro em seu rosto. Leu uma pequena biografia que falava sobre a carreira de modelo, a imigração para os Estados Unidos e seu amor por Nova Iorque, ela era brasileira. Pelo que Dan dissera, eles deviam ter se conhecido na época em que ele ainda era policial, quando trabalhava sob disfarce. Uma ex-esposa negra e latina poderia ajudá-lo com os votos dessa população. Por outro lado, corriam o risco de perder os votos dos eleitores mais conservadores, um dos focos mais importantes da campanha de Dan. Mas ele não era assim tão conservador, era apenas alguém que queria manter bons princípios tradicionais. Ela mesma não era conservadora, mas entendia o que ele queria dizer quando falava na importância da manutenção dos valores e costumes que nortearam as sociedades do passado. Mas as pessoas, nos tempos de hoje, distorcem tudo, entendem apenas aquilo que querem entender. Ele não era hipócrita, vivia o que dizia e acreditava, mas era estranho não ter contado a Stella sobre o casamento com a modelo. Estaria ele escondendo algo? Não, pensou ela, estava sendo paranoica e imaginativa. Ele não era como os outros, com certeza tinha um bom motivo para esconder essa informação da esposa. Talvez tenha sido só para evitar uma cena de ciúmes. Desligou o computador e tentou dormir. No dia seguinte pegaria o primeiro trem para Nova Iorque e o mistério seria resolvido.

Capítulo 4

O porteiro interfonou, havia uma entrega de flores. Solange permitiu que o entregador subisse, imaginando ser um presente do pessoal de sua última campanha publicitária. Tinha trabalhado durante aquela semana num ritmo frenético e descansava deitada no divã em frente à janela, feliz por ter alguns dias de folga até o próximo trabalho. Fechou o roupão felpudo e deu mais uma olhada pela janela. O prédio onde morava era silencioso e perto de tudo, mas o que definira a compra tinha sido a vista, ainda que parcial e um pouco distante, do Central Park, seu lugar favorito em Nova Iorque. A carreira de modelo e os inúmeros contratos publicitários tinham rendido um bom dinheiro e Solange se permitira esbanjar. Os negócios no Brasil, onde eram produzidos os cosméticos que levavam seu nome, também iam bem, e eram exportados para outros países. Até sua mãe, que chamava sua carreira de modelo de “coisa do demônio” e “perdição”, enchia a boca para falar da filha empresária.

Solange caminhou tranquila até a porta, sem imaginar que seu dia estava prestes a ser arruinado. Olhou pelo olho mágico e viu a figura franzina de uma mulher loira, com cabelos crespos presos num coque. Talvez ela ainda não conhecesse sua linha de produtos capilares, por isso não soltava a juba, pensou Solange, sorrindo.

– Bom dia, senhora Solange. Venho trazer um recado, um recado especial, será que eu poderia entrar para termos privacidade? – disse Lisa ao ver uma faxineira no corredor. Solange cumprimentou a faxineira com um sorriso amistoso e hesitou parada junto à porta, mas Lisa não se intimidou. – Meu nome é Lisa Monroe – ela disse, entregando o bilhete a Solange, que analisava as flores nos braços da moça. Seu rosto se transformou quando leu o nome do remetente.

– Não quero essas flores, pode levar com você e por favor, diga a ele que não me procure mais – Solange olhou para os lados, desconfiada, e sentiu as pernas amolecerem. Disse a si mesma “respira, não é nada demais, você está segura na sua casa”, tentando acalmar a súbita sensação de desconforto ao ler o nome no bilhete. Ia fechando a porta quando Lisa se adiantou, colocando-se mais à frente, impedindo-a.

– Por favor, senhora Solange, permita-me explicar. A história do casamento de vocês vai acabar na imprensa em questão de dias, e o candidato queria apenas conversar para que vocês cheguem a um consenso sobre o que falar, só isso – Lisa falava depressa e num tom de súplica, tentando convencer Solange a pelo menos ouvi-la, antes de ser expulsa de vez.

Solange não sabia o que fazer. Achava que essa parte de sua vida estava enterrada. Quando soube da candidatura de Dan pela mídia, previu que talvez fosse procurada pela imprensa, mas bastaria dizer que era tudo passado, como na verdade era mesmo, principalmente porque ele parecia feliz com a esposa e porque Dan e ela nunca tinham tido um relacionamento de verdade. Era tudo fingimento. Mas essa parte ninguém sabia. Tentou ver a situação de modo prático: se a imprensa iria expô-los, não tinha escolha senão se preparar. A moça parecia inofensiva de qualquer maneira, então Solange a deixou entrar. As duas ficaram paradas no hall do apartamento.

– O que a imprensa sabe exatamente? – disse quase sem sair som de sua boca.

– Não sei os detalhes, por isso a senhora deveria conversar com ele. Vim para marcarmos uma hora, a mais conveniente para a senhora.

Solange analisava Lisa enquanto pensava. De perto, a garota parecia ainda menor e mais frágil. Preferia resolver a questão sem ter de encontrá-lo.

– Preciso pensar. Quanto tempo tenho antes que a notícia vaze?

– Alguns dias, eu acho. Aqui estão todos os meus telefones e como você poderá me contatar para marcarmos um encontro. O candidato não deverá ser procurado diretamente, me ligue e eu darei o recado. Pode confiar em mim – Lisa sorriu mostrando os dentes pequenos pela primeira vez, agradeceu e foi embora.

Solange voltou para a sala, mas não conseguiu mais contemplar a beleza da vista. Será que a imprensa havia descoberto a compra do casamento? Esse sempre fora seu maior medo, mas à medida que o tempo passava, ela se permitia relaxar. Naquele momento, no entanto, pensava que deveria tê-lo procurado antes, na época em que Dan mandara o pedido de divórcio pelo advogado. Ela já tinha o greencard há algum tempo e pensava estar livre. Com as mãos trêmulas, mandou uma mensagem a Rosa, sua amiga de infância, que além de administrar a Sol Cosmetics, também era sua sócia no empreendimento. Queria saber se ela estava livre para conversarem. A amiga fez uma vídeo-chamada poucos minutos depois.

– A imprensa descobriu meu casamento com Dan e eu não sei exatamente

o que eles sabem, se eles sabem tudo, tudo...

– Nós prevíamos que isso fosse acontecer, mas calma. Eles já estão de plantão no seu prédio?

– Ainda não. Parece que Dan conseguiu segurar a história por mais uns dias, para podermos conversar antes.

Rosa ficou em silêncio por alguns instantes, depois disse que Solange deveria marcar a reunião o quanto antes.

– Talvez eles não sabiam de toda a história. Mas se o pior acontecer, prefiro que você esteja aqui no Brasil – Rosa era advogada e conhecia bons juristas que poderiam ajudar Solange nos Estados Unidos, mas achava mais seguro que ela estivesse em sua terra natal.

– Eu não vou fugir – disse Solange, ofendida.

Rosa explicou que não se tratava de fugir, mas sim de se preservar. Solange poderia ser presa e deportada.

– Vou falar com o Diego, a esposa dele é especialista em direito internacional e vai saber nos orientar melhor.

– Não, não quero me preparar para o pior, você me conhece. O universo tem que entender que não vai acontecer nada, para que de fato nada aconteça. Talvez não seja nada, né?

– Mas você vai ter que se encontrar com ele, não temos escolha. É o único jeito de saber o tipo de informação que eles têm sobre você. Daí podemos pensar numa estratégia.

Mais um silêncio tomou conta da conversa. Era possível perceber a apreensão no rosto de Solange através da tela do celular.

– Eu sei que você o odeia, sei que ainda tem muita coisa que você prefere deixar escondida debaixo do tapete e que agora elas voltaram à tona. Mas como você mesma diz, o universo está te mandando um recado para resolver assuntos pendentes, e você terá de ser prática.

– Certo.

– Amiga, se acalma, respira fundo. Vai dar tudo certo. Vocês dividiram o mesmo teto e ele sempre foi... bem, ele era normal, não? Vocês eram amigos, ele te ajudou em muita coisa, foca nisso. Talvez não seja tão ruim assim. Mas liga o quanto antes, para resolver tudo logo e você não ficar pensando e pensando e criando um monstro dessa situação, que talvez nem seja tão complicada.

– Você tem razão, melhor encarar logo e me livrar disso. Depois te mando notícias. Beijos.

Solange desligou o celular com o coração apertado. Tentou se convencer de que Dan não era seu inimigo, afinal, ele poderia tê-la denunciado pelo casamento comprado quando eles ainda trabalhavam na boate, anos atrás, ele como segurança e ela como garçonete. Mesmo depois que tudo foi abaixo e ela descobriu que ele era, na verdade, um policial disfarçado, seu status como imigrante não mudou. Ela sentia que aquilo era uma espécie de compensação por Dan tê-la usado durante a Operação Manhattan, mas também porque eles se envolveram de verdade por algum tempo. Apesar disso, era difícil esquecer todo o terror que passara por causa de Dan e sua investigação.

Na época, ela estava desesperada em busca de uma solução que a permitisse ficar nos Estados Unidos, ou ao menos estender seu visto. O policial se oferecera para ajudá-la com um casamento arranjado, mas na verdade só queria se aproximar de Carlos, seu namorado da época, alvo da investigação, que não queria se comprometer num relacionamento mais sério. Dan acabara salvando os dois: dera o greencard à Solange, e livrara Carlos da situação embaraçosa em que se encontrava. Solange preferia não ter uma dívida dessas com ninguém, então se não fosse por amor, que fosse um negócio. Assim, ela pagara a Dan uma boa quantia em dinheiro pela transação, sem saber que Carlos era um traficante. De qualquer modo, os dois logo terminaram o namoro. Dan e Carlos começaram a trabalhar juntos em outros negócios, no setor de “segurança pessoal”, que mais tarde ela descobriu ser o tráfico de drogas; e os três tocaram suas vidas como se nada tivesse acontecido. Parecia tudo bem, ela acreditava que eles eram seus amigos. Acreditava inclusive que Carlos e ela eram muito descolados por terem terminado o relacionamento, mas ainda assim continuarem amigos. Quando pensava nisso, sentia uma vergonha súbita de ter sido tão idiota.

Mas o mais assustador disso tudo era o fato de Dan ter fingido tão bem que Solange nunca desconfiara de nada. Ou será que ela é que se deixara enganar e não vira o que estava bem diante de si? Não importa, não havia mais nada que pudesse fazer, era passado. Dan havia retornado a Washington, Solange começara a trabalhar como modelo, e os dois nunca mais se viram. Ela ainda tinha muitas dúvidas a respeito da extensão de todo aquele teatro. Eles eram próximos, moraram juntos, chegaram a se envolver romanticamente. Aquilo também fora uma mentira? Não fazia a menor ideia. Ainda assim, nada a atormentava tanto quanto o desfecho da investigação. Cenas daquele dia insistiam em voltar na forma de pesadelos, que a deixavam em pânico no meio da noite, e ela já não sabia mais o que vira e o que

inventara. Talvez o trauma a tivesse influenciado e ela estivesse fantasiando. Dan não seria capaz, pensava Solange encarando o celular à procura de forças para ligar e marcar o encontro.

Capítulo 5

Stella espalhava o creme no rosto, já vestida com seu pijama de seda, diante da penteadeira do quarto aquecido. Dan, vestido dos pés à cabeça, terno e gravata, sentado numa poltrona confortável no canto do quarto, tomava café e a observava. Aquilo a irritava; tanto tomar café à noite, quanto ficar sentado num canto sem dizer nada, como se ela fosse um quadro abstrato complicado que o marido precisasse estudar para entender. Como se ouvisse seus pensamentos, Dan quebrou o silêncio:

– Precisamos conversar – ele disse olhando-a nos olhos.

– Tenho a impressão de que ultimamente é só isso que ouço, todo dia uma bomba prestes a explodir, o que é dessa vez? – Stella não se virou para olhá-lo, mas o rosto se enrugou numa careta de desdém. Dan continuou impassível em sua poltrona.

– É sobre o meu passado. Algumas coisas que eu não contei antes... não me pareceu importante, mas a imprensa vai publicar uma matéria sobre isso e acho melhor você saber por mim.

Stella não se mexeu, Dan pigarreou e prosseguiu:

– Eu fui casado antes de nos conhecermos. Tem mais de quatro anos e não significou nada. Foi um casamento breve, quando eu trabalhava como infiltrado. Foi uma mentira, do início ao fim. Por isso não contei a ninguém, pois era parte do meu trabalho. Mas alguém descobriu e vão publicar. Pode ser o fim da minha carreira política.

Ela se virou e olhou-o nos olhos.

– Casado!? Um casamento de “mentira”? O que significa isso? – Stella pronunciou as palavras com uma ênfase exagerada. Os olhos arregalados numa expressão de incredulidade.

– O casamento fazia parte do disfarce, era para ganhar a confiança do investigado, só isso.

Ficaram uns segundos calados até Stella perguntar, se segurando para não explodir:

– Quem é ela? Por que você não me contou antes?

– Você não a conhece, não foi um relacionamento real, mas a imprensa não sabe disso e prefiro que eles pensem que foi apenas um casamento breve.

Não posso revelar todos os passos de uma operação como aquela, simplesmente não posso.

– Quem é ela? – repetiu, vendo Dan se levantar. Ele ficou andando de um lado para o outro, e ela tentou mais uma vez. – Quem é ela? Por que você não me contou antes?

– Por favor, mantenha a compostura – ele disse percebendo a tensão no rosto de Stella. – Eu não contei antes por causa disso – ele gesticulou ao falar. Stella queria gritar e xingar, mas do que adiantaria? – Não há motivo para ciúmes. Foi por isso que não contei antes, é impossível ter uma conversa racional com você. O nome dela é Solange Silva, e hoje ela trabalha como modelo e empresária.

Stella pegou o celular e se pôs a digitar, pesquisando o nome da ex-esposa do seu marido. Ficou calada diante do que viu e Dan prosseguiu, observando a reação da esposa:

– Preciso que você diga, quando abordada pela imprensa, que não é nada demais, foi um casamento breve, é o que direi. Até porque ela não é uma figura política e nós não queríamos envolvê-la nessa sujeira.

– Quanta consideração por uma ex que nem foi real – Stella foi para a cama, passos pesados no carpete fofo, e começou a mexer na gaveta do criado-mudo. Pegou um comprimido de Valium e o mastigou inteiro, evitando assim o pânico que tomava conta de seu corpo. Toda vez que ela achava que a situação não podia piorar, algo acontecia. Pelo menos, a campanha eleitoral estava servindo para algumas coisas, uma delas era que os segredos do seu marido sempre vinham à tona, cedo ou tarde. Ela preferia, no entanto, que ele tivesse falado de seu passado como ela havia falado do dela. Minutos depois, já mais calma, ao analisar friamente a situação, achou que fazia sentido ele não contar sobre o casamento. “Não foi real”, foi o que ele disse, e se era mesmo quando ele estava disfarçado, talvez fosse mesmo verdade. Dan ficou calado, esperando por uma gritaria, mas ela apenas perguntou se tinha mais alguma coisa, qualquer coisa, “sem importância”, que ele quisesse falar.

– Agora é hora, coloca tudo para fora, porque eu não aguento mais ser a última a saber das coisas.

Ele se aproximou e se sentou na beirada da cama, as mãos acarinhando as pernas dela sobre os lençóis.

– Não, isso é tudo e eu vou recompensar você, prometo. Sinto muito colocá-la nessa situação. Eu realmente preciso melhorar, eu sei; e acredite,

estou trabalhando nisso. Mas quando digo que não foi real, eu realmente quero dizer isso. Era parte do meu disfarce.

Stella assentiu com a cabeça, fingindo para si mesma que estava tudo bem, que não ia se abalar com aquilo, que a vida dela não girava em torno da de seu marido.

Dan se levantou e foi tomar uma ducha rápida, depois se deitou ao lado dela e fez o que sempre fazia: deu um beijo na bochecha da esposa, disse que a amava e adormeceu quase imediatamente. Já ela, mesmo com o sonífero, não relaxou. Revirou-se na cama por quase uma hora até parecer que seria inútil tentar dormir. Foi para a sala de estar, escura e fria, caminhando nas pontas dos pés. Ligou o aquecimento e o abajur, sentou-se numa namoradeira estilo vitoriano e se cobriu com uma coberta peluda. Abriu o computador que estava na mesa de centro e voltou a pesquisar sobre a vida de Solange. Não conseguia parar de olhar as fotos da ex na internet, e vasculhou todas as redes sociais dela em busca de algo, não sabia bem do quê. Será que aquela garota sabia que o casamento deles fora uma mentira, será que ela se apaixonara e só depois descobrira que era tudo parte de um disfarce? Eles provavelmente tiveram que se envolver de verdade, senão ela desconfiaria. Fingimento ou não, tinham transado, feito planos, trocado confidências, todas essas coisas que casais fazem. Uma mulher como Solange, porém, não devia nem se lembrar mais de Dan. Devia ter tido muitos namorados depois dele, vivido muitas aventuras em viagens internacionais, com todo o glamour da vida de modelo. Talvez não tenha se importado com as mentiras, tanto quanto Stella se importava agora.

Ela se levantou e foi até um espelho de corpo inteiro, que ficava ao lado da lareira. Fez poses como as de Solange, jogou os cabelos para o lado, colocou as mãos na cintura, movendo o tronco. Tentava fazer uma expressão sensual e séria, boca entreaberta, como as modelos faziam nas revistas, mas pareceu apenas zangada e um tanto “chapada”, com os olhos caídos e a boca pronta para engolir moscas. Frustrada, voltou para o sofá e colocou um filme qualquer; acabou adormecendo. Por volta das seis da manhã, Dan a acordou com uma xícara de café fresco, ovos mexidos e torradas, preparados por ele. Ela agradeceu, eles trocaram um selinho, e Dan se despediu. Aquela semana prometia mais noites insones, pensou ao ver o marido saindo.

Lisa bateu na porta do gabinete principal onde Dan e os coordenadores de campanha estavam reunidos. Ela abriu um pouco a porta e, sem olhar para os outros, disse a Dan que se tratava de algo importante. Ele sabia o que era e se levantou num pulo, saindo apressado da sala. Ela disse em seu ouvido “está marcado, amanhã à noite, depois das dez, no apartamento dela. Já marquei com o motorista, discretamente, sem seguranças”.

– Já? Quanta eficiência, o que eu faria sem você? – sussurrou Dan, roçando de leve seus lábios no ouvido dela. Durou um segundo, mas foi o suficiente para desestabilizá-la. – Obrigado, de verdade – ele disse e deu uma piscadela discreta, depois voltou para a reunião.

Lisa retornou para seu cubículo para mais uma hora de telefonemas a possíveis eleitores. Essa era a pior parte do seu trabalho, mas ela fez tudo sorrindo. O futuro presidente sabia quem ela era, sabia seu nome, e contava com ela para resolver seus problemas.

Talvez ele a contratasse para trabalhar na Casa Branca e ela nunca mais sentiria a humilhação de ser invisível, de ter estudado com bolsa, de não ser bonita ou interessante. Sua mãe teria orgulho dela, talvez até parasse de criticá-la por não ter tempo de visitá-la, por não ter um namorado, ou, como a mãe dizia, gargalhando depois de ter tomado umas cervejas, por ser uma “frígida”. Era brincadeira, ela sabia, mas aquilo a magoava. Não era como se não quisesse namorar, mas também não queria ser como a mãe, uma mulher que trocava de namorado a cada mês e vestia roupas curtas e justas, de gosto duvidoso, moldando a barriga de chope. Lisa era diferente, tinha classe e estudo, e os homens se intimidavam com mulheres assim, honestas e seletivas. E agora ela estava sendo recompensada. O futuro presidente dos Estados Unidos dissera “o que eu faria sem você?”. Ela queria tatuar essa frase para se lembrar de seu valor, mas tatuagens eram adereços muito marginais. Ela vira uma rosa delicada tatuada na nuca de Stella. Nela parecia bonito, mas Stella nascera em berço de ouro e não sabia o que era prezar por sua imagem 24 horas por dia para não ser julgada como escória. Mas aquela frase, que não saía de sua mente, “o que eu faria sem você?”, era tudo o que ela precisava para seguir. Uma prova de que estava no caminho certo.

Capítulo 6

Solange bebeu meio copo de uísque num gole só e abriu a porta. Eles se cumprimentaram de maneira fria e distante, e ela o conduziu até uma sala moderna, muito diferente do apartamento que dividia com Stella. Dan sabia que a carreira de modelo e os empreendimentos na indústria cosmética estavam indo bem, pois ele nunca deixara de se informar sobre a vida da ex-esposa, porém, não esperava que ela morasse num lugar tão privilegiado. Eles se sentaram bem afastados um do outro e por alguns instantes não disseram nada. O silêncio dele a irritou. Fora ele quem marcara um encontro para conversarem e agora ficava calado, olhando-a fixamente como se ela fosse de outro mundo.

– Vamos direto ao assunto – disse Solange, com rispidez, fitando-o diretamente pela primeira vez. Queria acabar com aquele encontro o mais rápido possível. – A imprensa descobriu que fomos casados. E? Qual o problema disso? – ela chacoalhou o gelo que restara no copo sem tirar os olhos de Dan, se esforçando para não deixar transparecer seus reais sentimentos diante dele.

– Vou dizer a eles que o casamento foi breve e que, por você não ser da política, não seria justo arrastá-la para o meio de uma campanha eleitoral como essa. Esse é o meu plano, mas também é a verdade.

– Ah, claro, você sempre preocupado com a verdade. Quem inventou a linda história da sua família trabalhadora? Do seu bom pai?

– Você também não é um exemplo de honestidade – disse Dan com a voz calma e baixa.

– Ah, é? E o que foi que eu fiz? – Solange não queria cair naquele joguinho de palavras e acusações, mas havia guardado tanta coisa por tanto tempo, que não conseguia se controlar.

– Para começar, você pagou pelo seu greencard, mas eu poderia falar do nosso casamento, do seu relacionamento com Carlos, que não terminou mesmo depois de você já estar comigo... deixa eu ver, deve ter mais...

– Eu não continuei com o Carlos depois de nós... – não terminou a frase. Estava intrigada pelo que Dan dissera. Desde quando ele se importava?

Os dois ficaram calados novamente, sem saber como continuar a

conversa, como se tivessem voltado ao passado. Dan balançou a cabeça.

– Não importa, Solange, já passou. Eu só quero que nós possamos contornar essa situação com o mínimo de turbulência possível. Qualquer coisa que você disser sobre minha família, meu passado, pode acabar com a minha eleição. Gostando ou não, eu estou nas suas mãos...

Esta última frase fez Solange rir, quanta ironia. Até aquele momento ela não tinha certeza se tudo o que sabia sobre Dan era parte do disfarce ou não. Ele havia contado intimidades sobre sua família quando ensaiaram para a entrevista de concessão do greencard. Quando ela o viu na TV falando sobre isso, sobre ter sido criado sozinho por um pai amoroso, ficou confusa, achando que a história do pai alcoólatra e abusivo fosse uma mentira, mais uma, talvez para que ela sentisse pena dele. Mas Dan acabara de confirmar, não era, ele mentira na TV, para seus eleitores, e não para ela; e ela não sabia o que era pior.

– Eles sabem... a imprensa sabe sobre a compra do casamento? – ela perguntou olhando para baixo, tentando abordar a única questão que, para ela, importava de verdade.

– Não, de jeito nenhum – ele falou com firmeza, e Solange relaxou um pouco.

– Então, se é só isso, não precisava ter tido o trabalho de vir até aqui, não vou dizer nada a ninguém, não tenho o menor interesse em me meter na sua campanha ou te expor. Depois... você também sabe dos meus segredos. Podemos dizer que estamos quites. Eu não falo nada, você também não, assunto encerrado. Agora, se você não se importa... – Solange se levantou rápido e caminhou em direção à porta, indicando que a conversa entre eles estava terminada. Dan a seguiu, eles se despediram com um aceno e ela fechou a porta atrás de si.

Solange voltou para a sala e se serviu de mais uísque. Percebeu as mãos trêmulas e disse a si mesma que estava tudo bem, fora melhor do que ela imaginara, na verdade. Mas ele ter perguntado sobre Carlos, desconfiando que ela estava se relacionando com os dois ao mesmo tempo, depois de anos, aquilo era estranho. Por que ele parecia se importar com isso se era tudo parte do disfarce?

Passou o resto do dia ansiosa, perambulando pela casa, abrindo a geladeira em busca de nada, checando o celular, trocando os canais na TV. Decidiu ir à academia, onde ficou mais de duas horas treinando até sentir seu corpo bambo de exaustão. Voltou para o apartamento e encheu a banheira

com sais de banho e água quente. Escolheu um vinho caro, levou a garrafa debaixo do braço, colocou uma playlist de músicas brasileiras no volume máximo e entrou na banheira, sentindo os músculos relaxarem. Deixou as lágrimas caírem, pensando que o pior havia passado, e nem tinha sido tão ruim quanto imaginara. Ainda assim, se sentia confusa, e concluiu que não era a única. Pelo menos não estava sozinha.

– E aí, como foi? – perguntou Lisa com diligência. Ela havia ficado esperando no carro, aflita. Não achava que o encontro seria tão rápido, mas a julgar pela cara de Dan, devia ter sido ruim.

– Tudo certo. Ela vai confirmar minha história, “casamento breve, blá blá blá” – ele disse sem olhar para ela, deu tapinhas no ombro do motorista e eles seguiram.

A resposta de Dan deixou Lisa com ainda mais perguntas, no entanto, ela preferiu se calar, perguntando apenas se ele precisaria de mais alguma coisa, ao que ele respondeu “não” e os dois passaram o caminho inteiro, de Nova Iorque até Washington, em silêncio. Tinham viajado de carro, pois assim conseguiam ficar longe da imprensa e evitar perguntas no comitê de campanha, já que ele ainda não havia contado aos demais sobre a notícia que poderia colocar em risco sua candidatura. Lisa especulava sobre o que Solange teria dito para deixar Dan com aquela cara. Talvez ele estivesse apenas cansado, era tarde, e mesmo estando tudo acertado com Solange, não podiam saber como a imprensa iria tratar do assunto. Lisa já podia até ver as manchetes: *“Quem é a ex-esposa misteriosa de Dan Jager? Por que ele não falou dela antes? Teria algo a esconder?”*.

Ela poderia se adiantar e formular algumas respostas a perguntas como aquela, que inevitavelmente surgiriam, mesmo sem ele ter pedido nada; poderia mostrar sua competência, agarrar a oportunidade e se sobressair. Eles bem que precisavam de alguém do sexo feminino no time de gerentes de campanha. Algo como “conselheira de campanha” já seria o suficiente, sonhava ela, espiando a expressão de Dan pelo canto de olho. Ele parecia exausto, os lábios comprimidos formando uma linha torta, o olhar perdido. O que será que aconteceu para ele ter ficado daquele jeito? Ele parecia tão animado antes... A viagem seria longa, ainda mais ao lado de uma pessoa

muda e com aquela carranca, então ela abriu seu laptop e se pôs a trabalhar. Apesar do cansaço, não se atreveria a cair no sono com a boca aberta ao lado dele. Deu mais uma espiada em direção a Dan e viu que ele permanecia do mesmo jeito, quase imóvel, olhando pela janela. Talvez fosse só isso mesmo, ele teve um dia longo e estava cansado, concluiu e voltou ao trabalho.

Capítulo 7

Gemma esperava Stella com café e bolachas velhas que pareciam ter perdido a crocância há muito tempo, murchas como ela se sentia toda vez que entrava ali. Stella não tocou nelas, mas aceitou o café.

– Não sei se foi uma boa ideia tratá-la como uma paciente, não é ético.

– Eu sei, você tem razão, mas que outra alternativa eu tenho? Acredite, eu preferia não estar aqui... nada pessoal! – ela se apressou em acrescentar. Pior que estar ali era ter que implorar para isso, mas sentia que era um mal necessário. Tentou descurvar os ombros e mostrar-se interessada na sessão. Sorriu, respirou fundo, ergueu o queixo e prosseguiu: – Como amiga você não me desafiaria a ver as coisas de outro modo. Como posso saber se o que eu sinto é real ou paranoia? Se você ouvisse as coisas que o pessoal da campanha inventa, também ficaria paranoica. Depois, eu não confio em mais ninguém.

Gemma, ainda que relutante, concordou em continuar, mas enfatizou que aquela situação seria temporária, sua carreira poderia sair comprometida e a amizade delas também. Stella assentiu, também não tinha intenção de prolongar a terapia além do necessário. Ao mesmo tempo em que odiava estar ali, sentia que precisava conversar abertamente com alguém a respeito do casamento. Gemma a ajudava a ver a situação por outra perspectiva e apesar de tudo, ela gostava de ser desafiada nesse sentido.

Stella se ajeitou no sofá enquanto Gemma pegava seu caderno de anotações, preparando-se para iniciar mais uma sessão.

– Você pensou no questionamento da última semana? Quem é Dan Jager? Não o candidato, mas o seu marido.

– Pensei, e não cheguei a nenhuma conclusão. O que tem me assustado nesses últimos tempos é o quão bom ator ele é – fez uma pausa como se precisasse de forças para dizer em voz alta o que estava prestes a falar. – Os coordenadores da campanha dizem o que ele tem que dizer e como, e ele faz exatamente como é esperado, só que melhor. Ele entra no palco e se transforma em um Dan que eu não conheço, mas o pior disso é que, em alguns casos, esse Dan é melhor que o original, em outros, ele... ele me assusta – Stella olhou para baixo e colocou a xícara de café na mesa de

centro. Gemma perguntou qual parte era melhor que a original, se ela conseguia apontar com precisão, traçar um perfil, e Stella assumiu um ar de devaneio. Um filme passava diante de seus olhos.

– Os sorrisos, como ele cumprimenta todo mundo com respeito e afeto, quando ele fala de sua infância, de seus pais trabalhadores... a única coisa que eu sabia sobre os pais dele é que eles estavam mortos. O resto fiquei sabendo depois que a campanha começou.

– Mas você o viu antes na TV, quando a Operação Manhattan prendeu os traficantes. Você se lembra de Dan nessa época? Vocês se conheceram pouco depois, não foi?

Stella balançou a cabeça em concordância.

– Era um sorriso contagiante, embora contido, que ele dava quando algum repórter o bajulava, enumerando os feitos da operação, tratando-o como herói. É um sorriso parecido com o que ele dá aos eleitores, mas se pensarmos bem, eles também o idolatram, e quase pelo mesmo motivo; um homem simples, que se destacou por ter exercido um trabalho excepcional. Então, em certa medida, ele sorri pelo mesmo motivo.

– Você acha que esses sorrisos são falsos? – Gemma não tinha mais seu ar de tédio costumeiro. Parecia bem interessada na resposta.

– Não tenho certeza, sei que é contagiante estar numa arena cheia de gente gritando o seu nome, seria impossível ele não ser influenciado por isso. Mas é que depois, quando acaba, ele volta automaticamente para a seriedade de sempre. Para ele é contagiante apenas até sair do palco. Eu fico tão eufórica que nem consigo dormir direito, e eles nem estavam gritando o meu nome, por isso tenho minhas dúvidas.

– Como ele era quando vocês se conheceram? O que difere dos tempos atuais?

– Ele era atencioso, me olhava como se me admirasse. Sempre foi calmo, falava pouco, e isso continua igual. Mas agora a calma dele me irrita, pois ele deveria não ter calma pelo menos algumas vezes, principalmente quando brigamos. Mas nada acontece... parece que ele não se importa.

– Você gostaria que ele perdesse a calma mais vezes? Brigasse mais vezes? – Gemma a olhava por cima dos óculos, sua voz tinha um tom de ironia, ou pelo menos foi assim que Stella interpretou.

– Do jeito que você fala parece que eu sou louca – Stella se ajeitou mais uma vez na cadeira. – Eu queria que ele fosse mais como todo mundo, mais... humano.

– Você acha que calma não é uma característica humana?

– Pode até ser, mas não desse jeito. Não é como se ele tivesse se iluminado como um iogue, ele tem essa calma toda porque... sei lá, parece que não se envolve pessoalmente com os outros à sua volta. Mas é difícil dizer, pois ele não conversa comigo, nunca sei o que está pensando.

Gemma observou Stella em silêncio e perguntou se com suas últimas palavras ela queria dizer que Dan não era empático.

– Acho que essa é a palavra: empatia! – por um segundo ela quase vibrou, feliz por Gemma parecer entendê-la. Depois se deu conta do que acabara de insinuar e os ombros voltaram a cair. – Acho que ele não é muito empático, ou talvez... não sei.

Ela explicou que durante a campanha eles conheceram muitas pessoas com histórias de vida emocionantes, de superação, muitas de sofrimento. Ela ficava pensativa por semanas, os rostos deles vivos em sua mente, mas Dan não parecia lembrá-los nem pelo próximo minuto.

– Não sei nem se ele os ouve, porém se formos analisar direito, são tantas pessoas que ele tem encontrado na campanha...

– Poderia ser um mecanismo de defesa, sabe, para não sofrer com absolutamente tudo o que dizem. Para conseguir se manter forte – disse Gemma com um leve sorriso.

– Faz sentido, ele me diz o tempo todo, na verdade, que eu sou muito emotiva. Ele pensa isso das mulheres; que somos frágeis por sermos emotivas. Mas do jeito que ele fala não parece que ele está sendo machista, de algum modo ele faz parecer que se preocupa.

– Isso a assusta também? Ele falar coisas que, se fosse outra pessoa falando, você condenaria?

Ela respondeu que sim e continuou:

– Recentemente, ao contar sobre seu casamento passado, ele falou como se eu estivesse exagerando em minha reação.

Gemma, que olhava o caderno um tanto distraída, levantou a cabeça tão rápido que seus óculos balançaram sobre o nariz. Ela os ajustou com cuidado, respirando pausadamente.

– Casamento? Que casamento? – agora era Gemma quem procurava uma posição melhor na cadeira, fazendo barulho contra a poltrona de couro. Stella contou tudo a amiga. Disse que foi parte do disfarce na época da Operação Manhattan e que, por isso, não foi um casamento real.

– Ele quer racionalizar esse casamento, mas eu tenho minhas dúvidas... e

aí ele vem com esse papo de que eu sou emotiva e estou levando para outro lado, colocando sentimento onde não existe. Ele faz parecer que eu sou louca de não ver do mesmo modo que ele, com objetividade. O pior é que ele me contou isso só porque a imprensa vai publicar essa história muito em breve.

Gemma alegou que se foi para manter o disfarce, talvez o casamento não tenha sido mesmo de verdade, talvez não tivesse tanta importância.

– Foi isso o que pensei, porém quando perguntei o nome dela, ele ficou estranho... tinha algo ali.

– Será que você não está com ciúmes?

– Que merda! Você está parecendo minha inimiga, falando igual a ele...

Stella se levantou e começou a andar pelo consultório, depois sentou-se novamente deixando-se afundar na poltrona. Gemma se desculpou, disse que não era sua intenção, mas que ela tinha que fazer aquelas perguntas, como terapeuta.

– Cá entre nós, como amigas, acho estranho sim ele não ter dito nada, mas talvez seja isso mesmo, parte do disfarce. Às vezes a gente lê nas entrelinhas coisas que não estão lá, mas sim em nossa cabeça. Isso se chama projeção. E é difícil manter distância suficiente para enxergar, vocês são casados, afinal, você está investida emocionalmente, é normal.

– Eu sei, desculpa pelo meu rompante. As mulheres são muito emotivas – disse com um sorriso amargo no rosto. – Você acha que uma terapia de casal seria melhor que só eu aqui falando?

Gemma arregalou os olhos diante da sugestão.

– Acho que não é para tanto, Stella, não é para tanto.

Gemma mudou rapidamente de assunto e perguntou pelo pai de Stella. Ela suspirou e disse que eles não tinham se falado recentemente, “é como se tivéssemos, por fim, aceitado que nosso relacionamento nunca irá melhorar”. Gemma havia acompanhado de perto as tentativas da amiga de se aproximar do pai. Como terapeuta, ela achava que Bruce culpava Stella pela morte da esposa, que morreu em decorrência de complicações no parto, no entanto, nunca dissera nada à amiga, seria duro demais e ela achava que Stella também já havia feito aquela conexão. Até essa nova vida que Stella inventara para si mesma, no último ano da faculdade e depois casada com Dan, uma fachada tradicional e conservadora, parecia mais uma necessidade de se distanciar do pai, do que qualquer outra coisa. Tendo sido rejeitada por tantos anos, ela respondera como pôde, rejeitando tudo o que ele representava, pensava Gemma, adepta da filosofia da explicação mais

simples ser a correta. Mas não era só isso, Stella precisava de limites, e a estabilidade de um casamento a fazia bem, mesmo que ela reclamasse do marido.

Vendo que a amiga não falaria mais, Gemma contou sobre suas aulas na universidade, e elas conversaram até o fim da sessão sobre suas carreiras, como faziam antigamente. Apesar disso, Gemma não parava de pensar nesse outro casamento de Dan. Era a primeira vez que ela ouvia sobre uma ex-mulher, e achava aquilo muito estranho.

Capítulo 8

Solange acordou tarde depois de cair na cama exausta pela tensão do dia anterior. Tentava se convencer de que Dan só estava fazendo o trabalho dele na ocasião da Operação Manhattan, e agora não tinha nenhuma intenção de prejudicá-la. Não havia motivo para transformar aquilo em algo maior do que era.

Preparou um café forte e sentou-se na sala de estar, onde escutou um burburinho atípico, para o qual não deu atenção. A cafeteira apitou assustando-a, ela pegou o café quente e fez como em todas suas manhãs desde que se mudara para aquele prédio: foi até a janela para observar os movimentos da rua. Demorou alguns segundos até perceber que a multidão acampada em frente ao prédio era para ela. Ligou a TV e colocou no canal de notícias. Lá estava seu rosto, a imprensa já descobrira sobre seu casamento com Dan. Apesar do sucesso como modelo, Solange levava uma vida reservada e tinha uma boa relação com a mídia. Nunca se sentira perseguida ou intimidada por eles, mas a política e seus escândalos eram outro departamento no qual não tinha nenhuma experiência. O celular tocou, era Rosa.

– Tem um monte de gente em frente ao meu prédio. O que eu faço? – perguntou olhando pela janela.

Rosa ponderou por alguns instantes, mas percebeu que também não sabia como agir numa situação como aquela.

– Não faz nada – sugeriu, por fim. – Muitas pessoas casam e descasam, é normal. Eles estão curiosos, provavelmente para saber se há algo mais, algo comprometedor, digno de ser publicado. Todos à procura de um furo de reportagem. Quando perceberem que você não irá falar nada, eles vão desistir.

Mas Solange achava difícil ser assim tão objetiva quando o assunto era seu casamento com Dan. Havia tanta coisa em jogo. Decidiu trancar-se em casa pelo menos por enquanto.

– Vou ficar em casa e desmarcar o jantar com James. Depois dessa campanha publicitária, vou anunciar minha “aposentadoria”. Tão estranho falar nisso na minha idade.

James fora seu primeiro fotógrafo, a pessoa que conseguira seu primeiro contrato no mundo da moda. Desde então eles se tinham se tornado grandes amigos.

– Se é isso mesmo o que você quer... só acho estranho porque você saiu de um ritmo intenso de trabalho, em que você não fazia outra coisa, não vivia a vida, só trabalhava, e agora quer parar com tudo. Mas, por outro lado, assim você terá mais tempo para divulgar a Sol Cosmetics, expandir os negócios. Você viu o último plano de orçamento de marketing que te mandei? – desconversou Rosa, sabendo que Solange devia estar tensa, revivendo o pesadelo passado.

– Estou sem cabeça para isso.

– Talvez esse seja exatamente o momento para pensar em novos projetos, planejar seus próximos passos. Não fica com a mente focada no Dan, acho que você já sofreu demais por causa dele.

Solange concordava, sua amiga tinha razão, precisava de uma distração. Disse a Rosa que sua maior preocupação em não falar nada para a imprensa era que pensassem que isso significava que ela o endossava como presidente. Sabia quem ele era, ou pensava saber, as mentiras que contou e continuava contando, não queria fazer parte daquilo também. Era de arrepiar ver Dan discursando sobre família e honestidade na TV.

– Até eu me sinto mal, sabendo das coisas que você me contou... a gente tem reclamado de alguns políticos que falam tudo sem filtro, como uns animais ensandecidos, mas já pensou se todos fossem como Dan? Aquela fala pausada e ensaiada, o tom de voz sempre calmo, nem sei de quem tenho mais medo. Pelo menos com os loucos a gente sabe exatamente com quem está lidando, o que eles pensam, todo o preconceito que carregam.

– Sim, concordo. Dan, por outro lado, é um ótimo manipulador, até o Carlos que era desconfiado da própria sombra caiu no jogo dele. Você precisava ver a cara dele quando veio aqui, todo comedido, exceto quando eu falei que era honesta e ele trouxe o assunto do Carlos, assim do nada, daquela noite que eu não tenho lembranças até hoje...

– Sério que ele falou disso? Como vocês chegaram a esse assunto?

– Lembra que depois que fomos morar juntos no Queens, para manter a fachada do casamento, nós nos aproximamos e meio que ensaiamos um namoro? Eu nem estava apaixonada, nada disso, acho que era a culpa de ter pago por um casamento que me fez pensar que talvez, se fosse real, então não seria tão ruim, o crime era menor, desculpável. Eu já tinha terminado com o

Carlos e estava tudo bem, eles estavam trabalhando juntos... aí, numa noite em que eu estava feliz, as coisas pareciam estar finalmente dando certo para mim, saí com Martina. Nós fomos para a boate dançar, estava tudo ótimo, me diverti muito, Carlos nos servia drinks e tal... e depois não me lembro de mais nada, mas sei que nada aconteceu, eu realmente não queria mais saber do Carlos. No dia seguinte, ele foi atrás de mim querendo reatar o namoro, alegando que tivemos uma recaída e que isso tinha feito ele perceber que éramos perfeitos um para o outro. Eu não te contei? contei sim, eu fiquei furiosa com Carlos. E o Dan, de algum modo, ficou sabendo, mas eu só soube agora, pois ele disse “você se envolveu com Carlos depois de estar comigo”, sugerindo que eu menti para ele, que eu fiquei com o Carlos mesmo depois de termos nos aproximado.

– Eu lembro, nós até suspeitamos que Carlos tivesse te drogado, o que não sabemos até hoje se foi o caso. Mas é estranho Dan trazer isso à tona depois desses anos todos. A não ser que ele gostasse de verdade de você, e o envolvimento de vocês tenha sido mais que apenas parte do disfarce. Você deveria ter insistido, para saber o que ele queria dizer, colocar os pingos nos is, como se diz.

– Pois então... tem tanta coisa que eu não sei, tantas dúvidas sobre aquele período, o jeito como as coisas acabaram, aquele dia...

Solange parou de falar e Rosa ficou esperando em silêncio na linha. Vendo que a amiga não falaria mais, perguntou o que de fato acontecera no dia em que a Operação Manhattan terminou.

– Prefiro não falar sobre isso, até porque esse dia ainda é muito confuso, não tenho certeza de nada. Só não sei por que ele estaria assim tão apegado à possibilidade de eu ter ficado com o Carlos. Ele mentiu desde o início, para mim, para o Carlos, e sim, eu sei que manipular era o trabalho dele. E ele vai ser eleito, tão bom mentiroso que é. Mesmo dizendo um monte de merdas, fingindo e mentindo, reescrevendo sua história na TV para os eleitores que acham que ele é outra pessoa. Você sabia que o maior medo dele era que eu contasse sobre o que sei da família dele? Do pai alcoólatra, da mãe que os deixou para viver com outro cara, fugindo do pai dele... afinal na TV ele fala outra coisa, né?

Rosa disse suspeitar que ele estivesse mentindo não apenas para os eleitores, mas para si mesmo, porque talvez ele quisesse ter vivido a mentira que criou.

– Um pouco de terapia teria ajudado. Nessas horas sinto pena dele. Aliás,

você deveria tentar, jamais cansarei de falar nisso, você sabe.

– Eu sei, mas eu queria apenas enterrar essa parte da minha vida e sinto que se eu ficar falando só vai piorar. Mas chega de falar de mim, como você está?

Rosa falou um pouco sobre a Sol Cosmetics, do seu namoro à distância, da situação do Brasil, de suas preocupações a respeito do futuro do país, até que o interfone as interrompeu. Era James, trazendo o jantar, antecipando o desejo de Solange de ficar em casa. Ela se despediu de Rosa, correu até o quarto, prendeu o cabelo num coque alto, trocou o pijama e abriu a porta. James vestia o uniforme de sempre, jeans preto, camiseta branca e jaqueta de couro, o cabelo afro agora mais curto, e o sorriso encantador de sempre.

– Vi no noticiário e resolvi vir até aqui, mas a gente pode sair se você preferir – disse James dando um beijo no rosto de Solange e entrando rumo à cozinha, onde deixou os pacotes que trouxera do restaurante favorito dela.

Ela disse que preferia mesmo ficar em casa e os dois se sentaram na sala de estar com a TV desligada. Curiosa, perguntou a James o que a imprensa estava falando dela.

– Já fizeram um perfil completo da sua vida, uma biografia, digamos assim. Nada de ruim, para falar a verdade. Agora sobre o Dan... eles estão acabando com a raça dele, chamando-o de mentiroso e insinuando que ele não falou antes do casamento por você ser imigrante e latina, essas coisas.

– Eu não sei o que dizer, porque não quero transparecer que o estou defendendo ou que sou a favor das coisas que ele diz na campanha.

– Mas eles não vão sair daqui até que você diga algo. Por que você não contrata um estrategista, uma fixer? Hoje em dia ninguém fala nada sem antes perguntar a uma equipe de marketing e advogados. Você está nos holofotes, isso pode ser ruim para sua empresa, mas também pode ser proveitoso – James pegou o celular procurando por algo. – Conheço alguém que pode te ajudar nisso, vou te passar o contato. Ela é boa, chama-se Olivia Pope – os dois riram. Tinham assistido a todas as temporadas da série *Scandal* juntos.

– Só você para me fazer rir numa hora dessas.

– Você vai sair dessa de boa. Liga pra fixer, se ela não quiser ou não puder pegar seu caso, pedimos uma indicação.

Solange balançou a cabeça em concordância, depois contou da visita de Dan.

– Ele veio atrás de você? Que cara de pau – James parecia contrariado.

– Calma, ele queria me avisar que a imprensa já sabia, para me preparar. Você acredita que ele deixou escapar um certo ciúme do Carlos?

– Hum... bem, acredito sim – James se virou e encarou Solange nos olhos, como se estivesse prestes a dizer algo mais, porém ela se apressou em desconversar.

– Vamos comer? Não aguento mais falar disso – James concordou e eles se serviram da comida indiana.

Solange não queria se envolver com política, mas talvez uma especialista a ajudasse a sair com o mínimo de estragos à sua reputação quanto possível. Dan prometera guardar o segredo dela, desde que ela guardasse o dele. Porém, todas as vezes em que confiara nele no passado, fora traída. Dessa vez, no entanto, seria diferente. Ela estaria preparada para qualquer coisa que o futuro trouxesse, pensava enquanto comiam em frente à TV, vendo uma nova série. Ligaria para a estrategista no dia seguinte. Era melhor se precaver. Planejar seus próximos passos com objetividade a ajudaria a se distrair daquilo que preferira ignorar durante todos aqueles anos, todas as dúvidas que ainda tinha sobre o que vivera com Dan.

Capítulo 9

Os coordenadores da campanha estavam ultrajados por Dan não ter falado nada sobre o casamento com Solange. Todos os meses de trabalho, poderia ser tudo em vão. Como eles não souberam disso antes? Como deixaram passar algo assim? Agora, na reta final da campanha, parecia que Dan estava sabotando os esforços de sua equipe. Se ele tivesse contado mais cedo, eles não estariam naquela situação. Essa informação, por si só, não teria a força que tinha agora. Ele escondera algo dos eleitores e eles se sentiriam no direito de duvidar de suas intenções. Duvidar de tudo o que ele havia dito até então. Nos documentos antigos sobre o perfil de Dan, não havia nenhuma menção a algum casamento ou a relacionamentos conturbados que poderiam ameaçar sua candidatura. Ele parecia perfeito justamente por isso: não tinha passado, vida social, amigos ou namoradas. Sua vida era o trabalho.

Eles não sabiam que o casamento era parte de seu disfarce, pois Dan também omitira essa parte. Apesar de tudo, queria proteger Solange e os segredos que compartilhavam. Preferia encarar as consequências dessa omissão e se arriscar a perder a eleição. Solange mexia com ele de um jeito estranho, era algo que ele não conseguia controlar. Não sabia por que protegia um segredo como aquele, mas sabia que não mudaria sua posição, independentemente do que acontecesse. Estavam todos na sala de reuniões, ânimos exaltados, gravatas apertadas, tentando entender o que acontecera, em busca de soluções para saírem da crise.

– Eu te mato, seu calhorda! – esbravejou Raymond partindo para cima de Dan com os punhos fechados. Dan apenas se protegeu, enquanto Robert e os outros coordenadores tentavam separá-los. Os demais trabalhadores, do lado de fora da sala, pararam para olhar o que acontecia. Robert levou Dan para os fundos do prédio, ambos seguidos pelos olhares curiosos dos funcionários. Pediu a Dan que esperasse ali até que ele o buscasse e voltou dizendo aos outros funcionários para tirarem o dia de folga. Todos ficaram todos parados sem entender, e Robert repetiu, aos berros “vão, por hoje acabou, aproveitem o dia, vão, vão” e eles saíram apressados. No QG da campanha restaram apenas os coordenadores, Raymond e Dan. Robert não queria que os funcionários vissem as discordâncias internas. Isso só faria com que até eles

começassem a desconfiar de algo, a acreditar na imprensa, na versão de que Dan escondera o casamento por motivos maliciosos e demoníacos, a depender de quem reportava a notícia. Já bastava o mal-estar provocado pela revelação em si – que ele ainda teria que dar um jeito de contornar – não precisava que os próprios apoiadores se voltassem contra Dan. Eles sabiam demais.

– Raymond, você precisa se acalmar, nós temos muito trabalho pela frente e muita gente contra nós. Não podemos nos voltar contra nós mesmos. Dan deve ter uma ótima explicação para isso tudo e, de qualquer jeito, não há nada que possamos fazer a essa altura da campanha. Temos que nos unir e resolver nossas pendências entre nós, entendeu?

– Você tem razão, mas é que estou por aqui com esse cara, ele nem deveria ter saído candidato, você sabe muito bem disso. Eu era uma opção muito melhor, sem escândalos, uma vida pacata, e aí o partido coloca o bonitinho da vez... – ele balançou os braços em sinal de desistência. Robert amaciou um pouco mais seu ego, dizendo que concordava com tudo, ele era mesmo uma opção melhor, mas que não poderiam pensar no passado. Disse que num futuro próximo as coisas poderiam mudar, porém, para que isso fosse possível, eles teriam que solucionar os problemas do presente, pois sua reputação também poderia sair manchada por esse episódio. Não havia outra alternativa senão colaborar. Raymond deu de ombros e disse que tudo bem, ele iria se segurar, e Robert buscou Dan. Sozinhos, só os coordenadores, incluindo Lisa – que a pedido de Dan passara a integrar o time de conselheiros – eles se sentaram numa ampla mesa para discutir opções. Dan e Raymond evitavam olhar um para o outro, a tensão era palpável e pesava no ar. Porém não tinham mais nenhum minuto a perder e precisavam traçar uma estratégia que não deixasse dúvidas sobre o caráter de Dan e sua honestidade. Ficaram até a madrugada esboçando declarações para a imprensa e discursos oficiais.

No dia seguinte, sentindo uma agitação entre os funcionários, Robert subiu em uma escrivaninha no centro e pediu a atenção de todos. Disse que Dan era uma vítima daquele sistema que visava apenas espalhar mentiras sobre o candidato. Confirmou a existência de um casamento anterior – os funcionários começaram a cochichar entre si, mas Robert bateu palmas e falou mais alto – dizendo que Dan estava apenas protegendo a imagem da ex-esposa, que não era da política. Ele não queria arrastá-la para uma campanha tão suja quanto aquela e por isso não dissera nada. “O casamento foi

precipitado, um ato impulsivo, quem nunca fez nada assim na vida antes? Somos todos seres humanos, errar faz parte, a intenção nunca foi esconder nada de ninguém”, ele disse e explicou que o casamento não havia durado, não tivera o peso e a importância que a mídia estava querendo dar, fora um relacionamento rápido; e ainda assim, Dan a estava respeitando, por isso omitira essa informação. “Ele foi um homem maior do que nós, que correu o risco de comprometer a campanha para não prejudicar outra pessoa, ele merece nosso apoio e admiração”, e Robert puxou os aplausos, sorrindo. Os funcionários o acompanharam, aos gritos, e nessa hora Dan e Stella entraram no QG. Os aplausos aumentaram, e a paz estava selada. Pelo menos momentaneamente.

Stella estava lá para gravarem uma entrevista juntos, parte da estratégia elaborada durante a madrugada. A esposa sabia que sua participação seria cada vez mais solicitada e decidira ajudar o marido. Era isso o que as boas esposas faziam, não era? Ele admitiu que errou, disse que se esforçaria para melhorar a comunicação entre eles, e ela sentia que tinha de fazer sua parte para que o casamento deles desse certo.

Helen Moriz era uma entrevistadora famosa e muito querida pelo público americano, mas também muito rigorosa com políticos. Ela achava difícil acreditar, depois de tantos anos nos bastidores da política norte-americana, em candidatos como Dan, que surgiam do nada depois do sucesso rápido de uma, apenas uma bem-sucedida operação. Via-o como um oportunista com uma excelente equipe de marqueteiros, mas tinha de admitir, todos eles eram muito parecidos. Não importava o partido, a bandeira ou a ideologia, a maioria deles tinha um ego enorme e a política era um meio de alimentá-lo. No entanto, ficou intrigada ao saber que, mesmo com políticas anti-imigração e um tom de discriminação em seus discursos, Dan fora casado com uma brasileira, imigrante.

A entrevista havia sido ensaiada e aperfeiçoada com base nas perguntas previamente escolhidas pela equipe de Helen. Dan estava calmo e Stella tentava disfarçar o nervosismo fazendo exercícios de respiração, que se mostraram inúteis. Ela serviria como uma alegoria, falando apenas uma única vez, confirmando sua admiração pelo marido e afirmando ser ele o melhor

candidato que os americanos poderiam querer. Ainda assim, agora que o momento havia chegado, ela estava apavorada. Sentia nojo de si mesma ao perceber o suor escorrendo pelos braços e costas, mas manteve o sorriso no rosto. Expressava seriedade enquanto Dan fazia um discurso falando diretamente ao povo, olhando para a câmera, e sorria quando perguntada sobre Dan e sua personalidade, “ele é tão paciente e carinhoso, respeita minha necessidade de continuar trabalhando com as crianças, isso alimenta minha alma”.

Helen não parecia nem um pouco convencida pelas palavras vazias de Stella e continuou perguntando mais sobre Solange, ao que Dan respondeu “Solange é uma ótima pessoa, de caráter irretocável, porém ela não pediu por tudo isso, pela falta de privacidade que um candidato sofre, por ter seu nome estampado nos jornais. Por isso peço que, caso ainda restem dúvidas, dirijam-nas a mim. Não tenho nada a esconder sobre esse breve relacionamento, e hoje estou feliz ao lado de Stella”, e Stella, sorridente, segurou a mão de Dan e ele a olhou com o mesmo olhar carinhoso que ela só via em frente às câmeras.

– Mas o senhor compreende o motivo da revolta de seus eleitores, às vésperas da eleição, certo? Como sua equipe conseguiu esconder algo dessa magnitude por tanto tempo?

Dan assentiu, tranquilo, mas Stella sentiu a mão do esposo apertando seu joelho cada vez mais forte.

– Como eu disse, não escondemos nada, apenas optamos por omitir a informação, já que ela não diz respeito à minha conduta enquanto candidato, muito menos como futuro presidente desse país. Solange não é da política, o casamento foi breve. Porém, sinto que meus verdadeiros apoiadores não se importaram, entenderam que eu apenas não quis envolver uma terceira pessoa, que diga-se de passagem, não faz mais parte da minha vida, numa campanha eleitoral. Eles sabem que eu não tenho nada a esconder e que essa não foi minha intenção, mas peço desculpas a quem se sentiu enganado, pois minha vida é um livro aberto, eu sempre contei tudo sobre mim, meu passado, minha família, minha vida na polícia... agora, quanto a contar sobre a vida das outras pessoas... bem, isso me parece fofoca, não?

– Um casamento não é algo tão simples de se resumir como “fofoca”. A pessoa com quem nos casamos diz muito sobre nós mesmos, não acha?

– É por isso que a senhora nunca se casou? – disse Dan com o mesmo sorriso de antes. Helen sentiu as faces enrubescerem de raiva, e isso era algo

raro para a apresentadora. Com anos de experiência, ela estava acostumada a provocações daquele tipo, porém estava cansada de ter essa parte de sua vida sendo motivo de especulações e piadas, seguidas de insinuações a respeito de sua orientação sexual. Percebia que fazia o mesmo agora com o candidato à sua frente, especulava sobre sua vida íntima, mas não era a mesma coisa, disse a si mesma, enquanto se recompunha e se preparava para contra-atacar.

– Mas eu sou só uma apresentadora de TV, o senhor quer ser o líder da nossa nação, há uma diferença muito grande entre nós dois e nossas ambições, não acha?

– Por isso mesmo estou aqui falando desse casamento. Caso contrário, faria como você e me esquivaria de todas as perguntas relacionadas à minha vida pessoal. A verdade, repito, é que foi um casamento breve e ela não é da política.

Solange assistia à entrevista acompanhada por James, Martina – sua única amiga nos EUA – e sua estrategista, Donna Carter, que havia topado representá-la de última hora. Martina e Solange tinham se conhecido no primeiro ano dela nos Estados Unidos, as duas trabalhavam como camareiras num hotel no centro da cidade. A amiga a ajudara em muitos momentos difíceis, talvez os piores momentos de Solange desde que saíra do Brasil.

Nos últimos dias, Solange havia pensado muito sobre seu passado. Seu envolvimento com Dan, aquela única noite que passaram juntos, perguntas sem respostas, que ela tentava ignorar. Reconheceu que Rosa tinha razão, ela precisava de uma conversa honesta sobre aquele período de sua vida para seguir em frente. Não era algo que queria fazer, mas era algo de que precisava. Naquela última conversa com Dan, eles só falaram sobre o que a imprensa diria, como isso afetaria a campanha e a vida de Solange. Entretanto, em nenhum momento conversaram de verdade sobre o passado. Ao contrário, se acusaram e depois mudaram de assunto. Mas Solange sentia que era chegada a hora de tirar tudo a limpo. Tentaria marcar um segundo encontro com Dan na tentativa de pôr um fim às pendências do relacionamento deles e seu fim abrupto. Talvez ele não aceitasse se encontrar com ela de novo, principalmente depois de não precisar mais de seus favores, mas ela iria tentar.

Mesmo com esses planos em mente, aconselhada por Donna, Solange resolveu falar com a imprensa antes do possível segundo encontro, para não dar tempo às especulações.

Trocou de roupa várias vezes. Donna a ajudou a escolher o que vestir: um vestido preto de corte reto e um sobretudo caramelo. Elas apareceram na sala, onde James as esperava, e ele se levantou num salto e foi até Solange. Pegou sua mão e eles se olharam nos olhos.

– Pronta? – perguntou James.

Ela sorriu confiante, respirou fundo e disse que sim.

Os três desceram até a rua, onde já havia uma espécie de púlpito com um microfone. A rua havia sido fechada e ela esperava que depois disso sua vida voltasse ao normal, já que os vizinhos agora a olhavam com a cara feia, incomodados pelo caos que ela trouxera à vizinhança. James ficou o tempo todo ao seu lado, junto a Donna. Ela olhou o microfone por alguns segundos antes de começar a falar.

– Meu relacionamento com Dan Jager foi breve. Como não trabalho com política, optamos por não falar a respeito disso antes. No entanto, não há nada a esconder. Muitas pessoas se casam e se divorciam, nós somos apenas um casal que também passou por isso, como qualquer outro. Hoje estou feliz ao lado do meu parceiro James Lewis e gostaria de continuar a desfrutar de uma vida tranquila, assim como o candidato Dan e sua esposa Stella. Obrigada pela atenção.

Quando Solange já estava se virando para ir embora, uma jornalista perguntou se ela votaria em Dan. Os outros repórteres pararam de gritar para ouvir a resposta e, por um momento, ela não soube o que dizer. Olhou para baixo como se procurasse uma resposta no silêncio, quebrado apenas por cliques de máquinas fotográficas, num instante que pareceu uma eternidade, depois respirou fundo e se voltou para a repórter, o queixo erguido, a voz segura. Disse que ainda não era cidadã americana, portanto não poderia votar, mas incentivava aos que podiam, que assim o fizessem. Mais perguntas surgiram aos gritos, mas Donna se adiantou, avisando que não iriam responder mais ninguém e então foram embora de vez.

James não era seu parceiro de verdade, mas Donna achou que seria melhor contar essa mentira. Assim esperava que sua cliente voltasse o mais rápido possível à sua vida normal. James afirmou não se importar e ela aceitou a sugestão, um tanto contrariada, mas se as pessoas precisavam daquilo para se convencerem de que ela não queria nada com Dan, valia a

pena.

De volta ao conforto de seu apartamento, James abriu um champanhe para comemorar.

– À paz sem paparazzi – disse James, fazendo Solange rir. O celular tocou, era Rosa que acabara de ver a amiga ao vivo e estava ligando para parabenizá-la.

– Você se saiu muito bem. Adorei sua resposta quando perguntaram em quem você votaria. E estava linda de morrer.

– Obrigada, mas agora chega desse assunto. Quero focar na minha vida, nos meus negócios. Vi a proposta orçamentária que você me mandou e acho que podemos ir em frente, vai ser ousado sim, mas precisamos de uma ação de marketing maior.

– Eu já esperava por isso, acho que precisamos ousar nesse momento se quisermos crescer.

Elas conversaram por mais alguns instantes sobre os negócios e depois Solange voltou à comemoração com os amigos. Ainda não podia afirmar ter colocado essa parte de sua vida para trás, como tanto ansiava, mas colocaria depois da próxima conversa com Dan, caso ele topasse o encontro. Ela precisava de respostas, talvez ele também, e depois: “vida que segue”, pensava Solange esforçando-se para ser positiva.

Capítulo 10

– Você viu a entrevista? Ficou muito evidente meu nervosismo? – foi a primeira coisa que Stella disse ao entrar na terapia. Ela parecia mais ansiosa do que o normal, permanecendo de pé enquanto falava com Gemma, que estava calma como sempre, tomando seu chá verde descafeinado. Ela achou oportuno Stella tocar naquele assunto. Disse ter visto a entrevista e elogiou a desenvoltura da amiga, depois pediu que Stella revisse a si mesma e respondesse uma pergunta. As duas se sentaram lado a lado enquanto assistiam à entrevista no tablet de Gemma. Stella aceitou o desafio e se pôs a analisar a si mesma no vídeo. Azul-marinho era mesmo a sua melhor cor, realçava seus olhos, pensou. Costumava ser muito crítica de si, mas estava bem fotogênica.

– Você mentiu, tentou manipular os telespectadores? – o tom de voz de Gemma era desprovido de emoção.

– Ok, entendi o que você quer com o vídeo. E sim, eu tentei manipulá-los. Igual ao meu marido. Mas eu não me sinto confortável com isso, na verdade odeio ter que mentir assim. E é aí que está a questão da terapia, ele não parece se incomodar em mentir diariamente. Só que nós somos casados, ele não deveria interpretar nada, não comigo.

A terapeuta estudou as palavras de Stella por alguns instantes, depois amenizou dizendo que talvez fosse uma fase, só enquanto ele estava em campanha.

– Talvez ele tenha dificuldades em se desligar completamente da *persona* candidato.

Stella concordava, era possível que ele apenas estivesse um tanto perdido naquele papel, mas ela achava que se ele fosse ele mesmo, ainda assim conquistaria eleitores. Sentia que nunca sabia quando ele estava sendo honesto por causa disso. Não havia uma diferença grande entre o Dan seu marido, para o Dan que mentia na TV. Era isso que a assustava.

– Os políticos, de uma maneira ou outra, são vendedores de uma ideia. E para isso, eles têm de internalizar o que dizem. Talvez por isso seja tão difícil distinguir esses dois Dans. Para convencer alguém de algo, em primeiro lugar, você tem que acreditar no que diz, e ele acredita.

Stella ficou calada analisando as palavras de Gemma. Sabia que ela levantara um ponto importante: ele era um político, e quando ela o conheceu, ele já estava naquele meio. O que ela esperava, afinal? Mais uma vez, percebeu que a terapia parecia sem cabimento, pois no fundo, ela não sabia o que esperar de Dan, nunca soube. Ele sempre fora um sujeito introvertido, mais observador do que conversador, por que agora ela esperava que ele chegasse em casa e desabafasse com ela? Contasse tudo o que pensava e sentia? Ela queria um companheiro, mas teria sido Dan, em algum momento do relacionamento deles, do jeito que ela fantasiava?

Gemma quebrou o silêncio e entrou no assunto que evitara até então.

– Vou levantar aqui uma outra questão. Você omite dos seus pacientes, e também da imprensa, que não quer ter filhos. Quando eles perguntam, vocês dão uma desculpa. Isso a torna uma mentirosa fria e calculista por não dizer a verdade? Ou você está apenas se preservando, dando sorrisos falsos e, no fim, jogando o mesmo jogo que Dan?

Stella não acreditava que Gemma estava usando segredos de sua vida íntima contra ela, apenas para provar um ponto. Levantou-se sem dizer nada, o rosto vermelho de raiva contida, e foi embora sem esperar pelo fim da terapia. Gemma não a impediu.

Ela não era burra, todo mundo mentia, essa não era a questão. Muitas vezes para se proteger, outras porque a honestidade magoa, e outras ainda porque a pessoa não sabia fazer outra coisa senão mentir. Dan aparentava ser um cara seguro e bem resolvido e esses, aos olhos de Stella, eram seus principais atrativos, já que ela continuava se sentindo perdida na vida, nos relacionamentos, e agora na sua possível nova função de primeira-dama. Então se ele era assim tão seguro, por que precisava mentir? Mas era incoerente de sua parte, agora, querer que ele mudasse, isso ela admitia. Se ele fosse ao menos um pouco mais aberto, ela já se contentaria, e talvez até conseguisse entender os motivos dele e ver o que havia por trás do teatro político. Ele parecera mais emotivo quando Helen tocou no nome de Solange, ela queria ter conversado sobre isso na terapia, mas Gemma, com certeza, não concordaria com ela, diria que ela estava com ciúmes. Realmente, a ideia de fazer terapia com sua amiga não havia sido das melhores, pensava Stella a caminho de casa.

Sentiu o cheiro do molho de tomate ao abrir a porta. Dan preparava o jantar na cozinha e ela foi até ele.

– Estou fazendo sua macarronada favorita. Espero que goste, queria

agradecer pela entrevista, sei que é complicado ter que falar aquelas coisas – ele disse em frente ao fogão, sem se virar.

– Você quer dizer... mentir aquelas coisas – Stella sentou-se à mesa enquanto ele terminava o jantar. – Obrigada pela janta. E você sabe, nós estamos juntos nisso. Só queria que você confiasse em mim e me contasse os fatos com antecedência.

Dan largou a colher, pegou na mão de Stella e pediu desculpas por ter escondido seu casamento. Disse não ter sido essa sua intenção, ele apenas não achava importante contar algo que só acontecera por causa de seu papel na Operação Manhattan. Disse que andava estressado com a campanha, que estava se sentindo pressionado, mas que sem ela, ele não conseguiria chegar aonde estava. Prometeu dar mais atenção às reivindicações da esposa depois que o tumulto da campanha passasse. Stella, apesar de se sentir dividida, decidiu dar um voto de confiança ao marido, mais uma vez. Ele estava se abrindo um pouco mais a cada dia e ela estava exausta de tanto especular e desconfiar. Pelo menos agora não havia mais nenhum segredo, nada sobre ele que ela desconhecesse. Ou pelo menos era o que Stella pensava.

Capítulo 11

O dia do tão esperado segundo encontro com Dan havia chegado. Quando Solange ligou falando que queria encontrá-lo mais uma vez, ele se colocou à disposição. Ela tentava encarar isso como um sinal de que não era mesmo nada de mais, iria apenas conversar com uma pessoa que fizera parte de sua vida, e que, de um jeito ou de outro, a ajudara. Ainda assim, Solange não tinha conseguido dormir durante a noite, pensando em tudo o que queria dizer, todas as coisas que ficaram mal resolvidas quando a Operação Manhattan terminou e ela descobriu a verdadeira identidade de Dan. Tinha chegado até mesmo a fazer uma lista, para não se esquecer de nada, mas depois rasgou o papel. No entanto, um pensamento continuava martelando em sua mente, deixando-a insegura, ainda que ela tentasse minimizá-lo dizendo para si mesma que era só o trauma, o susto, que não significava nada. Mal comeu durante o dia, o estômago embrulhado por causa da ansiedade. Começou a se arrumar com horas de antecedência, trocando de roupa várias vezes. De vestido, se achou muito sensual, então trocou por algo mais caseiro, moletom e camiseta, mas depois se apavorou, pois a roupa a lembrava de quando eles eram “casados” e ela andava pela casa daquele jeito, relaxada e à vontade, totalmente diferente de como se sentia agora. Por fim, se decidiu por calça jeans e camiseta branca, mas vestiu botas ao invés de pantufas, a fim de alcançar um meio termo. Não ficou satisfeita, mas já estava na hora. Tomou um último gole de vinho, direto da boca da garrafa, e foi atender a porta.

Dan chegou na hora marcada e ela o encaminhou até a sala, onde se sentaram em lados opostos. Solange começou dizendo que precisava esclarecer algumas coisas sobre o passado deles, para poder seguir em frente, e Dan balançou a cabeça parecendo contrariado.

– Achei que você já tivesse seguido em frente. James é o que então?

Solange se sentiu mal em ter que dizer que ela também mentira, mas pensou que seria melhor não começar escondendo informações. Disse que fora aconselhada por sua estrategista e que não era necessariamente nesse quesito que queria seguir em frente, não era apenas sobre isso que queria conversar. Dan contraiu o maxilar e ficou calado, parecendo um pouco

envergonhado. Ela perguntou por que ele havia mencionado a suposta noite que ela passara com Carlos, no primeiro encontro deles.

– Do jeito que você falou, acho que não sou só eu que estou tendo problemas em seguir em frente – disse Solange, assertiva.

Dan afrouxou a gravata, ajeitou-se no sofá e desabafou. Vendo que ela se importava com o que acontecera entre eles, sentiu-se motivado a falar.

– Eu não planejei nosso envolvimento. Nunca quis magoar você, mas era o meu trabalho. Esse trabalho é muito complicado e solitário, e eu me deixei levar. Não sei se pensei no nosso futuro, em ter algo com você para além da investigação, mas eu tentei falar com você depois e nunca tive resposta. O tempo passou e vi você posando em revistas, trabalhando como modelo, e supus que você tinha me esquecido... – então, ao perceber o que havia dito, Dan tentou consertar suas palavras, sem dar a ela tempo para uma resposta. – Eu quis dizer que talvez você tivesse seguido sua vida, então a deixei em paz. Mas eu estava disposto a me explicar, se você tivesse me dado uma chance.

– Considere esse encontro sua chance. Me fala sobre o Carlos, você pareceu ter ciúmes dele, daquela noite. Eu juro que não sei o que aconteceu, mas eu saberia se algo tivesse acontecido, e eu sei que não rolou nada, eu não queria nada com ele.

– Sempre achei que você era apaixonada por ele e, comparado a mim, ele era melhor, mais bonito, rico, vindo de boa família. Talvez fosse mesmo ciúmes – admitiu Dan. Solange não esperava que ele fosse ser tão honesto. Como fora idiota sofrendo calada todos esses anos quando poderia ter tirado tudo a limpo antes, pensava agora, olhando-o no olho e vendo que ele parecia o Dan que ela conhecera no passado.

– Você acha que ele pode ter me drogado naquela noite? Isso ficou na minha mente desde então, mas eu não quis acreditar, não queria nem pensar, achava que ele era meu amigo, mesmo depois de termos terminado o namoro.

– É possível. Eu sei de alguns amigos dele, os playboys que frequentavam a boate, que faziam isso e ele fornecia o sonífero. Lembro de um dia em especial, que ele comentou, sempre se gabando, que jamais faria uma coisa dessas, que ele gostava da paquera, de ganhar a mulher que ele quisesse na lábia. Ele sempre foi bem seguro de si nesse quesito. Mas é possível que ele tenha drogado você com outras intenções, para vasculhar o apartamento. Ele achava que seria promovido no tráfico e andava um pouco mais paranoico que o normal, e eu seria seu braço direito, seria promovido e talvez ele quisesse ter certeza a meu respeito antes de me dar mais responsabilidades.

Mas tem outra coisa, ele colocou na cabeça que queria se casar, e tinha que ser com você. Depois daquela confusão que acabou na cadeia, quando você foi interrogada por causa da droga que eles acharam na sua bolsa, ele teve a certeza de que você era “leal”. Foi isso mesmo que ele disse, leal, pois você não contou nada, não revelou nada sobre as drogas, quem as fornecia.

Solange abriu a boca de espanto. Então era isso, esse fora o motivo pelo qual Carlos havia decidido, de um dia para o outro, que queria se casar. Ela confirmou que eles chegaram a conversar sobre essa possibilidade, que só existia na cabeça de Carlos. Disse que nunca alimentou nenhuma esperança em relação a voltarem a namorar, muito menos a se casarem.

– Ele não estava acostumado a ser dispensado por mulheres – disse Dan.

– Você gostou de mim? Em algum momento, você gostou de mim? – perguntou Solange de impulso, já se arrependendo. Até o som de sua voz ao falar aquela frase era um tanto carente. Dan foi pego de surpresa com a pergunta e seu rosto, de repente, ficou cheio de vida. Ele descruzou as pernas, colocou os cotovelos nos joelhos e olhou Solange nos olhos.

– Sim, eu gostei de você. Você foi minha primeira vez... no amor, eu digo.

Mais uma resposta para a qual Solange também não estava preparada. Então ela foi seu primeiro amor. Dan, vendo a curiosidade no olhar de Solange, explicou-se.

– Acho que era paixão, talvez, não sei. Mas passou, faz parte do passado – ele disse remexendo-se no sofá, voltando à sua posição inicial.

Um dos ressentimentos escondidos de Dan era sobre um e-mail escrito por Solange a Rosa, comparando a performance sexual de Carlos à dele. Jamais se esqueceria daquelas palavras “*ele não é como Carlos, que deixa você derretida, que sabe o que está fazendo. Dan poderia aprender com ele, mas eu estou disposta a ensiná-lo se for o caso*”. Seria humilhante demais tocar no assunto, então não comentou nada. Queria, porém, poder provar que ele havia melhorado, que hoje ela não diria aquilo. Depois de ter ficado famoso, ele tivera muitas oportunidades de aprender.

– Eu me senti usada e descartada como lixo. Nesses anos todos não consegui me envolver seriamente com ninguém por causa disso – ela olhava para baixo, esfregando as palmas das mãos na calça.

– Desculpa por tudo o que você passou, de verdade, sinto muito. Era o meu trabalho, mas eu nem deveria ter me envolvido com você. Caso Carlos descobrisse, todo o meu trabalho estaria em perigo. Foi maior que eu, não sei

explicar. Sua espontaneidade, eu acho, me conquistou. E você era diferente, não sei dizer, era carinhosa e se importava comigo, cuidava de mim, sei lá, acho que nunca tive isso na vida antes. A gente não encontra muitas pessoas assim – disse quase cuspiendo as palavras, sentindo o rosto quente de vergonha. Estava surpreso consigo mesmo por falar tanto. Aquela sensação o fez lembrar-se do tempo em que eram casados, e de como ele se sentia bem ao lado dela, de como, apesar do disfarce, ele nunca fora tão ele mesmo como quando estava com ela.

Mais um momento de silêncio. Solange imaginou gritaria e acusações, mas só ouviu elogios. Aquilo era muito confuso.

– Obrigada pelas palavras generosas. Você nem imagina o peso que saiu dos meus ombros. Por todos esses anos eu duvidei da minha intuição por causa do que aconteceu. Por ter acreditado que nosso relacionamento só existiu na minha mente. Porque nós éramos amigos, eu acreditava que sim.

Dan disse que também passara por aquilo, pois acreditava que ela e Carlos tivessem ficado juntos, mesmo depois que o relacionamento deles havia deixado de ser apenas amizade. Depois repetiu “é passado”, e ela concordou. Solange mudou de assunto e perguntou sobre a política e sobre como ele acabara se candidatando. Dan contou que depois do sucesso da operação, a mídia e a própria polícia tinham-no usado como o rosto da equipe. E parecia que os jornais gostavam dele, pois o tempo passava e ele continuava sendo convidado a participar de debates na TV, mesas redondas. As pessoas queriam saber sua opinião, seu ponto de vista, e os partidos começaram a sondá-lo. Quando caiu em si, já era candidato. Conversaram como velhos amigos e Solange contou sobre os negócios com os cosméticos. Ele acompanhara os primeiros passos do que viria a ser a Sol Cosmetics quando eles eram casados e ela ainda preparava misturas caseiras na cozinha do pequeno apartamento que dividiam no Queens.

Não falaram em Stella. Não que Solange não tivesse curiosidade, apenas se esquecera. Esquecera-se também de perguntar o que mais a assombrava, mas aquilo com certeza era coisa de sua cabeça, melhor deixar para lá, a conversa tinha saído bem melhor do que o esperado, para que estragar tudo com suposições do dia mais conturbado de sua vida? Ela com certeza não se lembrava direito das coisas como aconteceram, havia muito trauma que, com Rosa dizia, ela escondera debaixo do tapete, e essas confusões eram apenas parte disso, tinha que ser. A outra hipótese só podia ser imaginação. Estou apenas confusa, pensou, decidida a deixar, de uma vez por todas, aquilo tudo

para trás.

Stella vestia uma camisola longa, no quarto aquecido, à espera de Dan. Os últimos dias haviam sido tumultuados e ou ele ficava até tarde no comitê ou estava viajando a alguma cidade-chave para a eleição. Ela não se importava, pois gostava de ter um tempo só para si e zelava por sua privacidade, assim como o marido. Na ausência dele, sentia-se livre para ouvir sua playlist da Madonna no último volume e passar argila verde no rosto, enquanto dançava em frente ao espelho.

Ficou surpresa ao ver que, apesar de já passar da meia-noite, Dan voltou para casa conforme o combinado. Ele não parecia tão exausto quanto nos outros dias de campanha. Chegou animado e sentou-se na cama ao lado dela. Stella largou o livro de mitologia que estava lendo no criado-mudo – Dan achava aquelas leituras um desperdício de tempo e energia, “qual a serventia disso?” – e tirou os *patches* hidratantes das olheiras.

– Trouxe uma coisa para você, um presente simbólico. Eu sei que você pode comprar a joia que quiser, mas essa é especial – Dan tirou do bolso uma caixinha de veludo preto. Stella a abriu e viu um anel com uma pequena pedra rosa no meio. Junto havia um papel, uma explicação: *“O Quartzo Rosa é a pedra do amor e da paz que possibilita a cura interior e a purificação do corpo emocional através da ativação do Chakra do coração. Ele repele as energias negativas e potencializa as vibrações do amor, possibilita harmonia e paz em relacionamentos estabelecidos e ao ambiente familiar. É capaz de resolver problemas emocionais e criar um forte campo de acesso ao amor incondicional”*.

– É minha forma de dizer que sinto muito pelos problemas dos últimos tempos, você é mais importante para mim que palavras ou presentes podem expressar, e eu vou me empenhar em melhorar nossas... energias – disse ele, sorrindo. Stella se surpreendeu, ele não era dado a gestos românticos, por isso apreciou ainda mais o presente.

– Como você sabia que quartzo rosa significava amor?

– Eu pesquisei, oras – ele afrouxou a gravata. – Tem mais uma coisa: hoje eu gostaria de satisfazê-la – ele deu tapinhas na cama e a olhou com lascívia.
– Me conte do que você gosta – ele levantou os lençóis e tirou lentamente a

camisola dela, revelando um corpo magro e muito branco. Pediu que ela dissesse como preferia ser tocada, ditasse o ritmo de seu prazer e Stella embarcou na proposta, que a seus olhos, parecia muito interessante. No fim, os dois, extasiados e cansados, dormiram numa das raras noites em que não discutiram, não falaram de política ou de problemas.

Desmarcou a sessão daquela manhã e decidiu colocar uma pausa na terapia e em suas dúvidas sobre a espontaneidade de Dan. Gemma e ela ainda não tinham se falado depois da última sessão. A amiga a devia um pedido de desculpas e ela não se sentia nem um pouco inclinada a facilitar a vida de Gemma. Resolveu, de última hora, acompanhar Dan nas viagens da comitiva de campanha. Estavam há menos de uma semana das eleições. Percebeu, ainda que tardiamente, que Dan precisava dela e que, como esposa, era sua obrigação demonstrar mais interesse em algo tão importante para o marido. Se ele fosse eleito o próximo presidente, eles teriam muito o que conversar dali para frente, mas caso ele não ganhasse, ela pelo menos poderia ficar em paz com sua consciência por ter feito o seu papel.

Capítulo 12

Antes tarde do que nunca, pensou Lisa ao ver que Stella iria a todos os compromissos marcados para os últimos dias de campanha eleitoral. Ao total foram sete estados, começando pela Carolina do Norte, onde Dan discursou mais uma vez, enfatizando seus ideais mais conservadores. Já em estados como a Califórnia, o discurso tendia a ser mais brando. Em resumo, podia-se dizer que toda a campanha de Dan se mostrava contraditória, assim como seu discurso, que mudava a depender de onde ele estava e do público-alvo. O discurso divergia até entre seu vice e ele, mas as pessoas pareciam não dar a devida importância a esse “deslize”.

Lisa acompanhou a comitiva juntamente com os coordenadores e pôde sentir por si mesma a emoção de ver uma multidão gritando o nome de Dan. Mais cedo, antes do comício, eles haviam gravado eleitores emocionados dando depoimentos e explicando os motivos que os tinham levado a escolhê-lo como o seu presidente. Esses depoimentos tocaram Lisa de jeitos difíceis de explicar, pois apesar de sua atual posição na campanha e de suas prospecções futuras, ela se sentia como eles, precisando que homens como Dan os vissem, os entendessem em suas lutas diárias. Um homem simples, criado apenas pelo pai, que vencera através de um trabalho digno e honesto. Ele representava muitas pessoas batalhadoras que se sentiam excluídas, muitos estavam votando pela primeira vez em suas vidas, pois acreditavam na causa que Dan representava. A adrenalina desses dias mexeu com todos da equipe de campanha, mas em especial com Dan. O candidato parecia feliz, sorria mais, estava mais leve e convicto. Lisa sabia que sua paixão por Dan nunca se transformaria em algo real, mas gostava de observá-lo, ver suas mudanças de humor, seu jeito de falar. Adorava as rugas que se formavam quando ele sorria. Dan seria o presidente mais jovem, se eleito nos próximos dias, com 41 anos.

Tudo era peculiar naquela eleição. Sua opositora era uma mulher mais velha, uma das primeiras a conseguir a nomeação por seu partido e, segundo a imprensa, a mais experiente e preparada para o cargo, tendo se dedicado durante muitos anos ao serviço público e à carreira política. Porém, o “fenômeno Dan”, como alguns o chamavam, parecia crescer a cada dia mais,

surpreendendo os especialistas e analistas políticos. Ninguém acreditava, no entanto, que ele ganharia, já que a outra candidata era muito mais experiente. Mesmo que sua opositora fosse mais progressista em seu discurso, ela ainda assim era apresentada pela imprensa como uma bruxa velha, e Dan, que não era um galã de cinema, mas era bonito o suficiente, era retratado como uma novidade agradável, um sopro de esperança, uma alternativa diferente do usual.

A última parada antes do comício em sua cidade natal, um pequeno condado próximo a Washington, seria em Las Vegas. Ao entrar no quarto de hotel, Lisa viu um bilhete na escrivaninha que dizia “massagens por conta da casa, vocês merecem, Stella”, mas jogou o bilhete no lixo. Odiava que estranhos tocassem seu corpo. Decidiu encher a banheira, não antes de tê-la esfregado com uma escova e desinfetante, que pediu na recepção juntamente com um drink, seu favorito, piña colada. Deitada na água quente, ela se permitiu sonhar com a Casa Branca. A mãe teria um ataque do coração quando soubesse que ela trabalharia no maior centro de poder do mundo. Os colegas de escola teriam inveja, aquele bando de perdedores que nunca saíram da pequena cidade de 30 mil habitantes. Sua única amizade durante a faculdade também tinha se dado bem depois de conseguir uma bolsa para estudar na Sorbonne, algo que despertara sua inveja. Talvez ela a visitasse contando a novidade, “trabalho com o presidente, na Casa Branca”. Sempre quis conhecer Paris e agora finalmente podia pensar nisso. Em viagens internacionais, em sair daquele quarto alugado, teria suas próprias coisas, compraria móveis para decorar seu novo apartamento. Jogaria tudo o que tinha no lixo e começaria do zero. Deixaria aquela vida de pobreza e dificuldades para trás, seria uma nova Lisa.

Seus devaneios foram interrompidos por Robert, que batia na porta, impaciente. Lisa se enrolou na toalha e abriu só uma fresta.

– Hmm, aproveitando as regalias... tem alguém aí com você, posso entrar? – perguntou Robert já entrando no quarto. Eles tinham passado a campanha inteira implicando um com o outro, porém depois do incidente do casamento escondido, ele passara a consultá-la com mais frequência. Entretanto, não eram amigos. Nunca se ligavam para falar de qualquer outro assunto que não fosse a campanha, e Lisa não sabia quase nada sobre sua vida pessoal, se é que ele tinha uma, tendo em vista o tempo que dedicava à política.

– Espero que seja importante.

– Ah, desculpa, queria apenas conversar com você sobre uns detalhes já que parece que Dan confia em você. Por acaso você sabe o motivo da segunda visita de Dan à ex-mulher, dias atrás?

– Uma segunda visita? Quando exatamente foi isso? – Lisa fez uma careta, intrigada, e se sentou no sofá. Robert permaneceu de pé.

– Você não estava sabendo? Logo antes de sairmos para a última temporada de viagens – Robert então sentou-se bem perto dela. Lisa permaneceu calada. Não sabia de nada e aquilo soava muito estranho, assim tão perto das eleições. Dan não tinha nenhum relacionamento com Solange, só fora atrás dela por causa da mídia, não fazia sentido. Robert continuou:

– Ele tem escondido muita coisa da nossa equipe e nós temos que estar na mesma página, sabe? Quem paga os nossos salários é o partido, então teoricamente nós trabalhamos para o partido, de modo que ele deve prestar contas de tudo o que faz. Já basta ele ter escondido um casamento.

– Mesmo que eu soubesse de alguma coisa, se Dan pedisse, eu não diria nada a você. Mas não é o caso, eu também fui pega de surpresa.

– Então nós precisamos tomar uma providência, não podemos mais correr nenhum risco, nenhum. Imagina o escândalo que seria se souberem que ele anda se encontrando com a ex, que tem um caso com ela ou sei lá... – disse Robert olhando Lisa de cima a baixo. – Pelo menos alguém está se dando bem nessa campanha – ele riu um sorriso nervoso e eles se encararam. Robert se levantou e ela o seguiu, achando que ele iria embora, mas ele não se mexeu. Os dois ficaram parados de pé no meio do quarto, tensos. Ele se aproximou e arrancou o roupão que cobria Lisa. Ela pensou em se cobrir com as mãos, dar um tapa em Robert, gritar, mas, surpreendendo a si mesma, estufou o peito e respirou fundo, fingindo orgulho de seu corpo, fingindo não estar ultrajada com a atitude do colega. Robert arregalou os olhos e sorriu maliciosamente para Lisa, que sustentou seu olhar. Ele é bem bonito, pensava. Faz tanto tempo que não transo com ninguém, talvez não seja uma má ideia, com certeza é melhor que uma massagem. Ele então a enlaçou e os dois caíram na cama. Transaram sem dizer uma só palavra. Um sexo frenético que terminou do mesmo jeito que começou, de modo abrupto. Assim que ele se levantou para se vestir, Lisa correu para o banheiro e vomitou a piña colada. Ela abriu o chuveiro e se esfregou com a escova que usara para limpar a banheira mais cedo, até sua pele ficar vermelha. Eu sou mesmo uma vagabundinha, eles tinham razão, fui fraca e fácil, como uma qualquer, como posso querer ser tratada com respeito se não me valorizo?

Transar com Robert, um cara que frequenta strip-clubs e paga por sexo, que nojo, como posso ser tão baixa? Há pouco estava recriando Dan por sua visita à ex, quem sou eu para apontar o dedo? Uma vagabunda, assim não vou a lugar algum, vou continuar sendo uma caipira com ambições desmedidas que volta para casa com o rabinho entre as pernas, uma horrorosa como sempre soube que era, como me chamavam na escola, a filha da vagabunda bêbada, feia por dentro e por fora. E continuou a se esfregar.

Robert perguntou se estava tudo bem e ela apenas disse “me deixa em paz”. Ao ouvir Robert bater a porta, ela enfim saiu do banho, exausta. Queria poder dormir, mas a cama não parecia mais tão confortável, então se enrolou nas cobertas e foi para o sofá, a TV ligada no canal jornalístico, Dan discursando ao fundo. Sentiu a piña colada na garganta e foi de novo para o banheiro.

Capítulo 13

Gemma transferiu o atum da lata para o pote do gato Rasko. As pessoas achavam que o nome era o equivalente em inglês a “pestinha”, mas na verdade era uma homenagem a um de seus personagens favoritos de Dostoievski. Rasko estava com uma doença renal incurável e o veterinário dissera que ele só tinha mais algumas semanas de vida. Gemma pensava em acabar com o sofrimento do animal antes disso, mas enquanto não se decidia, alimentava-o com seu prato predileto. Ela tinha a tarde de folga depois de Stella cancelar sua sessão. Finalmente decidira se engajar na campanha política do marido, e Gemma ficava feliz por Dan.

Ela ligou a TV e o viu discursando, Stella ao fundo, com um ar aristocrático, exibia um leve sorriso nos lábios. Se ela não a conhecesse bem, acharia que sua vida era perfeita, que ela não tinha problemas, que estava além da vida cotidiana do resto das pessoas. Ela sempre teve aquele semblante jovial, um rosto de traços suaves que fazia as pessoas gostarem dela antes mesmo que abrisse a boca. Foi o que chamou sua atenção quando a viu pela primeira vez entrando no quarto do dormitório B da ala feminina da universidade. Ainda se lembrava de ter ficado um tanto fissurada pela pele alva e sem manchas da colega, como se nunca tivesse tido uma espinha na vida, como uma boneca de porcelana que ela queria tocar, mas tinha medo de quebrar. Os cabelos lisos e compridos, sedosos e muito brilhantes, tingidos de preto como um LP antigo. Ela usava um jeans preto e justo, cinto e botas de tachinhas, kajal nos olhos, destacando seu olhar misterioso e inatingível.

Apesar da aparência de roqueira-rebelde, Stella era uma boa colega de quarto. Em pouco tempo as duas se tornaram grandes amigas e confidentes. Stella não tinha mais nenhuma outra amiga além dela, mas um batalhão de garotos a seguia aonde quer que fosse, todos babando e querendo uma prova daquela ousadia de corpo angelical. Gemma não se importava com os garotos, não queria saber de outra coisa senão a faculdade. Sempre gostara de estudar e foi com muito esforço que conseguiu uma bolsa de 50% dos custos; a outra metade vinha dos pais e de seus bicos de garçonne nos fins de semana.

Além de ser popular, Stella também era muito inteligente. Gemma tinha

que estudar duas vezes mais que a amiga e ainda assim, suas notas não eram tão boas quanto as de Stella. Ela dizia que tinha boa memória, só isso, não era inteligência, mas para Gemma não importava. Como ela conseguia tantos A's indo a todas as festas do campus, bebendo e fazendo farra a noite toda, sempre envolvida com algum garoto, ainda era um mistério. Apesar da intimidade que compartilhavam, Stella nunca deixou de ser um enigma aos olhos de Gemma. Um quebra-cabeça de 5 mil peças, difícil de montar. Em um momento era frágil e depressiva. Abusava da bebida, saía todos as noites e transava com todos os caras que apareciam. E de um dia para o outro, era a pessoa mais radiante do campus, animada e engajada nos estudos, com postura de boa moça.

Gemma achou estranho quando Stella escolheu a pediatria, que, na sua opinião, não tinha nada a ver com ela. Por ser tão boa em anatomia, tão precisa com os instrumentos, achava que ela escolheria alguma área ligada à cirurgia. As surpresas, no entanto, não pararam por aí. Um dia, anos depois de formadas, sorrindo de orelha a orelha, Stella apareceu sacudindo o dedo da mão direita, “estou noiva, vou me casar, ele me pediu em casamento”. Gemma ficou espantada pois Dan e ela namoraram por pouco tempo, no máximo seis meses, e ela não parecia tão interessada nele até aquele momento. Além disso, ele não era nem de longe um candidato à altura de Stella. Não tinha dinheiro, não era tão bonito quanto ela e era mais velho, quase dez anos de diferença. Mas Stella havia mudado. Vestia roupas com cores neutras e cortes elegantes, parecia uma boa e respeitável pediatra a quem toda mãe confiaria os cuidados de seus filhos. Era como se ela quisesse deixar para trás aquela imagem de garota-problema que tinha na faculdade. Talvez achasse que se casando, essa transformação se consolidaria. Gemma, no entanto, a considerava a pessoa mais intensa que já conhecera na vida e não achava que um casamento mudaria isso, muito menos roupas discretas e atitudes moderadas.

Apesar da alegria de Stella, Gemma não acreditava que o casamento iria para frente. A amiga era conhecida por partir corações masculinos desde os tempos da faculdade, quando havia namorado brevemente o cara mais popular de todo o campus e o trocado por um romance ainda mais rápido com uma garota. Sim, Stella “experimentou”. Foi esse o termo que ela havia usado quando Gemma fez o questionamento ao vê-la de mãos dadas com a garota. Concluiu que Stella não era do tipo que ficava muito tempo com a mesma pessoa, não importando quem fosse. Concluiu também que ela preferia

terminar, ao menor sinal de dificuldades no relacionamento, antes que a outra parte o fizesse, garantindo uma certa posição de controle e superioridade. Ela nunca era dispensada.

Gemma preparou uma xícara de chá, depois sentou-se em sua poltrona reclinável. Rasko, já alimentado, aninhou-se em seu colo. Ela adorava esses momentos de paz na companhia de seu gato. Nunca se sentia sozinha, e preferia nem pensar em como sofreria quando ele se fosse.

Capítulo 14

No avião, em direção ao último compromisso eleitoral, Lisa fez o possível para não transparecer seu incômodo com Robert e aquele sexo estranho entre eles. Para seu alívio, ele parecia o mesmo de sempre, ignorando-a, como se nada tivesse acontecido. Não se importava de fato com ele. Sua única preocupação era que Dan ficasse sabendo. Ela odiaria se ele pensasse que ela era uma vagabunda qualquer que não se dava valor. Ela não era esse tipo de mulher. Não sabia como acabara na cama com Robert e escolhera não analisar demais a situação. Poderia ser a piña colada, ela era fraca para bebida e Rob era bem bonito, não podia negar.

No entanto, sua maior preocupação naquele momento era o encontro de Dan com a ex-mulher. Não conseguia achar uma desculpa plausível para Dan tê-la visitado mais uma vez, e sem avisar ninguém. Era o secretismo da situação que levantava alertas de que ele estava fazendo algo errado. Mas o que seria? Solange não parecia interessada nele, estaria se fazendo de difícil? Por que Dan colocaria em risco a campanha depois de terem contornado a história do casamento? Eles tinham escapado por pouco e ainda assim ele continuava se arriscando. Não queria acreditar na insinuação de Robert de que Dan estivesse envolvido com Solange, traindo Stella. Ele falava tanto da importância da família, da ética. Ela sempre acreditou nas palavras dele. Desde que começara a trabalhar na campanha, não teve nenhum motivo para desconfiar que ele dissimulasse. Pelo menos até então. Talvez Dan também tivesse bebido uma piña colada e acabado fazendo besteira, pensou rindo, embora nunca o tivesse visto beber.

O voo atrasou, mas o público que aguardava por Dan em sua cidade natal não se importou. Quando o viram subir no palco, fizeram festa. Era a primeira vez que alguém da cidade ganhava destaque nacional, e todos estavam orgulhosos dos feitos de Dan, que naquele dia jogou fora o discurso ensaiado e resolveu improvisar. Os coordenadores ficaram em pânico quando viram que ele não estava seguindo o roteiro, mas no fim deu tudo certo. Parecia mesmo que Dan estava feliz em estar de volta à cidade onde nascera e falou sobre sua infância feliz e simples. Stella, que nunca havia ido à cidade natal do marido, ficou emocionada com o discurso de Dan, deixando cair

lágrimas que foram captadas pelas câmeras e ganharam os noticiários mais tarde. Tudo conspirou a favor naquelas últimas horas antes da votação começar, e ele parecia animado e bem-disposto, tanto que ficou por horas abraçando eleitores e posando para fotos. Mas Lisa ainda especulava sobre os motivos da mudança no humor de Dan. Especialmente à luz do que ela sabia agora. Ele tinha uma energia diferente, como se estivesse mais aberto e solto, mais vulnerável e leve. Ao mesmo tempo, não queria acreditar na hipótese de que uma simples visita trouxera à tona esse novo homem. Isso seria demais, devia ser a intensidade dos últimos momentos antes da votação começar, talvez fosse a companhia de Stella. Só podia ser isso, ela estava procurando problema onde não existia. Estavam todos com os nervos à flor da pele, era normal.

De volta a Washington, já de madrugada, Dan e o pessoal da campanha puderam enfim descansar um pouco, antes de se concentrarem para assistir ao vivo à apuração dos votos. Reuniram-se no QG da campanha, tensos, porém confiantes. As últimas pesquisas apontavam para uma vitória apertada e todos pareciam apreensivos. Embora uma virada inesperada pudesse acabar com seus sonhos de Casa Branca, Dan aparentava, já de volta ao seu comportamento usual, a mesma calma de sempre, quase indiferente.

Lisa, não conseguindo disfarçar o nervosismo, foi para a cantina, na parte dos fundos do prédio, onde avistou Stella tomando um pouco do vinho que haviam estocado para a festa de comemoração. A equipe estava otimista. Stella sorriu com a boca levemente roxa. Tinha a fala arrastada quando Lisa se aproximou.

As duas conversaram amenidades sobre a campanha e os planos para depois que Dan fosse eleito. Stella contou sobre uma conversa que tivera com Raymond, vice de seu marido, alguns dias atrás.

– Você o conhece bem? Ele veio me agradecer por participar da turnê final da campanha, e nós conversamos sobre a vida dele como político e sobre como aquele poderia ser um emprego solitário. Ele parece ser tão bonzinho.

– Ah, sim, não parece não, ele é um paizão para todos nós. Mas é durão quando necessário também. E teimoso.

– Sim, acho que sim. E aquele sotaque lindo dele? Eu amo sotaques, falei para ele e parece que isso o divertiu, pois riu com vontade.

– Sêrio? Eu jamais imaginaria que você achasse aquele sotaque de caipira atraente de alguma maneira – Lisa achava irônica aquela revelação, já que fizera de tudo para esconder o seu próprio sotaque. Elas conversaram sobre o passado de Lisa no interior, sobre como as coisas pareciam diferentes em Washington, mas que no fundo, era tudo igual: a reputação, o dinheiro, a família, todas essas coisas continuavam sendo importantes; por isso Dan podia ser considerado um forasteiro e, sem dúvida, um vencedor. Stella falou abertamente sobre sua juventude, quando se mudou da Califórnia para se afastar do pai, e de como se apaixonara pela capital ao visitar o campus da universidade. A cidade, aos seus olhos, era organizada e ao mesmo tempo majestosa, repleta de história e monumentos, e desde então ela se sentia como se tivesse nascido e crescido ali. Elas falaram do quão diferentes se sentiam de seus pais, das pessoas de suas cidades, e Lisa percebeu que tinha mais em comum com Stella do que imaginara. Vê-la nos últimos dias de campanha também havia contribuído para que ela a visse como uma mulher de carne e osso, e não uma dondoca metida. Lembrou-se de um episódio, bem no início da campanha, em que fotos de uma Stella jovem, ainda na faculdade, aparentando ter bebido demais, dançando em cima de uma mesa, vazaram para a imprensa. Ela havia ficado tão chocada e confusa a respeito da esposa de Dan que não conseguira acreditar nas imagens. Bateu o pé e disse “tenho certeza que foram adulteradas pelo Photoshop”, mas Robert retrucou, não importava, as fotos apenas mostravam que a futura primeira-dama era humana; toda a sua defesa foi baseada nisso. “Depois, pega bem com o público masculino ver que Dan domou uma mulher dessas”, disse o chefe de campanha às gargalhadas, diante do quê, Lisa se calou. O público gostou, se sentiu conectado de alguma forma àquela mulher de aparência irretocável, porém “normal”, mas Lisa não se convenceu. Agora, ali, numa cantina fria e sem personalidade, as duas falando sem amarras sobre suas vidas, ficou difícil não mudar de opinião. Ela era mais acessível do que Lisa julgara, e parecia mais transparente também.

As duas continuaram bebendo e conversando até que Lisa perguntou por que Dan havia visitado novamente a ex-esposa. Não era uma provocação, a pergunta saiu de sua boca sem que ela percebesse. Se Stella não estivesse bêbada, talvez tivesse tentado disfarçar e fingir que sabia, mas o álcool não a deixou mentir e sua cara de espanto deixou claro que ela também fora pega

de surpresa. Lisa se desculpou pela indiscrição e tentou justificar, “não deve ser nada demais”.

– Ele não me diz nada sobre esse casamento, sobre essa tal de Solange. A única coisa que sei é que eles se casaram quando Dan trabalhou na Operação Manhattan e que era parte do disfarce. “Não foi um casamento real”, é o que ele diz – Stella disse com o olhar perdido e um sorriso triste no rosto.

– Ele também não me conta nada, mas eu pude ver a talzinha com meus próprios olhos quando fui ao apartamento dela para marcar o encontro entre eles... e olha, não querendo botar lenha na fogueira, mas ela é ainda mais bonita ao vivo, se é que isso é possível. Uma beleza meio selvagem e sensual, mas nada vulgar, com aqueles cabelos volumosos que ela exhibe com orgulho... eu odeio meus cabelos crespos – Lisa tinha um ar de desânimo, passando as mãos pelos cabelos.

– Eu já fui assim ousada, sabe. Às vezes nem me reconheço, deixei até que pintassem meu cabelo de loiro só porque caía bem para a imagem de uma primeira-dama. Fiquei parecendo as esposas do meu pai, em especial essa última, que até está durando. Ela era coelhinha da playboy... – ela sacudiu a cabeça como se tentasse expulsar aquelas imagens da cabeça. – Mas seus cabelos são tão bonitos, você pinta?

– Não, sou loira natural mesmo. Imagina, meus cabelos são tão ressecados que se eu pintasse eles já teriam caído – as duas riram.

– Talvez você devesse comprar os produtos da linha de cosméticos da ex do meu marido. Mas se serve de consolo, cabelo liso todo mundo tem, e não dá para variar pois nada pega. Tentei fazer uns cachos para a entrevista com a Moriz e quando chegou a hora já estava tudo desmanchado. Acho que eu queria ter algo de diferente em mim, na minha aparência. Um quê de mistério...

– Mas você tem a tatuagem...

– Ah, sim, tenho várias, fiz na faculdade. Por que você não tenta usar o cabelo solto?

– Andei pensando nisso, mas meu trabalho é formal demais, não sei se combina, também nem sei como usar.

– Pergunta para a Solange – disse Stella arqueando as sobrancelhas, depois gargalhando, acompanhada de Lisa, ambas alteradas pelo álcool. – Aproveita e pergunta do que tanto eles conversam.

– Shh – disse Lisa com o dedo indicador na frente da boca. – Se ele perceber que estamos levemente bêbadas vai pegar mal para nós... ele não

gosta que bebamos aqui na equipe. Nem sei como essas bebidas vieram parar aqui.

– Sim, ele é muito moralista, você não sabe nem a metade.

– A Flórida é nossa! – gritou alguém ao longe, fazendo Lisa e Stella lembrarem o porquê de estarem ali. Lisa ajeitou o blazer, pegou dois copos de café, entregou um a Stella, e as duas se encaminharam para o salão onde os outros estavam.

– Stella? – ela disse enquanto caminhavam. – Eu acredito nele, deve ter um bom motivo para Dan ter ido visitar a ex. Ele acredita na família, no casamento, não deve ser nada.

Stella não respondeu. Invejava a crença de Lisa a respeito de Dan. Devia ser bom viver sem o peso da desconfiança, pensava. E agora mais uma visita à ex, justo quando achava que estavam indo bem, que se acertariam e viveriam como parceiros. Percebeu nos últimos dias que essa era a única coisa que ela queria de Dan, cumplicidade, e achou que estavam vivendo assim durante essas semanas de campanha juntos.

Dali a três horas, a TV anunciaria Dan como o vencedor das eleições.

PARTE 2

Capítulo 15

Solange fotografaria uma importante campanha para uma marca de maquiagem no dia seguinte e foi dormir cedo sem saber o resultado das eleições. Rosa a acordou com uma mensagem falando da vitória de Dan. Eram 5:30 da manhã. Ela não voltou a dormir. Perambulou pelo apartamento em silêncio, foi à academia do prédio, depois preparou um generoso café da manhã, mas não conseguiu comer. Tomou apenas o café, preto, puro. Ela não acreditava que Dan ganharia. As pesquisas não apontavam um favorito, pois a diferença entre os candidatos era muito pequena e a outra candidata parecia bem melhor que ele. Tentou seguir seu dia conforme o previsto, e começou a sessão logo cedo pela manhã, mas achou difícil se concentrar no trabalho. Perguntava-se do porquê de sua inquietude, afinal eles não tinham mais nada, e ela finalmente ouvira algumas das respostas às perguntas que vinham-na assombrando durante os últimos anos, exceto uma. A única que a deixava realmente com medo de Dan e a fazia duvidar de si mesma, mas evitou dar voz àquele questionamento, mais uma vez.

As luzes do estúdio de repente a incomodaram e ela sentiu seu corpo fraco, apesar do coração acelerado e do enjoo persistente. Pediu uma pausa, tomou um grande gole de água fria, respirou fundo e voltou a fim de terminar o trabalho. Sua cabeça estava em outro lugar e ela se perdia diante das orientações do fotógrafo. Meia hora depois de acabada a sessão, Solange voltou para casa, onde encontrou um enorme buquê de rosas brancas com um bilhete: “Obrigado pelo seu apoio, Dan”. Ela olhou as flores, o coração ainda aos pulos, e não soube como interpretar aquela frase já que ela não fizera nada no sentido de ajudá-lo nas eleições.

Decidiu deitar-se para um cochilo rápido, mas não relaxou, então abriu o laptop e analisou as projeções atualizadas do orçamento de que Rosa falara. Depois de uma análise superficial, mandou um e-mail aprovando tudo e finalmente conseguiu dormir.

Acordou com a campanha tocando e foi atender a porta enrolada em seu roupão, acreditando se tratar da faxineira, que sempre esquecia a chave. Levou alguns segundos até Solange perceber que não se tratava da faxineira. Ela devia ter conseguido entrar sem interfonar por causa de sua popularidade.

A segurança do prédio era levada muito a sério, mas em se tratando de quem era...

– Será que nós podemos conversar? – Stella tirou os óculos escuros e encarou Solange, que não se sentia capaz de sequer pensar numa resposta apropriada para dispensá-la. Acabou apenas abrindo um pouco mais a porta, indicando que entrasse. Solange a guiou até a sala de estar e Stella sentou-se numa poltrona de veludo verde-escuro que servia mais como enfeite, a mesma em que Dan sentara-se há algumas semanas. Ela percebeu o olhar curioso de Stella para a bagunça na mesinha de centro da sala, onde esmaltes e lixas estavam espalhados.

– Eu ia fazer as unhas, por isso a bagunça.

Stella se aproximou a fim de ver melhor o que Solange fazia. Muitas lixas de tamanhos diferentes e muitos esmaltes em cores variadas.

– Você mesma faz sua unha? Achei que uma modelo teria um batalhão de gente cuidando disso.

– Eu gosto de tirar as cutículas bem fundo, e as manicures americanas não fazem assim. Cutículas me dão aflição. Por que o interesse?

– Nada, só achei curioso. Eu não tenho unhas, quero dizer, eu as como... – ela levantou as mãos. – É a ansiedade. E essa lixa com o cabo bonito? – Stella apontou para um modelo brilhante e refinado.

– É madrepérola, tem minha inicial gravada, mas eu nem uso, é quase uma arma – ela riu. – É muito afiada.

Stella pigarreou como se tentasse voltar para o motivo de sua visita e Solange a observou com atenção.

– Aproveitei que nós precisamos vir a Nova Iorque e decidi vir perguntar uma coisa... sobre Dan. O que ele veio fazer aqui, de novo? O que vocês conversaram?

– Você deveria perguntar isso a ele, não? – Solange soava incomodada.

– Vocês apenas conversaram? – Stella sentia sua raiva crescer com a resistência de Solange e ainda mais raiva de si mesma por estar lá, fazendo o papel da esposa traída.

– É claro que nós apenas conversamos, quem você pensa que eu sou? Ou melhor, você não confia no seu marido? – sem paciência, Solange decidiu fazer um café para se acalmar e se levantou sem se importar com a resposta. Stella a seguiu até a cozinha.

– Não. Não confio no meu marido. E esperava que você pudesse me ajudar – disse com a voz suplicante.

As duas ficaram paradas em silêncio enquanto a máquina de café trabalhava, espalhando o cheiro no ar. Pega de surpresa pela confissão, Solange entregou uma xícara a Stella, pegou uma para si mesma, e as duas voltaram para a sala, um pouco mais calmas. Se alguém as visse naquele momento e não soubesse do que falavam, diria que eram apenas velhas amigas conversando descontraídas sobre a vida.

– Ajudar como? Vocês precisam conversar, você precisa falar isso para ele e não para mim. Já tem muito tempo que nós fomos casados e de lá para cá nem eu nem ele procuramos um ao outro. Não fossem as eleições, talvez nunca mais voltássemos a nos falar – Solange sentia pena de Stella. Queria poder ajudá-la, apesar da insinuação de que pudesse ter feito algo além de apenas conversar com Dan.

– Ele mudou depois da última visita que fez a você. Quantas vezes vocês se viram? – Stella estava mortificada por ter se colocado naquela situação humilhante de perguntar a uma desconhecida sobre a vida do próprio marido, mas não via outra escolha.

– Nós nos vimos duas vezes. A primeira antes da imprensa saber do nosso casamento e a segunda há alguns dias, ou semanas, não sei, as coisas estão muito corridas para mim, pois quero honrar todos os contratos já firmados antes de parar... mas você não está interessada na minha agenda.

Solange então contou que o segundo encontro fora ideia dela, pois precisava saber algumas coisas sobre o passado deles, da época em que Dan trabalhava como infiltrado. Queria saber até que ponto a amizade deles era parte do disfarce, pois sempre o considerara um bom amigo. Por algum tempo, Dan fora seu único amigo nos EUA.

– Então talvez você me entenda – disse Stella em busca de apoio.

– Não, não entendo. Porque você não se casou com uma pessoa, e só depois descobriu que ele era outra bem diferente. Você se casou com ele mesmo Dan sendo ele mesmo.

– Eu não sei quem ele é, não sei nem se ele se casou comigo por amor ou porque precisava de uma esposa para ser um político de respeito.

Stella não disfarçava o desespero que tomava conta de sua voz. Aquilo fez Solange se sentir ainda pior por ela, mas não havia nada que pudesse dizer para ajudá-la, pois também continuava confusa a respeito de Dan.

– Se te serve de consolo, eu não sei quem Dan é, de verdade. Ele não é de muita conversa e como eu já disse, ele era outra pessoa quando fomos casados. Mas dou minha palavra de que não houve nenhuma insinuação...

sexual ou romântica da parte dele, muito menos da minha, nada com que você pudesse se preocupar. Eu queria saber sobre a operação, eu namorava o cara que ele estava investigando... fiz perguntas, ele respondeu e foi isso. Desculpa não poder ajudar mais, mas não acredito que ele tenha mudado depois de me visitar, como você afirma. Não existe nenhum motivo para você acreditar nisso, não baseado na conversa que tivemos. Pode acreditar em mim.

Stella se levantou, envergonhada, e foi até o aparador perto do hall de entrada, onde avistou o buquê de flores. Não resistiu e pegou o bilhete. Ao perceber Solange se aproximando, ela se apressou e se despediu.

– Desculpa a inconveniência, não conte a ele que eu estivesse aqui, por favor – disse Stella apertando a bolsa contra si. Agradeceu pelo café e se desculpou mais uma vez. Solange disse que estava tudo bem e a levou até a porta. Minutos depois a campainha tocou e dessa vez era mesmo a faxineira. Solange então tomou um banho rápido e saiu para uma reunião sobre mais uma campanha de moda, talvez a última. No caminho, a única coisa em que ela conseguia pensar era na sorte que tivera de seu casamento com Dan ter acabado. Se permitira acreditar nas palavras de Dan, depois do segundo encontro, só para perceber que mais uma vez ele a havia manipulado. Nem mesmo a esposa dele sabia ao certo quem ele era.

Ao ver Stella naquele estado deplorável de confusão e desespero, como ela mesma já se vira, por causa dele, Solange teve certeza de que sua intuição estava certa desde o começo. O caráter dele, tão irretocável na TV, era apenas uma fachada para esconder suas mentiras. Era nisso que ele era bom, usava as pessoas como bem queria ou precisava, era isso o que sabia fazer de melhor, e ela se deixara, mais uma vez, ser enganada por aquela ladainha. Precisou se esforçar para espantar a raiva crescente que sentia, agora que via as coisas como elas eram. Passou a reunião inteira sorrindo, tentando disfarçar o ódio que tomava conta de si. Ele fora até a sua casa e interpretara, de novo, o papel do bonzinho. Fizera confissões para que ela achasse que eles sentiam o mesmo, para que se abrisse e acreditasse nele. Para mantê-la calma e claro, calada. E ela, querendo acreditar que ele não era tão ruim quanto em seus pesadelos, caíra como um patinho. Mas ele me paga, dessa vez não vou ficar num canto acuada, ela vai ver, pensava Solange, furiosa, enquanto sorria e apertava mãos ao fim da reunião.

Capítulo 16

Era véspera de Natal, e Stella quis presentear sua nova amiga com uma passagem para o Texas. Um bônus, como ela mesma dissera, pelo ótimo trabalho de Lisa durante a campanha. As duas tinham começado uma amizade depois da troca de confidências na noite da eleição, e Lisa mudara de opinião sobre a primeira-dama. A assistente de Dan passara o mês seguinte às eleições trabalhando ao lado de Stella, ajudando-a a se preparar para o seu papel e a desenvolver projetos políticos. Lisa estava cada vez mais próxima do casal mais importante da América, e isso significava muito para ela.

Não visitava sua mãe havia dois anos, porém as duas se comunicavam pela internet e, portanto, Lisa sabia que nada havia mudado. No entanto, as palavras de Stella não saíam de sua cabeça: “eu adoraria ter a quem visitar nessa época do ano”; e isso a convenceu por fim a ir, apesar do desconforto que sentia só de imaginar um retorno à sua cidade. Dan e a primeira-dama passariam o Natal na casa de campo de Raymond, com seus filhos e netos.

– *Tic tic tic tic tic... tic tic tic tic... tic tic...* – o passageiro ao lado de Lisa olhou-a com a cara feia e só então ela percebeu que estava apertando a válvula da caneta sem parar. – Desculpe, é que estou nervosa.

– Medo de voar?

– Hmm, é – disse ela, pois a verdade demoraria demais para ser explicada.

Quando o avião pousou, Lisa foi direto para o hotel deixar sua pequena mala de mão. Depois, apesar do nó no estômago, pegou um táxi até a casa onde crescera, num bairro mais afastado, onde Cristine morava. O taxista perguntou se deveria esperar, mas ela o dispensou ao ver a mãe sentada na varanda com uma lata de cerveja na mão.

– Ora, ora, o bom filho a casa torna – disse Cristine sem se levantar da cadeira de balanço.

– Já faz um tempo hein, mas vejo que nada mudou – Lisa permaneceu de pé em frente à casa, hesitante.

– Não mesmo, nada muda por aqui – disse Cristine por fim se levantando para espanar o pó de uma cadeira ao seu lado, a fim de que Lisa pudesse se sentar. – Quer uma cerveja? – ofereceu e Lisa aceitou, a mãe sorriu. – Você

mudou. Me conte, o que tem acontecido com você? Ainda trabalhando para... como devo chamá-lo agora... o presidente eleito?

– Sim, essa viagem foi presente dele – Cristine arregalou os olhos, sorrindo com malícia.

– Você está tendo um caso com ele? Por que ele te daria uma passagem de avião?

– Não, mãe, foi um presente pelo trabalho na campanha, só isso. E foi a esposa dele quem me deu, na verdade.

– Ah, aquela moça bonita. Mas tão sem sal, credo. Não sei o que viram nela com aqueles olhos enormes de bebê chorão. Olhando bem, você também não mudou muito, só está mais bem vestida, o cabelo continua o mesmo ninho de passarinho de antes – gargalhou a mãe. Lisa retrucou dizendo que sim, seu cabelo continuava o mesmo, mas tudo bem, existiam coisas mais importantes com que se preocupar.

– Hmm, sei. Me conta, e aquela negra com quem ele teve um caso...

– Não foi um caso, eles foram casados, no papel.

– Você conheceu ela? Uma negra! – dizia Cristina balançando a cabeça. – Se eu tivesse votado, com certeza não seria nele – completou, contorcendo o rosto como se sentisse nojo. – Não é que eu seja racista, mas não é estranho? Sem falar que ela é mexicana... não é estranho que um homem daqueles queira coisa com *essa* gente?

Lisa corrigiu a mãe dizendo que Solange era brasileira, e que não achava nem um pouco estranho. Ela era linda e talentosa, uma mulher empreendedora e gentil.

– Você adora me contrariar – Cristina deu um longo e demorado gole na cerveja.

Não querendo dar motivo para começarem as tão familiares brigas, Lisa puxou outro assunto, perguntando sobre a vida de sua mãe.

– Está namorando alguém no momento?

– Ainda de rolo com aquele cretino do Jason. Ele acabou de sair daqui, por pouco vocês não se esbarram. Ele foi passar o Natal com a família. Nessas horas eles sempre lembram que têm família. E você? Está namorando?

– Não – disse Lisa sabendo exatamente como sua mãe reagiria. Ela devia ter inventado alguém, só para não ter que ouvir o que vinha pela frente.

– Você está ficando velha, depois ninguém mais vai te querer. Prefere ser *solteirona*?

Lisa não respondeu de imediato. O barulho do balançar da cadeira da mãe arranhava seus ouvidos. Ela respirou fundo e disse, com a voz contida, que não se importava nem um pouco com isso. “Melhor solteira que mal acompanhada”. Cristina perguntou sobre o futuro de Lisa, se ela iria trabalhar na Casa Branca, e Lisa se empertigou de orgulho ao dizer que sim, ela trabalharia com o presidente.

– Quem diria, nascida e criada nessa cidadezinha... você quando coloca uma coisa na cabeça, ninguém tira. Já que você está numa situação privilegiada, será que me emprestaria uma grana? O aluguel está atrasado.

Lisa pegou um talão da bolsa e preencheu o cheque em silêncio com a quantia que podia dar, depois convidou a mãe para jantarem fora, arrependendo-se logo em seguida. Cristine se animou e correu para dentro de casa, a fim de trocar de roupa. Lisa entrou e sentiu, de imediato, um enjoo tomando conta de si. Continuava tudo igual, a casa escura com as cortinas fechadas, o ar abafado misturado com o cheiro de cigarro e álcool, cheiro da sua infância. Lisa voltou para a varanda, buscando ar fresco. Estava quase mudando de ideia e voltando para o hotel quando sua mãe apareceu vestindo uma calça jeans justa demais e um top tomara-que-caia de paetês lilás.

– Achei que nunca teria a oportunidade de usar – disse Cristine puxando para cima o top apertado e deixando um pedaço da barriga branca e saliente de fora.

Durante o jantar, Lisa deu corda para que a mãe falasse e assim ela não precisasse dizer nada além de “sim”, enquanto Cristine falava, animada, da vida de pessoas que ela não conhecia, como se fosse muito interessante. Lisa mentiu dizendo que voltaria naquele mesmo dia a Washington, quando na verdade sua passagem era para depois do ano novo. Após o jantar, ela chamou um táxi para a mãe, pagou adiantado a corrida, e se despediu de Cristine com um abraço insosso e vazio. Tinha pena da mãe, da vida que levava, da falta de perspectiva e de sonhos, mas isso não era o suficiente para fazê-la esquecer tudo o que vivera durante a infância naquela cidade. Nunca conhecera seu pai e, na verdade, nunca se importara tanto com aquilo. Tinha medo de que o pai fosse como os namorados da mãe, e não o conhecer permitiu a ela imaginar alguém melhor, talvez alguém que gostasse de estudar como ela.

Ela trocou o voo e conseguiu embarcar no dia seguinte, prometendo a si mesma não voltar tão cedo.

Capítulo 17

Dan pensou que teria uma folga depois de ser eleito, mas os compromissos dobraram a ponto de ele quase nunca conseguir um tempo para si. Entretanto, isso não o aborrecia tanto quanto a tentativa incessante de todas as pessoas ao seu redor de influenciá-lo. Já não se sentia mais tão à vontade com a fantasia que criara de sua vida como presidente. Pensava que teria tudo, mas só conseguira dores de cabeça e pressão de todos os lados. O partido já tinha seus favoritos aos cargos, porém ele não queria começar seu governo acatando a tudo o que diziam, afinal, o presidente era ele, o povo votara nele. Antes mesmo de tomar posse, havia percebido que era manipulado pelo partido, pela equipe de campanha, pela mídia. Onde estava o respeito à figura do presidente? Esse fora um dos motivos pelos quais pensara em escolher Lisa como sua chefe de gabinete. Mesmo sendo tão jovem e inexperiente, ela continuava a mesma e não tentava fazer suas ideias prevalecerem, apenas confiava em Dan e o apoiava. No entanto, Robert conhecia todo mundo em Washington, e isso era ainda mais importante. No fim, acatou o pedido de Stella e nomeou Lisa assistente dela na Casa Branca. Juntas, as duas deram início a um projeto de saúde infantil, que envolveu sua esposa avidamente na vida política. Stella decidiu largar definitivamente seu trabalho no consultório depois que uma jornalista se passou por mãe e levou o bebê de uma amiga, apenas para vê-la em ação. Encheu-a de perguntas pessoais e depois escreveu tudo em um artigo de primeira capa para uma revista sensacionalista: “A primeira-dama parece pronta para a maternidade, quando teremos nosso bebê?”, dizia a manchete.

Dan não precisou pressionar Stella a agir como primeira-dama. Ela decidiu por si mesma e ele teve certeza de que estava tudo bem, apesar do distanciamento recente entre os dois. Eram os compromissos e as agendas lotadas que faziam com que eles se encontrassem cada vez menos, pensava Dan. Eles quase não se tocavam desde as eleições, exceto quando necessário, em frente às câmeras. Stella não o olhava mais nos olhos nem o enchia de perguntas. Andava muito calada e reservada, à exceção da festa de Natal de Raymond, quando bebeu além da conta e virou o centro das atenções. Embora ninguém tenha se incomodado – ao contrário, Raymond pareceu

divertir-se com ela – Dan não gostou nem um pouco daquele comportamento errático e eufórico. Ele não disse nada, não queria criar confusão, tinha que pensar no quadro geral, e ela estava desempenhando bem seu papel, sua popularidade era enorme, melhor deixá-la exagerar na casa de Raymond do que em público. O vice ainda não o perdoara pelo episódio do casamento. Embora não tivessem mais se falado sobre aquilo, Raymond o tratava como um estranho desde então, como um mentiroso sujo de segunda categoria, mesmo depois de Dan dar a vitória ao partido. E agora tinha mais essa, Raymond parecia um velho babão ao lado de Stella. Achava tudo o que ela dizia “brilhante”, era patético. Descobriu que ela não ia mais à terapia, e não soube como interpretar aquela informação. Mas ela sorria quando era preciso, então ele concluiu que a esposa estava se adaptando e que esse era o motivo do estranhamento entre eles. Mesmo que não fosse, não sabia mais o que fazer ou dizer. Seu repertório romântico havia se esgotado e ele achava difícil entender as mulheres.

Janeiro se passou como um borrão em meio aos inúmeros compromissos do casal presidencial, e o dia da posse finalmente chegou. Stella e Dan passaram a noite da véspera revirando-se na cama sem conseguirem dormir, no entanto, não conversaram sobre isso. Talvez fosse assim mesmo com todos os presidentes e suas esposas. Talvez fosse natural que isso acontecesse com pessoas sob pressão. Dan só estranhou pois Stella sempre fora bastante opinativa e falante, mas tinha de confessar que essa versão mais contida o agradava. Estranhava também pois considerava Stella como uma pessoa um tanto carente para o gosto dele, e agora ela parecia bastante independente. Ela poderia estar jogando com ele, esperando que ele fosse rastejando, pedindo desculpas por alguma coisa, como de costume. No entanto, as coisas haviam mudado agora. Ele fora eleito, e não tinha tempo para aquelas besteiras. O tempo ajeitará essa situação, pensava Dan, resolutivo.

Seu discurso de posse foi filosófico e esperançoso, com um viés bastante populista. Stella estava linda em um conjunto rosa-claro e o cabelo preso num coque. O dia estava nublado e ela sentiu frio durante toda a cerimônia. Depois seguiram para um almoço com políticos e líderes importantes, mais discursos e apertos de mãos, e terminaram a noite no famoso baile de gala.

No dia seguinte, Dan já se mudara com todas as suas coisas para a Casa Branca, mas Stella só levou o essencial. Os dois mergulharam no trabalho e mal se viam. O *staff* recebeu instruções sobre como usar o sistema operacional da Casa Branca e Lisa prestou atenção em cada detalhe, mesmo

que no dia a dia não precisasse usar quase nada do que ensinaram. Stella e Lisa escolheram seus escritórios e não perderam tempo. Como o projeto de saúde infantil deveria ser custeado em parceria com a iniciativa privada, elas estavam pensando em formas de angariar fundos para colocá-lo em prática. Aproveitando o embalo da popularidade de Stella, Lisa sugeriu um baile para dali a um mês, com celebridades e políticos.

– Você tem que tentar o apoio do seu pai, ele conhece muita gente badalada de Hollywood, assim o projeto ganharia a atenção que merece. Depois, caridade pega bem e tem dedução no imposto de renda – dizia Lisa de modo prático.

– Então teremos que ser mais criativas, pois se ele não se manifestou durante a campanha, foi porque não quis se envolver. E eu não tenho dúvidas de que ele foi procurado. A senhorita deve saber mais sobre isso do que eu.

– Ok, então qual é a sua sugestão?

– Ainda não sei – disse Stella, pensativa – Eu poderia fazer uma turnê pelo país, mostrando mais sobre o projeto. A mídia ia adorar e ficaria bem mais fácil convencer outras pessoas a colaborar.

Lisa concordou, era mesmo uma ótima ideia.

– Vou escrever um documento explicando melhor nossas ideias e mandar para o partido. Sei de alguns políticos que podem nos ajudar nisso.

– Claro – respondeu Stella preparando-se para outro compromisso. Ela queria conhecer as pessoas que trabalhariam com seu marido, já que alguns deles estavam na Casa Branca antes mesmo deles chegarem. Lisa sugeriu que levassem uma produção com câmeras, seguindo-a, mas Stella recusou dizendo que não era uma oportunidade política, era apenas o certo a ser feito, e Lisa não disse mais nada, apenas a seguiu enquanto ela se apresentava, como se ninguém a conhecesse. Ela parecia bem mais à vontade naquela posição de primeira-dama do que Lisa jamais havia imaginado. Na verdade, ela estava muito mais bem adaptada do que Dan, que sofria com o peso da presidência, a cada dia mais taciturno e distante.

Capítulo 18

Por volta das dez da noite, a portas fechadas, Raymond, Robert e Elliot, seu fiel escudeiro e secretário particular, que era quase sua sombra, mas quase nunca falava, reuniram-se na casa do vice, aproveitando a ausência de Dan – que estava em compromissos longe de Washington – para discutir os próximos passos. A casa de Raymond parecia um santuário de animais mortos, empalhados, com seus olhos sempre abertos como se os vigiassem, dando um ar ainda mais sinistro àquela reunião. A decoração campestre era datada, mobiliada por sua esposa, há muito falecida. Eles se sentaram em uma enorme mesa de madeira maciça, com uma garrafa de uísque Balvenie, envelhecido por 50 anos, e debateram a situação que parecia mais urgente: o comportamento errático de Dan. O presidente estava a cada dia mais paranoico, enxergando inimigos imaginários e traçando teorias conspiratórias, ao invés de focar em desenvolver laços no congresso, onde mais careciam de apoio. Um apoio que era fundamental para aprovar qualquer das propostas prometidas aos eleitores e aos financiadores da campanha. Era como se agora que tinha o poder em suas mãos, Dan tivesse mudado; e essa mudança já era comentada nos corredores da Casa Branca. Ele havia se transformado em um tirano, deixando de lado o discurso ensaiado, a diplomacia e os sorrisos falsos, tornando a comunicação difícil. Toda vez que precisavam debater algum tema, e alguém se opunha à opinião de Dan, ele se ultrajava e dizia “as pessoas não são mais como antigamente, ninguém respeita a autoridade do presidente”.

– É como se ele esperasse ser tratado como um rei, um enviado de Deus! Ninguém pode discordar da “sua santidade”, é ridículo. Nunca, em todos esses anos de política, tive que lidar com um ego desse tamanho – disse Raymond, indignado. – Ontem mesmo, uma equipe enorme estava reunida, só especialistas na área de energia e segurança internacional, explicando seus projetos. Depois de uns vinte minutos calado, sem dar um piu, ele mandou todo mundo embora, esbravejando que nada daquilo fazia sentido, que o país não ganhava com as estratégias apresentadas, e que eles eram um bando de incompetentes. O cara teve o desprazer de dizer isso... pessoas que estudaram e dedicaram anos àquilo, não sabiam mais do que o presidente recém-eleito.

Logo ele, que nunca fez nada nessa área, ou em nenhuma, diga-se de passagem, talvez até entenda um pouco de segurança pública, mas só. De resto, só sabe o que a equipe de campanha escreve nos *briefings*, apenas o mínimo para não parecer totalmente ignorante quando pego de surpresa em alguma pergunta. Ele, o magnânimo, sabe mais que todos nós, os incompetentes! E nem vou falar nas histórias que ele inventa sobre os “inimigos da nação” – Raymond balançava a cabeça, contrariado. – Viramos motivo de chacota no noticiário político, é uma vergonha!

– Entendo seu ponto, Raymond, mas veja pelo lado bom... – ponderou Robert – os eleitores amam essas histórias de conspirações, pois sentem que precisam se defender, quase como se estivessem em uma cruzada contra o paganismo. E isso mobiliza as massas, faz com que sintam que têm um poder, que são importantes. É como se Dan desse esse poder e essa importância a eles, e isso não pode ser menosprezado. Muitas dessas pessoas nunca foram vistas, ninguém nunca quis saber a opinião delas, e eis que surge o santo Dan, montado em seu cavalo, olhando-os nos olhos e pedindo ajuda. Dizendo a eles que *precisa* deles, entende? E eles acham que é isso, que estão fazendo política com as próprias mãos, porque eles importam. E não é qualquer política, Dan representa o novo, seja lá o que isso quer dizer na mente dessa gente. Substituir Dan não irá garantir o mesmo apoio deles a você. Você representa o velho, compreende? E não adianta dizer que eles estão sendo manipulados... por que eles acreditariam no que o inimigo diz? É uma estratégia genial, se vocês querem saber a minha opinião. Genial. E Dan tem mérito por isso, e nós precisamos encontrar um meio termo.

– Mas e a nossa imagem internacional? E o congresso? As pessoas não querem ter que lidar conosco, estão se distanciando, pois Dan vê seus opositores não como desafios a serem vencidos, mas como pessoas malévolas. Ele nem se dá ao trabalho de conversar, de debater. Precisamos de pelo menos alguns membros da oposição ao nosso lado. Já ouvi gente na Casa Branca dizendo que prefere nem se meter, deixar a gente se autodestruir para depois varrer os pedaços, jogá-los no lixo e recomeçar sem a nossa presença. Temos que pensar na reeleição. Quatro anos de governo não são nada, nada. Não é possível implantar as mudanças que queremos num tempo tão curto. Se queirmos todas as pontes, não tem mais volta, e fim! É isso o que você quer?

– Fala baixo, Raymond – Robert olhou para os lados, depois prosseguiu, com a voz quase inaudível. – Não, não é isso o que eu quero, nem o partido.

Sinto que já estão arrependidos da ideia de tentar capitalizar na fama de um sujeito desconhecido, que não sabíamos como se comportaria nesse cenário. Mas como poderíamos prever isso?

– Prever que o cara ia pirar? Que não sabia fazer política de adultos e que só sabe cuspir fogo? Oras, eu previ, previ e falei, não uma, mas várias vezes. Elliot, falei ou não falei? – Raymond ergueu o queixo em direção a Elliot, que falou pela primeira vez, confirmando a fala do vice.

– Mas o que você quer então? Ainda estamos no início, pode ser apenas uma fase, não sabemos aonde isso vai dar. Talvez, nesse primeiro momento, não seja tão ruim mobilizar os eleitores para o nosso lado, atizar suas emoções, criar um espetáculo. É uma força de manobra que precisamos tanto quanto precisamos do congresso – Robert tentou justificar, falando quase aos sussurros, com medo de serem ouvidos.

– E o que faremos então? Elliot, fala alguma coisa, rapaz.

– Eu acho que temos que começar alavancando a imagem de Raymond como uma figura de equilíbrio. Alguém que tem experiência e que está à frente de tudo. Talvez enfraquecer a imagem de Dan perante os outros, desestabilizando-o.

– E como faremos isso sem nos prejudicarmos também? – perguntou Robert, preocupado com o rumo da conversa. Ele não tinha o menor apreço pela imagem de Dan, porém não via uma alternativa que não manchasse também a deles. Raymond fitava Elliot com curiosidade, e ele explicou o plano.

Falou por meia hora sem parar, quase sem tomar fôlego, numa fluidez impressionante, como se essas ideias já estivessem em sua mente há tempo suficiente para que ele discursasse sem precisar de pausas. Raymond e Robert acompanhavam o raciocínio de Elliot com expressões de espanto e surpresa. No fim, ambos estavam maravilhados com a brilhante estratégia de Elliot.

– Eu sabia que você era genial, Elliot, eu sabia – sorria Robert, dando tapinhas nas costas do rapaz, que enrubescou por um momento.

– Nada como a juventude para dar um gás nas velhas práticas políticas – disse Raymond. Apesar de encantado com o plano, havia tristeza em sua voz.

– Estou muito impressionado, mas não sei se posso concordar... não me parece correto – de repente ele se lembrou de seus princípios, e isso o entristeceu.

– Raymond, você tem que pensar no contexto. Às vezes, fazer o certo nem sempre é fácil, mas diante de um mal maior... – disse Robert dando de

ombros, como se não tivessem outra escolha.

– Mas temos que fazer tudo com o máximo de discrição, o máximo. Tem que ficar só entre nós três – Raymond apontou o dedo para si e depois para os outros, olhando-os nos olhos, sério e concentrado.

Capítulo 19

Dan aproveitou a agenda de compromissos em Nova Iorque para visitar Solange. Desde a eleição ele vinha sonhando com o momento de poder revê-la e agradecer pessoalmente seu apoio.

Decidiu ir até o apartamento dela de última hora, depois de jantar com alguns dos mais bem-sucedidos empresários da costa leste. Ele não costumava beber, mas diante da insistência dos “amigos”, abriu mão da rigidez. Era só por aquela noite, pensou. “Agora você não precisa mais provar nada para ninguém”, “o céu é o limite”, diziam eles, o que logo se mostrou uma péssima ideia. O jantar se deu na suíte do dono de um hotel badalado, seguido de uma festinha regada a álcool e acompanhantes. Mesmo embriagado, Dan se lembrou do endereço de Solange e se animou. Pediu desculpas, despediu-se dos colegas e saiu, sentindo o vento frio no rosto.

Foi sem avisá-la, esperançoso de que ela estaria em casa. Era tarde da noite quando finalmente chegou à porta do prédio. O porteiro nem perguntou quem ele queria visitar, afinal, Dan era o presidente dos EUA. Deixou-o subir sem fazer perguntas. Solange atendeu à porta confusa, ainda sonolenta.

– O que... – Solange não conseguiu terminar a frase. Dan já entrava no apartamento, sem hesitar. Foram até a sala, mas não se sentaram.

– Solange, nós vencemos! Eles me elegeram, você tem acompanhado? – Dan estava eufórico, segurando os braços da ex-esposa, mas ela se desvencilhou rápido.

Solange perguntou as horas, sabia que já era tarde, ainda mais para uma visita como aquela, mas Dan ignorou a pergunta, dizendo que aproveitara os compromissos oficiais na cidade para visitá-la. Atônita, ela perguntou novamente o que ele estava fazendo em seu apartamento, não em Nova Iorque. Ela não estava interessada em sua agenda de compromissos.

– Como assim? Solange, não é preciso fingir, não mais. Eu sei que você passou esses anos todos me esperando. Se eu soubesse, não teria me casado com Stella, mas era o meu trabalho... eu acreditei, nesses anos todos, que você me odiasse... – disse Dan como se fosse óbvio.

– Você se casou porque era seu trabalho? Que merda de trabalho é esse? Você também me disse que nosso casamento era “trabalho”. Que porra de

trabalho é esse afinal? – Solange estava indignada com as desculpas que Dan sempre dava para tudo o que fazia. – Depois, de onde saiu essa conclusão, de que eu quero alguma coisa com você?

– Antes eu era policial, agora sou presidente. Um presidente precisa de uma esposa. Meu trabalho é tudo o que tenho. Mas voltando a nós... – disse Dan apontando para si e depois para ela. – Por que motivo você teria marcado um segundo encontro depois de já termos acertado tudo com a imprensa? Você queria me ver, e está tudo bem, eu também senti saudades. Quando revi você, tudo veio como se fosse há anos atrás, nós dois morando juntos, nunca fui tão feliz quanto naquela época – Dan avançou, tentando beijar Solange, mas ela se soltou, dando um passo para trás.

– Eu vou chamar a polícia se você não for embora agora! – gritou ela, num misto de fúria e medo.

– Mas você me ama, eu sei que você também quer, senão porque teria marcado um segundo encontro, hein? Me diz!

– Eu precisava perguntar uma coisa, que me atormenta até hoje, por isso o segundo encontro!

– Ah, é? Pergunta, pergunta o que quiser, então. Eu não mentiria para você.

– Você atirou em Carlos de propósito? Eu me lembro bem... ele ainda estava amarrado e no chão quando você mirou e atirou à queima roupa e o matou. Ele não oferecia perigo nenhum, e mesmo assim você o matou...

Dan começou a andar de um lado a outro, consternado com a pergunta de Solange. Como pode ela se preocupar com aquele verme?

– Você disse que estava tudo acabado entre vocês, por que se importa com isso? – Dan cuspiu as palavras, mas não gritava. Era possível ver a fúria em seus olhos, mas ele se conteve.

– Apenas responde, me diz a verdade! – pressionou Solange.

– Matei! Matei e mataria mil vezes! Vocês dois... farinha do mesmo saco, eu deveria saber disso... os dois boêmios, falam a mesma língua, é claro que você não se interessaria por mim, sua falsa, oportunista! – Dan esbofeteou o rosto de Solange com o dorso da mão, os nós dos dedos a atingiram com força. Ela caiu de costas, mas conseguiu pegar o telefone. Começou a digitar o número da polícia, mas ele chutou o celular de sua mão para longe e riu, um riso descontrolado. Ela agarrou o pulso diante da dor dilacerante. As lágrimas escorrendo pelo rosto vermelho. Os seguranças pessoais de Dan bateram de leve na porta. Dan abriu apenas uma fresta e disse para eles que

estava tudo bem. Solange tentou gritar pedindo ajuda, mas a voz não saía.

– Você não tem mesmo noção de quem eu sou, não é mesmo? Vai falar o quê para a polícia? Que um ex-policial, agora presidente dos EUA, estava tentando... tentando o quê? Ah, já sei, vai alegar assédio sexual ou violência doméstica. Agora não se pode nem tocar numa mulher que já chamam de violência, agressão, essas coisas. Você não sabe nada do que é violência de verdade, algumas de vocês até gostam – disse Dan, ainda sem gritar, e continuou andando de um lado para o outro com as mãos na cabeça, descontrolado.

Ao ver o rosto assustado de Solange, Dan teve um vislumbre do passado, como se a cena que via diante de si já tivesse acontecido. Percebeu, horrorizado, que falava igual ao pai. Até a expressão no rosto de Solange... ele já havia visto outrora... em sua mãe.

– Desculpa, eu me excedi – ele gesticulou nervosamente, seu rosto contorcido de remorso. Fez menção de chegar perto dela, mas perdeu a coragem. Não conseguia encarar o que havia feito.

– Vai embora, você e sua mulher, me esqueçam, me deixem em paz – murmurou Solange entre lágrimas, ainda no chão.

Do lado de fora, um vizinho tentou ir até o apartamento de Solange, mas os seguranças do presidente, parados no portal, o intercederam. “Está tudo sob controle, volte para seu apartamento”, disse um deles com a cara amarrada, ao que o vizinho obedeceu. O outro pensava em entrar para ver se estava tudo bem mesmo, mas não teve coragem, “ele foi bem claro quando disse para não interferirmos, é assunto pessoal, vamos esperar mais um pouco”, e aguardaram. Lá dentro o volume diminuiu, mas a discussão continuava.

– Stella? Do que você está falando? Ela esteve aqui? É por isso que você está tão arredia? – perguntou Dan, parado diante de Solange, parecendo mais calmo. – Era isso então? Por que você não me disse antes, eu... espera aí – ele foi até a cozinha e buscou gelo para o rosto dela, vendo o olho esquerdo se fechando por causa do inchaço.

– Me desculpa, não sei o que deu em mim... – disse voltando da cozinha. Ao entrar na sala, encontrou Solange de pé com uma arma nas mãos.

– Se você não for embora agora, eu te mato. Eu juro que atiro, seu desgraçado.

Capítulo 20

Foi confirmada a morte do presidente dos Estados Unidos, esta manhã na Casa Branca. A polícia está investigando o caso e ainda não há suspeitos.

Solange viu a notícia em casa, ainda abalada pelos acontecimentos da última noite. O rosto inchado e um círculo roxo ao redor do olho esquerdo, que se tornava cada vez mais escuro e sinistro. Só agora percebia que o que acontecera anos atrás não era apenas culpa de Carlos e seu envolvimento com o tráfico de drogas. Era seu relacionamento com Dan que continuava a colocá-la em situações de violência e morte, mesmo depois do fim da Operação Manhattan.

Solange se assustou com o celular tocando. Era Rosa, já sabendo das notícias. Ela perguntou como Solange estava, alheia aos acontecimentos da noite passada.

– Você viu? Ele morreu...

– Vi e estou com problemas... – disse Solange com a voz trêmula. – Acho que posso ter colaborado com... o que aconteceu.

Silêncio. Rosa achou ter ouvido ou entendido errado e por um momento não conseguiu falar.

– Nós tivemos uma discussão feia – continuou Solange – e... eu... eu atirei nele.

– Você... atirou nele? No Dan? Com uma arma?

– Sim, ele veio aqui em casa – disse Solange entre lágrimas – e... eu atirei nele.

– Atirou? Atirou objetos? Ele foi à sua casa ontem? Você tem uma arma?

– Tenho. E usei contra ele... – Solange sussurrava, a voz embargada.

– Solange, presta atenção, liga para a sua fixer agora, ela é advogada, estou indo para o aeroporto nesse minuto, aguenta firme. Você não vai passar por isso sozinha. Eu nem sabia que você tinha uma arma...

– Eu juro que não... que não atirei com intenção de matá-lo, eu juro...

– Prefiro não conversar sobre isso por telefone, a gente se vê em breve, liga para a advogada agora mesmo e me mantém informada. Te ligo daqui a pouco de novo.

Solange ligou em seguida para Donna Carter que, por causa da profissão,

não precisava de muitas explicações para saber quando um cliente estava com problemas.

– Estou indo para sua casa, não fala com mais ninguém, não atende a porta nem o celular – instruiu Donna, aliviada por ter decidido ficar mais um dia em Nova Iorque, antes de voltar a Washington.

Stella chorava timidamente e era consolada por estranhos. Lisa, ao seu lado, dizia palavras de encorajamento.

– Vai ficar tudo bem – Lisa apertou a mão fria e suada de Stella.

– Como você pode ter tanta certeza? – Stella levantou o rosto abatido e olhou para Lisa em busca de conforto.

– Não tenho.

Capítulo 21

Rosa chegou ao apartamento de Solange ainda enrolada no cobertor do avião. Não tivera tempo nem cabeça para fazer as malas, então aproveitara que tinha guardado seu passaporte no cofre do escritório e saíra direto para o aeroporto. Ainda não sabia muito bem o que havia acontecido, mas Solange não falaria naquele tom de voz se não fosse grave. Depois da Operação Manhattan, ela achou que as coisas sossehariam e que sua amiga enfim viveria a vida que merecia. O tempo passou, a carreira de modelo decolou, e Rosa pensou: “agora ela vai voltar a ser feliz”.

Quando eram adolescentes, Solange era sonhadora e alegre, sempre otimista e de bem com a vida. O trabalho de cabeleireira não pagava rios de dinheiro, mas ela adorava o que fazia, adorava conhecer pessoas. Seu carisma ao lidar com os clientes chamava a atenção, por isso, quando Solange disse que queria abrir seu próprio salão, ainda aos dezoito anos, Rosa embarcou na ideia. Não era a primeira vez que conversavam sobre uma sociedade num negócio próprio, mas era a primeira vez que Solange falava a sério. Ela já vinha economizando para isso, quando sua tia ligou e mandou uma passagem para Nova Iorque. Era uma oportunidade imperdível, sem dúvida, e ela acabou usando todas as suas economias para tentar ficar nos Estados Unidos e conseguir fazer um curso na área de administração, acreditando que isso aumentaria suas chances de, quando voltasse ao Brasil, conseguir um financiamento. Foi assim que a amiga conheceu Dan, e deu no que deu. Apesar de tudo, Solange conseguiu estudar, não na área que queria, mas num curso de cosmetologia capilar que rendeu frutos quando ela começou a criar seus próprios produtos. O sonho da Sol Cosmetics nasceu assim, e depois que conseguiu seu primeiro contrato como modelo, Solange investiu tudo nele. Era essa capacidade de dar a volta por cima e se reinventar que Rosa esperava presenciar de novo, mesmo que o caminho até lá demorasse. Fora por isso que tinha vindo a Nova Iorque ficar com Solange. Quando a Operação Manhattan acabou, Solange e ela só puderam se falar ao telefone, e Rosa desejou ter condições financeiras para poder visitá-la. Não sabia se a amiga se recuperaria daquilo tudo, e agora, mais uma vez. Donna ainda estava no apartamento quando Rosa chegou.

– Você deve ser a Rosa – disse Donna estendendo a mão para cumprimentá-la.

– E você a advogada, que bom encontrá-la por aqui. Onde está a Solange?
– perguntou Rosa no seu inglês com forte sotaque. Donna a levou até o quarto onde Solange dormia sob o efeito de um calmante. Ao ver o rosto da amiga pela fresta na porta do quarto, Rosa sentiu os olhos se encherem de lágrimas.

– O que aconteceu com o rosto dela? – sussurrou, sem acreditar no que via. Durante o voo, tentara se convencer de que talvez Solange estivesse exagerando, não devia ser tão grave assim. Donna disse que um médico já a havia examinado e que apesar da aparência, ela iria ficar bem. O pulso já estava enfaixado e, no momento, não havia nada mais a se fazer.

– Foi ele, o presidente – disse Donna, mexendo a cabeça em direção à TV ligada no mudo. A notícia estava em todos os canais.

Rosa demorou a perceber do que se tratava. Era Dan. Ela sempre desconfiara daquela necessidade excessiva de aparentar tranquilidade, mas nunca imaginara que ele fosse violento. Donna interrompeu seus devaneios perguntando se ela sabia da existência de uma arma.

– Não, mas uma vez ela disse que achava estar sendo seguida, um tempo depois da Operação Manhattan, e que pensava em comprar uma arma para se proteger. Eu fui contra, disse que ela deveria informar suas suspeitas à polícia, mas ela disse que era só uma desconfiança, que não queria fazer alarde e que não confiava neles.

– Ela atirou para se defender. Enquanto a TV não atualiza as informações de como Dan morreu, eu conto com uns amigos na Casa Branca para me informar melhor. Mas ainda não sabemos a causa da morte, tampouco o local.

– Então quer dizer que ela atirou, mas não o matou? Não pode ter sido Solange, não pode.

– Ainda não sabemos.

– Mas ela disse que atirou nele, tiro de verdade?

– Ela disse que atirou, pois estava com medo de que ele continuasse a agredi-la, mas quando eu cheguei aqui, ela não falava coisa com coisa, não fazia sentido. Dei um calmante a ela para esperarmos por você. Ela não parou de perguntar por você, e havia ficado acordada a noite toda, parecia exausta e confusa.

– Vou aproveitar e tomar um banho, tentar descansar antes de Solange acordar. Obrigada por vir e cuidar de tudo.

– É o meu trabalho.

Rosa foi ao quarto de hóspedes e tomou um banho quente e demorado. Podia sentir os músculos das costas tensos e deixou a água quente correr pelo corpo. Sua cabeça não parava e ela imaginou muitos cenários em que Solange atirava em Dan, mas tudo parecia surreal demais para fazer sentido. Se ele havia morrido em Washington, o que era uma possibilidade, o culpado provavelmente estava por lá, e a briga da noite anterior fora apenas uma coincidência. Mesmo que o pior tivesse acontecido, Solange poderia alegar legítima defesa. No entanto, o fato de já terem se passado 24 horas e ela ter lavado qualquer evidência poderiam piorar a situação. A arma era outra história, mas fazia sentido. Talvez Solange a tivesse comprado por medo de que o tráfico, ou alguém ligado a Carlos, a ameaçasse.

Quando Rosa saiu do banheiro, Solange já estava no quarto, esperando. Elas se abraçaram e Solange chorou por alguns minutos, enquanto Rosa tentava conter as próprias emoções para que a amiga soubesse que estava tudo sob controle. Era muito difícil ver Solange com o rosto naquele estado, deformado.

– Vai ficar tudo bem... – ela disse passando a mão no cabelo de Solange.
– Me conta o que aconteceu.

Solange então confirmou as suspeitas de Rosa – de que a arma havia sido comprada há alguns anos, quando pensou estar sendo seguida – e contou toda a história, conforme havia acontecido, com o máximo de detalhes de que conseguia se lembrar. Donna, com a permissão de Solange, repetiu as perguntas e gravou a narração dos fatos no celular.

– Eu preciso fazer essas perguntas, você está pronta? – perguntou Donna enfática, ainda que seu olhar emanasse compaixão. Solange respirou fundo e balançou a cabeça em concordância, então a advogada começou:

– O que Dan estava fazendo aqui e por quê?

– Ele teve um compromisso em Nova Iorque e, segundo ele, aproveitou para passar aqui e me agradecer pelo suporte nas eleições. Essa, pelo menos, foi a justificativa inicial.

– Ele veio com os seguranças? Um presidente sempre anda com seus seguranças.

– Sim, eles ficaram do lado de fora, aguardando junto à porta.

– Ele não ligou antes? Você checkou as mensagens de voz, telefonemas perdidos?

Solange contou que ele aparecera sem avisar e que ela já estava quase

dormindo quando ele bateu à porta.

– Você sabe a hora, o mais próximo da hora que ele chegou? Lembra de ter visto o celular antes de apagar as luzes? – Donna queria apurar a história.

– Por volta das onze da noite, ou quase meia-noite. Lembro porque eu comecei a ver um filme às dez e acabei cochilando.

– Por quanto tempo ele ficou aqui? A que horas você acha que ele foi embora?

– Ele ficou no máximo meia hora, pois eu não dei conversa, já fui logo tentando me livrar dele.

Donna pigarreou.

– Solange, minha cara, não use expressões como “se livrar dele”. Você tem que aprender a se comunicar melhor de modo a não transparecer que você, nem por um momento, pensou ou premeditou o suposto crime, entendido?

Solange confirmou e continuou a história, dizendo que atirou para cima, para assustá-lo. Ele não caiu nem pareceu ferido. Os seguranças entraram e saíram com ele, que caminhava normalmente, dizendo que estava tudo bem, não era nada de mais, que ele já estava de saída mesmo.

– E foi isso.

– Não teve sangue? Ele não caiu sangrando? Ele saiu *andando*? – Rosa enfatizou a palavra, rindo nervosamente.

– Não sei, foi tudo muito rápido, eu atirei e segundos depois os seguranças o levaram.

– Então é possível que ele tenha morrido por outra coisa completamente diferente, em Washington mesmo, não é? Nossa, Solange, eu quase enfartei achando que você o tinha matado, mas é totalmente possível que tenha sido outra coisa, outra pessoa! Ele tinha inimigos, muitos inimigos políticos. Meu Deus... você quase me matou de susto – disse Rosa fazendo um gesto com as mãos indicando alívio. Nem Donna nem Solange, no entanto, pareciam aliviadas.

Capítulo 22

Quase 20 anos como investigador do FBI não prepararam Larry para as perguntas que teria que fazer à viúva do presidente. Ele odiava Dan e, embora não pudesse admitir, achou que o país se livrara de um oportunista ignorante. Mas suas convicções nada tinham a ver com o caso, que seria investigado com rigor. Foi assim que ele encarou sua primeira entrevista do dia com Stella. Se ela soubesse de algo, ele descobriria.

Ela o aguardava na antessala que dava para seu quarto, vestindo um conjunto preto e aparentando desolação. Havia uma bandeja de prata com duas xícaras de chá, que Stella serviu quando Larry se sentou para interrogá-la.

– Sinto muito, primeira-dama. Gostaria de poder adiar nossa conversa, mas acredito que em nenhum momento ela vá ser mais fácil.

– Obrigada pela consideração, mas prefiro estar ativa e colaborar com a investigação.

Larry acenou com a cabeça em concordância, abriu sua caderneta e começou com as perguntas.

– Onde a senhora estava na noite da morte de Dan Jager?

– Eu estava aqui, na Casa Branca, os empregados podem confirmar.

– A senhora sabia que Dan estivera visitando a ex-esposa, Solange, na noite do crime?

Stella não sabia, embora suspeitasse, e não conseguiu disfarçar a surpresa daquela declaração.

– Você tem certeza disso?

– Sim, senhora. Já estamos interrogando Solange e averiguando a versão dela dos fatos, mas ela alega que o presidente saiu de seu apartamento ainda vivo e, tendo em vista que ele morreu aqui, o depoimento dela faz sentido.

Depois de conversar com Donna, Solange concluiu que era melhor ir a Washington e falar tudo o que sabia. Se apresentar antes de ser procurada poderia ajudar seu caso. Rosa a acompanhou, mas temia por sua amiga, pela exposição que aquele caso traria.

Stella tentava se recuperar respirando fundo. Larry se compadeceu com aquela visão e aguardou, até que ela perguntou como e quando seu marido se

encontrara com a ex-esposa. Larry disse que ainda não tinha os detalhes, mas na verdade ele não queria revelar tudo logo de cara.

– Eles estavam tendo um caso? – Stella perguntou e Larry percebeu uma fisgada de humilhação perpassando o rosto dela, as bochechas levemente coradas, olhando para baixo.

– Ainda não temos confirmação.

Stella ficou em silêncio, avaliando a informação. Ela sabia que, o que quer que tivesse acontecido naquela noite com Solange, levava a um péssimo desfecho. Ela nunca vira Dan bêbado, embora seu comportamento desde que se confirmara eleito tivesse mudado, para pior. Ele parecia sempre agitado e mal-humorado, mas ainda assim calmo e a cada dia mais calado e introspectivo. Stella já desconfiava que algo de muito errado acontecera em Nova Iorque para ele ter chegado a Washington naquele estado deplorável.

– Está tudo bem, senhora? – interrompeu Larry diante do silêncio de Stella. Parecia que Dan não tinha o casamento perfeito no fim das contas, pensava ele.

– Sim, o senhor tem mais perguntas? Eu gostaria de me deitar um pouco antes de começar os preparativos para o velório. Quando o corpo será liberado?

– Nós precisamos de um pouco mais de tempo, sinto muito. Vou deixá-la descansar, mas eu posso voltar mais tarde, para atualizá-la sobre o interrogatório com Solange.

Assim que terminou a frase, Larry percebeu a burrada. Disponibilizar-se para falar sobre uma investigação em andamento, onde ele estava com a cabeça? Eram aqueles olhos azuis, maternais e aquosos, que o lembravam de sua querida mãe, só podia ser.

– Sim, eu gostaria muito, quero estar por dentro de tudo o que vocês descobrirem.

Ao ver Larry se afastando, Stella ligou para Lisa e a chamou com urgência até a ala sudoeste da Casa Branca. Em menos de vinte minutos, ela chegou e foi direto aos aposentos do presidente. Lisa estava calma, parecia focada no trabalho, como de costume.

– Não me sinto segura para conversarmos aqui, vamos dar uma volta no jardim? – disse Stella pegando Lisa pelo braço e saindo sem esperar resposta. As duas ficaram andando pelo gramado bem aparado, especulando o que Dan fazia no apartamento de Solange, àquela hora da noite.

– Eu tenho 99% de certeza de que eles não estavam tendo um caso. Não

sei bem o motivo, mas ela não parecia nem um pouco interessada nele quando nos encontramos pela primeira vez – revelou Lisa.

– Ela pode ter gostado da atenção, da fama, da mídia.

Era uma possibilidade, Lisa tinha de concordar, mas era aí que estava o ponto, Solange não gostava da mídia. Em suas pesquisas, descobrira que a modelo era conhecida por levar uma vida reclusa, sem rede social ativa. O Instagram e o Twitter eram atualizados por uma agência de marketing.

– Mas ela pode ter mudado de ideia... ou pode estar escondendo algo, por isso evita se expor – argumentou Stella.

Lisa não acreditava que Solange tivesse algo a esconder, não em relação ao relacionamento dela com Dan. Ela mesma, em inúmeras ocasiões, ficara responsável por atender ligações do celular de Dan, e havia vasculhado o aparelho em busca de algo, sem encontrar nada. Lembrava, no entanto, de tê-lo visto com um outro aparelho barato. Na época não dera a devida atenção, mas aquilo poderia ser uma pista.

– Se eles estivessem tendo um caso, teriam que se comunicar de algum modo, e naquele celular não havia nada. Mas talvez ele tenha um celular descartável, o investigador não falou nada a esse respeito?

– Não, mas nós podemos aproveitar e procurar nas coisas dele. Se existir, nós vamos encontrar.

Elas voltaram para dentro e foram direto ao quarto do casal. Stella trancou a porta atrás de si, enquanto Lisa tirava todos os ternos de Dan para fora do closet e examinava os bolsos. Elas reviraram o quarto inteiro e depois de meia hora procurando, sem sucesso, Lisa perguntou como Stella estava, mas a primeira-dama, não querendo perder o foco da busca, respondeu apenas “muito bem, obrigada”, de modo automático e desprovido de emoção. Elas continuaram procurando até que Stella parou, analisando uma foto amassada que acabara de encontrar na gaveta do criado-mudo. Uma foto do casamento de Dan e Solange, anos atrás, a noiva com um ar triste e Dan com seu típico olhar sério e compenetrado, porém ainda assim, com aquela rara faísca de emoção. Uma emoção que ela não sabia muito bem como interpretar. Temia descobrir mais sobre o marido. Achava que a campanha tinha revelado todos os segredos dele, mas pressentia que, com Dan, sempre havia mais. Queria poder chorar e se entregar ao lamento como uma viúva normal faria, mas eles não eram *normais*, pensava, e de fato muita coisa sobre Dan ainda seria revelada.

Capítulo 23

Solange ainda se lembrava de como havia sido sua última conversa com o FBI. Eles tinham ficado horas fazendo perguntas sobre Carlos, sobre a Operação Manhattan, sobre Dan. Ela colaborara, dizendo tudo o que sabia, e depois de três dias de interrogatórios fora liberada.

Agora, o mesmo joguinho de “bom policial, mau policial” tomava lugar, mas ela não se deixou atingir tão facilmente. O rosto inchado ajudou, pois os investigadores tiveram pena dela e não pegaram tão pesado quanto no passado. No entanto, eles estavam obcecados com a ideia de que ela matara Dan em legítima defesa e insistiram nessa linha de pensamento durante o interrogatório todo. Solange levou a arma e contou a história toda da agressão. Já começava a contar mais uma vez, quando Donna interrompeu o interrogatório com batidas enérgicas na porta. Uma de suas fontes informara que Dan havia morrido com uma perfuração, ainda não identificada, na região do coração. A hipótese de morte por arma de fogo havia sido descartada, então não poderia ter sido Solange. Talvez ela estivesse mesmo falando a verdade, pensou Donna pela primeira vez. Ela não sabia com exatidão o que sua cliente escondia, entretanto, sentia que havia algo.

– A menos que vocês tenham mais alguma prova, o que não terão porque não foi ela, terão que liberá-la – disse Donna enfática, mesmo sabendo que Solange poderia tê-lo matado de outro modo. Ela tinha motivos. No entanto, todas as evidências, até o momento, apontavam para outra direção. Dan morrera em Washington, não em Nova Iorque, isso já era o suficiente para pressionar o FBI a liberá-la.

– Nós ainda temos algumas horas e Solange vai ficar aqui pelo tempo que for necessário – respondeu Larry, sério, com o peito estufado, tentando impressionar.

– Minha cliente veio até Washington, entregou a arma e contou tudo o que aconteceu naquela noite. E mesmo sabendo que Dan não morreu por causa do tiro, vocês a mantêm aqui. Sou obrigada a concluir que não sabem de nada e, pior, estão apenas tentando achar um culpado para encobrir sua própria incompetência. Ela pode até ficar aqui, mas não vai mais falar uma só palavra – retrucou Donna, enquanto Larry levantava as sobrancelhas,

surpreso. Como ela sabia a causa da morte de Dan se ainda não tinham divulgado essa informação para a imprensa? O investigador foi chamado e saiu da sala. Ficou uns minutos do lado de fora, conversando com um sujeito de avental. Donna tentava decifrar sua expressão, ler seus lábios, mas nada concluiu. Larry voltou e permitiu que Solange fosse liberada.

– Mas ela não poderá sair da cidade até que possamos excluí-la totalmente da lista de suspeitos – disse a Donna. – Ela tinha motivos. A causa da morte não a exclui definitivamente. Ele pode ter morrido em decorrência de um ferimento causado por sua cliente, aqui em Washington. Sangrando devagar... mas vou deixá-la ir, por enquanto – disse Larry em tom de ameaça.

Rosa aguardava ansiosa no hotel. Donna e ela tinham combinado de começar uma investigação por conta própria, e Rosa estava envolta em papéis, revendo discursos e declarações polêmicas dadas por Dan durante a campanha. Ele tinha tantos inimigos que focar apenas em Solange demonstrava quão desesperados eles estavam. A pressão para resolver um caso assim devia ser enorme, mas não justificava a negligência. Eles não tinham a arma do crime, nem qualquer outra evidência exceto o depoimento prestado voluntariamente por Solange.

Quando ouviu batidas na porta do quarto, Rosa correu para abrir, mas não era Solange.

– Posso entrar? Eu preciso falar com Solange – disse Stella em voz baixa. Rosa não soube o que fazer, mas acabou deixando que ela entrasse. Seguranças montaram guarda do lado de fora do quarto e quando Solange os viu, retornando da sede do FBI, seu primeiro impulso foi o de sair correndo dali. Depois se lembrou de que Dan estava morto e que ela não tinha nada a temer, fosse lá quem estivesse ali. Donna foi na frente e entrou no quarto de Solange, porém ficou sem palavras quando viu de quem se tratava.

– Quero apenas conversar – disse Stella levantando-se. Rosa havia servido café e as duas conversavam sobre o frio, mas Stella observara os papéis espalhados pela cama e concluía que elas também estavam investigando. Rosa e Donna ficaram paradas esperando por uma resposta de Solange.

– Pode falar – disse por fim. Ela sentou-se em uma poltrona confortável perto do aquecedor e esperou.

– Se vocês não se incomodam, gostaria de conversar a sós com ela – pediu Stella. Solange apenas confirmou com a cabeça, então Donna e Rosa saíram. Indo direto ao ponto, Stella perguntou se eles estavam tendo um caso,

ao que Solange respondeu, mais uma vez, que não.

– Então o que aconteceu? Por que você atirou nele? – Stella tinha o olhar cansado e olheiras profundas.

– Ele queria que algo mais acontecesse e quando eu disse que ele estava louco, ele veio para cima de mim – Solange tirou os óculos escuros e Stella abriu a boca, espantada com o que viu.

– Foi Dan que fez isso com você? Meu Deus, eu... desculpa – Stella não sabia daquele detalhe e, embora tivesse prometido a si mesma que não se surpreenderia mais com Dan, aquilo era quase tão ruim quanto o que havia acontecido com ela. Naquele momento, teve certeza de que Solange falava a verdade.

– Ele me agrediu. Achei de verdade que ele ia me matar.

– Sinto muito.

– Mas eu não atirei para matar, sequer atirei perto dele, só queria que ele fosse embora, e ele foi, e não estava ferido. Eu vi, pelo menos não aparentava... não tenho como ter certeza, pois os seguranças entraram no apartamento e o levaram embora.

– Sinto muito que você tenha passado por isso – disse Stella mais uma vez, com sinceridade.

– Eu também – Solange tinha um olhar vazio, como se não tentasse mais entender o que acontecera.

Elas se despediram e Stella foi embora ainda mais atordoada do que antes. Rosa e Donna correram de volta ao quarto. Solange contou que ela só queria saber o que havia acontecido, não era nada de mais, e pediu para ficar sozinha com Rosa. Donna saiu e Rosa por fim perguntou sobre algo em que não parara de pensar enquanto Solange estava sendo interrogada.

– Eles perguntaram sobre o greencard?

– Não, ninguém me perguntou nada sobre isso, mas Dan pode ter deixado alguma prova, ainda não sabemos. Você não falou nada pra Donna, né?

– Claro que não, mas ela suspeita de algo, acha que você não está falando toda a verdade. Será que não é melhor contar? Ela pode ajudar.

– Não! Esse assunto morre aqui e agora.

Rosa assentiu e elas não falaram mais nada. Mais tarde, Donna voltou ao quarto e então elas começaram a debater uma possível lista de suspeitos. Solange preferia se atualizar sobre a situação e ouviu os argumentos das duas advogadas.

Precisava se distrair, mas a verdade é que, mesmo querendo descansar,

não queria ficar sozinha. Tinha medo de baixar a guarda e algo ruim acontecer, por isso só conseguia dormir com a ajuda dos soníferos. A visita de Stella a surpreendera, mas ela achou melhor ser honesta, como havia sido desde o início. Se a primeira-dama acreditaria, ela não sabia, porém não se importava mais com isso. Estava mais preocupada consigo mesma. Quando chegara a Nova Iorque, ela trabalhava em dois turnos, à noite na boate e pela manhã no hotel, como camareira. Na época, tentava economizar para pagar pelo tão sonhado curso que a manteria no país com visto de estudante. O tempo, porém, era curto, por isso ela encaixara um trabalho em cima do outro, mesmo que seu corpo não aguentasse o esforço, e começara a tomar anfetaminas. Abusou dos comprimidos, fornecidos por Carlos, pois pensava “são remédios, receitados pelo médico”, e foi aumentando a dose a cada dia. Só percebeu que estava viciada, que eram drogas, quando além das pílulas, começou a usar cocaína, ainda que em pequenas doses. Era pouco, mas ainda assim o suficiente para fazê-la abrir os olhos. Dizia a si mesma que seria temporário, até ter toda a grana de que precisava, mas percebeu que as coisas estavam saindo de controle quando Martina percebeu. Julgava ser discreta, e o fato de ter sido descoberta a deixou envergonhada. Disse a si mesma, mais uma vez, que iria parar. Foi aos narcóticos anônimos e começou a trabalhar menos, até porque, sem as drogas, seu corpo não aguentava. Depois disso, veio o casamento comprado, que foi como um raio de esperança num momento de desespero. Esses eram segredos que quase ninguém conhecia, mas ela tinha medo de que vazassem para a imprensa. Uma ex-esposa nunca recebe a devida atenção, a não ser que seja uma assassina. Eles fariam de tudo para acabar com a imagem dela, iriam atrás de pessoas do seu passado e estampariam nos jornais as coisas que ela havia feito quando jovem e inconsequente, coisas que nem ela havia se perdoado por ter feito. Sua reputação estaria na lama e sua empresa também. Era imprescindível conseguir o apoio de uma mulher como Stella. Dan, mais uma vez, trazia insegurança à sua vida, mesmo depois de morto; mas agora ela não seria uma vítima, agiria em sua defesa e se aliaria com quem quer que se dispusesse a ajudá-la, e isso incluía Stella, que ao que tudo indicava, era tão vítima quanto ela.

Capítulo 24

Stella passou o caminho de volta à Casa Branca em silêncio. Ela sabia que Dan havia mudado depois do encontro com a ex e agora sabia o motivo: ele tinha esperanças de tê-la de volta. Talvez por isso andasse tão estranho. Em alguns momentos estava eufórico, o mundo era dele, e em outros, calava-se, mal-humorado. Talvez ele a visse como um obstáculo aos seus desejos. Stella se perguntava, diante dos fatos, se até o casamento deles havia sido falso, apenas porque ele precisava disso para sequer cogitar a carreira política.

Ela desceu do carro e foi se encontrar com Lisa, que a aguardava no jardim, conforme o combinado.

– Ele queria ter um caso com ela.

Lisa arqueou as sobrancelhas de espanto. Tentou convencer Stella de que aquilo poderia ter sido invenção de Solange, não tinha como elas terem certeza. Disse tudo isso mais por pena de Stella do que por acreditar que Solange mentia.

– Tem mais... ele bateu nela, ele a agrediu e ela ficou com medo e atirou.

Elas ficaram em silêncio, Lisa digerindo o que acabara de ouvir. Agressão? Solange também?

– Ela contou a você ou foi o agente do FBI?

– Ela mesma me contou, ainda não falei com mais ninguém. Ela não atirou para matar, entende? Foi para assustá-lo, fazer com que ele parasse. Mas se ela tivesse atirado para matar, quem a culparia? Certamente eu não – Stella sacudiu a cabeça. – Nem sei mais o que estou falando, me desculpe. O que me preocupa é que o FBI não parece ter mais nenhum suspeito e algo me diz que eles vão tentar incriminá-la, e nós não podemos deixar isso acontecer. Não é correto.

– Então vamos aguardar a investigação avançar – Lisa passava as mãos no blazer como se o alisasse, olhando para baixo. Mas Stella sabia que Lisa tinha algo mais para falar. Ela sempre ficava assim quando tinha de dar más notícias. Talvez mais uma surpresa “inconveniente” de Dan, pensou.

– Lisa, seja lá o que for, fala, por favor – Lisa a observou surpresa. Sua voz saiu baixa, como se faltasse fôlego para falar.

– Eu descobri uma coisa, nem sei se eu deveria te contar... – disse, olhando para baixo. Preferia não dar mais aquela notícia a Stella. Havia encontrado, naquela manhã, o celular secreto de Dan em seu gabinete, e o conteúdo do aparelho era pior do que elas haviam imaginado.

– Parece que Gemma e Dan andavam trocando mensagens... sobre suas idas à terapia. Ela não é sua melhor amiga?

– O quê? – Stella franziu o cenho, não acreditava no que ouvia. – Você tem certeza? Ela parecia nem gostar dele...

– Isso tudo também veio como uma grande decepção para mim, e se eu não tivesse visto por mim mesma, talvez até hoje acreditasse que Dan era o homem mais justo e correto do mundo. Mas às vezes me vejo em dúvida, não quero acreditar. Não quero acreditar em Solange, por exemplo. Algo em mim quer crer na inocência dele, que ele só fez aquilo... aquela noite, porque estava bêbado, como se isso desculpasse alguma coisa.

– Acabar com certas ilusões é difícil. Talvez para mim, que já suspeitava que tinha algo de muito errado com ele, tenha sido mais fácil. Mas ainda machuca admitir que eu não o vi como ele era.

Elas ficaram paradas no frio, caladas, até que Stella perguntou, ainda com um pouco de esperança de que não fosse nada de mais, sobre as mensagens de Gemma.

– Tomei a liberdade de transcrever para você, pois quando a equipe do FBI voltar, eles vão levar o celular. O oficial e esse, a gente tem que entregar tudo a eles, acho que escondê-lo pode nos comprometer. Me admiro deles ainda não terem feito uma limpa nas coisas dele, mas tem pouco mais de 24 horas desde... enfim, está aqui – e Lisa entregou uma pasta contendo por volta de 100 páginas de conversas, que datavam de pelo menos seis meses atrás, antes mesmo de Stella começar a terapia com a amiga. A ideia de que Dan e Gemma mantinham contato deixou Stella enjoada. Mesmo assim, preferiu acreditar que não era nada grave. Talvez Gemma achasse que a estava ajudando, só podia ser isso, pensava.

Um segurança avisou que Larry aguardava a primeira-dama na antessala do quarto do casal e elas decidiram voltar. Lisa se despediu e deixou Stella sozinha. Ela entrou e viu o chefe da investigação tomando chá, sentado sozinho numa poltrona antiga, sentindo-se em casa.

– Vejo que você está sendo muito bem tratado.

– Desculpe, eu estava com muito frio quando me ofereceram um chá, não consegui resistir... – disse Larry levantando-se e deixando a xícara na mesa

de centro.

– Imagina, fez muito bem em aceitar. Sandra, me traz uma xícara também, por favor? – pediu Stella sentando-se, dessa vez mais próxima de Larry. O detetive explicou que teriam de recolher os pertences de seu marido e que ele fora antes para avisá-la. Prometeu tomar cuidado para não danificar nada.

– Sei que é um momento difícil para a senhora, mas o tempo é crucial para a investigação.

– Obrigada, Larry – ela o chamou pelo primeiro nome, dispensando formalidades e pegando rapidamente na mão do investigador. – Obrigada pela consideração em vir me avisar, eu tenho passado por momentos muito estressantes, não sei como agradecer os cuidados, seus e da sua equipe, com o caso. Alguma novidade que você possa me contar?

– A ex-esposa já foi interrogada, mas a arma que ela usou sequer foi disparada.

– Ah, é mesmo? Nem sabia que ela tinha uma arma – Stella tentava disfarçar a curiosidade.

Larry revelou que Solange tinha sim uma arma de fogo e que ela mesma havia informado à polícia a tentativa de usá-la. No entanto, a perícia técnica concluíra que a arma, talvez por a bala ser antiga, não havia disparado.

– Houve uma pequena combustão, mas não o suficiente para projetar a bala. Nós também não achamos nenhum buraco nas paredes, depois de vasculhar o apartamento dela, nenhum cartucho. Tendo em vista que o ferimento não era condizente com o de um disparo, creio que ela pode estar dizendo a verdade. Mas Solange ainda pode responder por tentativa de homicídio, afinal, ela admitiu ter atirado. E ela ainda pode tê-lo matado, apenas não com um tiro.

– Compreendo, mas vocês não têm outros suspeitos? Já sabem qual poderia ter sido a arma do crime? – Stella olhava Larry nos olhos.

– Infelizmente creio que ele foi esfaqueado, um único golpe. Já descartamos qualquer tipo de acidente, no entanto, precisamos de mais tempo para confirmar com 100% de certeza. Agora, se a senhora me dá licença, vou acompanhar minha equipe na busca dos bens do seu marido – avisou Larry, já se levantando e chamando o time de doze técnicos, todos vestidos em seus uniformes de trabalho, touca na cabeça e nos pés, como cientistas em busca da verdade.

Stella os cumprimentou com a cabeça e esperou na antessala a fim de

escutar alguma informação que pudesse ser valiosa. Ela queria abrir a pasta com as mensagens entre Dan e Gemma, mas teve de esperar por mais de três horas até que os agentes fossem embora.

Capítulo 25

Lisa ainda estava em seu escritório quando o pessoal da transição chegou para tratar da posse de Raymond Scott, o vice de Dan. Robert continuaria sendo o chefe de gabinete. Lisa e ele tinham se encontrado mais uma vez, antes do Ano Novo, depois daquele último dia de campanha, quando transaram pela primeira vez. O sexo continuou estranho, mas pelo menos ela não tinha passado a virada sozinha.

– Sinto muito, mas seus dias de glória chegaram ao fim – disse Robert sentado em frente a Lisa, colocando os pés em cima da mesa. Lisa se levantou e tirou as pernas dele da mesa.

– Você tem que me arrumar alguma coisa aqui na Casa Branca.

– Para quê? Você e a viúva não vão abrir alguma fundação ou instituição que leve o nome do presidente falecido? Você está na melhor das situações, pois representar um homem morto é tranquilo e Stella gosta de você, vai te arranjar um trabalho.

– Mas eu gosto de estar na Casa Branca – ela disse com a voz manhosa, e ele deu de ombros.

– Tudo bem, vou ver o que consigo, muito embora eu saiba que você não gosta do Raymond.

– Eu só acho que ele não devia ser o presidente. Tempo de serviço não faz um bom político. Mas eu sou boa no que faço e já provei isso – ela olhou para baixo. – Talvez eu não goste dele, pois Raymond me lembra demais minha terra natal.

– Já disse que vou ver o que consigo. Mas sabe, essa é uma das minhas curiosidades... por que você não me conta logo de uma vez o que tem nessa sua cidade?

– Minha mãe, minha infância... apenas mais um caso de negligência infantil. Vamos colocar assim.

– Ok, ok... você vai precisar de quanto tempo para desocupar sua sala e a de Stella? Tenho planos para ela.

– Me dá algumas horas.

– A posse de Raymond vai acontecer daqui a dois dias, caso você ainda não saiba. É claro que nós contamos com a presença da ex-primeira-dama. Se

você puder convencê-la a ir, seria ótimo.

– Ela vai, mas não espere nenhum comentário dela. Stella ainda está muito abalada para se expor assim.

– Tanto faz, só quero uma foto dos dois, só isso. Logo mais eu venho tomar posse do que é meu – ele se levantou e lançou a Lisa mais um de seus olhares maliciosos, daqueles que a deixavam enjoada e ao mesmo tempo grata por ser desejada. Eles se despediram e ela começou a arrumar suas coisas. A mãe iria se deleitar quando soubesse que ela mal começara e já perdera o emprego na Casa Branca. Depois de tanto trabalho e dedicação, talvez precisasse devolver o recém alugado apartamento e voltar ao quartinho minúsculo onde morava antes. Mas era tudo culpa daquele idiota do Dan. Por que resolveu tomar um porre num dia tão especial? Por que ele não continuou fingindo ser um cara legal e íntegro como ela sempre imaginou? Às vezes uma ilusão podia ser tão atraente que ficava difícil aceitar a realidade. Mas não tinha escolha senão seguir em frente. Talvez Rob arrumasse algo para ela, pelo menos nesse relacionamento não havia fingimento, ele era o que era: um idiota arrogante e ambicioso, e nisso eles combinavam.

Meu lugar é na Casa Branca e voltarei em breve, pensou ao fechar a porta atrás de si, levando uma caixa com documentos e objetos pessoais.

Antes de ir, Lisa resolveu se despedir de Stella e foi até o quarto do casal. Os seguranças, já acostumados a vê-la por ali, a deixaram seguir, mas informaram que o quarto estava interditado e que Stella se encontrava em outro aposento ao lado. Ela bateu de leve na porta. Stella gritou “entra” e Lisa obedeceu. A imagem era contrastante. Stella parecia uma princesa em seu pijama de seda, deitada numa cama com dossel de metal envelhecido, cobertas brancas e imaculadas, segurando o maço de papel com as mensagens trocadas entre Dan e Gemma. Era a visão da beleza e do desolamento. Ela parecia confusa, como uma criança que se perde dos pais no meio da rua. Lisa ficou calada, e Stella a encarou. Ela balançou a cabeça para se acordar do pesadelo e voltou a si, vendo que Lisa carregava uma caixa.

– Por que você está com essa caixa?

– É meu último dia aqui. Você estava lendo... as mensagens trocadas com Gemma?

– Sim. Ela estava apaixonada por ele, coitada. Não sei se algo aconteceu, mas pelas mensagens, parece que não. Ele sabia dos sentimentos dela e usou isso a seu favor, deu esperanças, alimentou a fantasia de Gemma.

– Vocês nunca mais se falaram depois de encerrada a terapia?

– Não. Quero dizer, ela me ligou quando soube da morte dele, parecia devastada. Sabe, talvez ela tenha sido manipulada também. Seria triste uma amizade como a nossa acabar assim.

Lisa disse sentir muito, ainda parada de pé junto à porta. Stella percebeu sua hesitação e pediu para que ela se sentasse no sofá ao lado da cama enquanto ela trocava de roupa.

– Alguém já veio aqui falar sobre sua mudança da Casa Branca? A posse oficial será em dois dias e nós temos que dar espaço para Raymond e a família dele se instalarem.

– Ah... tem mais isso, me esqueci completamente. Que família ele vai trazer? Eu trouxe pouca coisa, só Dan havia se mudado por completo. Vou pedir para levarem o restante para minha casa. Por mim, eu doava tudo que é dele, mas a imprensa pode descobrir e prefiro evitar.

– Eu posso organizar isso, se você quiser. Posso colocar as coisas dele num depósito por enquanto. Pelo menos as que o FBI não levou.

– Não quero abusar, você já fez tanto por mim...

– Eu não tenho nada para fazer e preciso me ocupar. Toda vez que tenho um tempo livre e penso no que está acontecendo, entro em pânico.

– Vou pedir a Raymond que arrume uma vaga para você. Sei que você gosta desse ambiente da política e ele vai fazer qualquer coisa que eu pedir em troca de uma foto e um aperto de mãos.

– Falando nisso, você vai à posse, né? Eles estão contando com você, precisam de apoio.

Stella confirmou. Disse que não ir chamaria a atenção da imprensa. Além disso, ela gostava de Raymond e de seu jeito paternal. Em seguida, trocou de roupa na frente de Lisa, sem nenhum pudor, deixando a assistente desconfortável. O corpo nu revelava marcas que tempo nenhum apagaria. Stella vestiu um terno preto, equilibrando-se em um pé enquanto procurava o outro par do sapato, e Lisa virou o rosto tentando disfarçar.

– Vou confirmar sua presença e chamar o pessoal da mudança, pode ser? Tem mais alguma coisa que você precise?

– Obrigada, Lisa, você já fez demais. Não se apresse em se despedir, pode avisar ao... quem é mesmo o chefe de gabinete do Raymond? Liga para marcar uma hora, tenho umas condições a pedir antes de ir – disse Stella agora em frente à penteadeira, maquiando-se. Ela se recompôs em minutos, deixando para trás o semblante de desolação.

– Pode deixar. Mas e você? Como você está? Vai voltar para a clínica?

– Estou bem, obrigada. Não sei, acho que sim, sinto falta das minhas crianças. Uma pena que nosso projeto de prevenção não vai avançar...

– Você pode pedir a Raymond.

Stella se virou e abriu um sorriso singelo.

– Vou sentir sua falta.

– Eu também – Stella andou até Lisa e a abraçou. – Obrigada por tudo, sem você eu não teria conseguido sobreviver a esse pesadelo. E pelo jeito, está só começando.

Capítulo 26

Foi a primeira noite naquela semana em que Solange dormiu mais do que apenas algumas horas. Perguntou a Rosa se ela se importaria de dividir a mesma cama, pois não confiava em ninguém, nem se sentia segura em lugar algum sozinha. Na adolescência, elas adoravam dormir uma na casa da outra e não foi diferente dessa vez; conversaram sobre a vida até a madrugada, evitando os últimos acontecimentos. Rosa falou sobre os negócios, sobre a família. Falou sobre Tiago e o eterno vai e volta do namoro desde que ele se mudara para o exterior nos últimos dois anos. Durante esse tempo, Tiago havia morado em Los Angeles e Toronto, e agora ensaiava um retorno ao Brasil, mas não a Brasília. Ele sempre dava um jeito de visitá-la, e quando Rosa vinha ver Solange, uma vez por ano, ele a encontrava em Nova Iorque. Depois falaram da situação política do país e dos planos de expansão da Sol Cosmetics, apesar da instabilidade econômica. Por algumas horas, Solange se esqueceu de seus problemas.

Pela manhã, logo cedo, as duas foram acordadas por Donna batendo na porta. Solange se levantou num pulo e correu para abri-la. Donna entrou depressa, sem pedir licença.

– A imprensa já sabe que você está sendo investigada pelo assassinato do presidente e Helen Moriz ligou pedindo uma entrevista.

Rosa ainda estava deitada na cama e demorou a entender do que Donna falava. Solange explicou que Helen era uma entrevistadora famosa, e perguntou a opinião da amiga.

– Nós alegaríamos o quê? Se falarmos a verdade, todo mundo vai saber que Solange teve um motivo, um bom motivo para matá-lo. Se mentirmos a polícia não vai mais nos deixar em paz.

– Podemos aproveitar que o rosto de Solange parece ainda pior para sensibilizar os telespectadores – disse Donna, direta.

– Obrigada – ironizou Solange. Donna balançou a cabeça, atônita consigo mesma. Pediu mil desculpas e Solange apenas deu de ombros.

– Helen também está sondando uma entrevista com a primeira-dama... seremos nós ou ela, as duas ela não vai entrevistar, isso é certeza. Temos que responder antes de Stella.

– Dan conquistou muita gente, muitos eleitores fervorosos, não dá para uma desconhecida ir à TV desmentir um cara morto. Simplesmente não dá – disse Solange.

– Bem, você tenha razão, só achei que tínhamos que tentar algo, tomar o controle da situação. Se ensaiarmos direitinho, podemos virar o jogo.

– Também não acho uma boa ideia Solange ir... a não ser que Stella diga que não foi você – disse Rosa, tendo uma ideia. – Ela veio atrás de você duas vezes, e nas duas você foi honesta e paciente, isso pode ter contado para algo, talvez uma palavra, uma simples frase dela dizendo que acredita não ter sido você... isso vale bem mais do que a própria suspeita se defendendo.

As três se observaram em silêncio, avaliando a sugestão de Rosa.

– Só nos resta saber se ela faria isso, se ela acredita em mim. – Solange olhava o horizonte. Do hotel, podia ver a Casa Branca.

– Eu posso tentar convencê-la – disse Donna.

– Não, eu mesma vou falar com ela. Pelo menos isso ela me deve. Eu a ouvi quando ela precisou de respostas. Me passa o telefone e pega a minha carteira, por favor. Ela me deu um cartão com seus contatos pessoais.

Donna digitou os números no celular e o entregou a Solange. A tensão era visível, Rosa roendo as unhas e Donna andando de um lado para o outro sem parar. Elas sabiam que essa era uma manobra arriscada, mas possivelmente a única chance de Solange. Depois de alguns toques, Stella atendeu e as duas conversaram brevemente. Solange desligou o telefone. Tinham marcado um encontro para dali a uma hora, no hotel. Stella iria até elas.

– Isso demonstra uma inclinação em ajudar – disse Rosa.

– Não quer dizer nada, ela só não quer ter esse tipo de conversa pelo telefone, mas ainda assim é alguma coisa – disse Solange, parecendo segura.

– Vamos usar o quarto de Rosa, que nem foi usado no final, está tudo arrumadinho lá.

Elas se vestiram e foram para o outro quarto. Donna aguardava do lado de fora depois de pedir um bule de café fresco e uma bandeja de café da manhã. Solange era a única que não aparentava nervosismo. Ela teria uma conversa com uma mulher que também tinha suas reservas quanto ao marido, e talvez isso fosse o suficiente para elas se entenderem. Tinham muitas dúvidas sobre quem realmente ele era, mas não podiam mais se dar ao luxo de negar o óbvio: boa pessoa, Dan não era.

Stella foi sozinha ao hotel. Era a primeira vez que conseguia sair sem um batalhão de seguranças consigo. Despistá-los era mais fácil do que

imaginava, agora que estava sendo enxotada para fora da Casa Branca. Aproveitaria o dia para fazer duas visitas, a primeira a Solange.

Rosa abriu a porta e deixou as duas a sós. Stella agradeceu a oferta de chá e pediu para irem direto ao assunto, ao que Solange obedeceu.

– A imprensa já sabe que estou sendo investigada, mas eles não sabem da agressão. Helen Moriz ligou pedindo uma entrevista, mas eu não vejo como isso pode me ajudar no momento. Não apenas porque seria a palavra de uma desconhecida imigrante contra a do sedutor Dan, mas também porque eu teria que falar sobre o meu rosto, e isso me daria um motivo – disse Solange apontando para si mesma. – Mas já fiquei sabendo que ela também tem interesse em entrevistar você, e isso poderia me ajudar, pois eu não matei o seu marido. Pelo que o FBI deixou transparecer, eles não têm mais ninguém. Ou seja, vai acabar sobrando para mim e eu estou tentando me defender através de você. Não sei por que, mas algo me diz que você acredita em mim.

Solange e Stella se examinaram em silêncio.

– Esse é um pedido estranho... eu preferia não dar entrevista alguma, a imprensa não para de me procurar, só consegui sair hoje porque eles não esperavam que eu mesma dirigisse um carro comum sem um esquema de segurança. Quão irônico é isso? E claro – disse Stella tirando uma peruca ruiva da bolsa. – Eu dei um jeito. Bem... sei que eles têm de prender alguém, então sim, eu posso te ajudar, só não sei se uma entrevista com Helen seria a nossa melhor chance. Sei também que em breve eles vão começar a desconfiar de mim. Não apenas porque a esposa é sempre a primeira suspeita em casos como esses, mas porque quando o FBI descobrir que ele estava tendo um caso com minha melhor amiga, com certeza eles mudarão o foco da acusação.

Solange não escondeu a cara de espanto, o que fez Stella dar de ombros, como se não se surpreendesse mais com aquele tipo de coisa.

– Acho que ele estava me vigiando, ela era minha terapeuta também. Muito do que eles conversavam era sobre o que eu dizia na terapia. Enfim... vamos esperar o andamento da investigação e adiar a entrevista. Amanhã é a posse do novo presidente e muita coisa vai acontecer depois disso, inclusive o enterro de Dan, que demorou pois eles queriam ter mais provas. Mas se eu aceitar a entrevista, o que exatamente você espera que eu diga?

– Que me conhece e sabe que não fui eu.

– Só isso?

– Só. Seus índices de aprovação são altos, as pessoas confiam em você.

Uma declaração sua faria muita diferença se eu for julgada. Os jurados veem TV, estão inseridos nas mídias sociais, eles poderiam ser influenciados pelo que você diz. Essa é minha única chance. Falar a verdade está fora de questão no momento. Não enquanto eles acham que Dan é um santo homem.

Stella assentiu, concordando. Depois assegurou a Solange que ela poderia contar com seu apoio. Disse que esperava que eles achassem o culpado para que não chegassem ao ponto de terem que culpar Solange por uma coisa que ela não havia feito.

– Certo – disse Solange estranhando a facilidade com que Stella tocava no assunto. – Obrigada pelo seu tempo, por ter vindo assim de última hora.

– Nessas horas só nos resta buscar apoio umas nas outras. Nenhum deles sabe o que nós passamos nas mãos de Dan – Stella se levantou.

– Certo. Obrigada – disse Solange também se levantando e levando-a até a porta. Elas apertaram as mãos e Stella partiu, deixando-a pensativa. Além da traição, o que mais Stella queria dizer com “nenhum deles sabe o que passamos nas mãos de Dan”? Será que ela se referia apenas às mentiras ou tinha algo mais que ela também escondia? Solange preferiu não dar atenção àquele pensamento, o importante era que ela a ajudaria.

Capítulo 27

Stella decidiu se encontrar com Raymond antes da posse para acertar suas condições. Ela sabia que o apoio da viúva de um presidente recém-eleito faria uma enorme diferença nos índices de aprovação do vice e iria se aproveitar da situação. Sentia-se confortável para negociar e não deixaria essa oportunidade passar. Raymond e ela tinham se aproximado durante as festas de fim de ano que passaram no rancho dele, junto a Dan e os filhos e netos do vice. Diferentemente de Dan, ele era um fazendeiro que enriquecera com o agronegócio e já estava há trinta anos na política. Dan sabia usar melhor as palavras e se apoiava mais nos discursos ensaiados, ao contrário do vice, que gostava do improvisado. Isso sem dúvida piorava a situação, além de Raymond não ser tão jovem e atraente quanto Dan. Stella ainda se lembrava da expressão contrariada do marido quando percebera que eles estavam se dando bem, e que Raymond a fazia rir. Ela nunca ria com Dan, pensava ao cumprimentar o atual presidente.

– Stella, minha querida, sinto tanto encontrá-la nessa situação. Como você está? No que depender de mim, farei de tudo para encontrar quem cometeu esse crime.

Stella agradeceu, perguntou sobre sua família, ao que eles conversaram descontraidamente; depois foi direto ao assunto.

– Preciso de um favor e preciso que você me garanta que vai cumprir sua palavra quando a hora chegar.

– Tudo bem, diga o que você quer e eu digo se posso ajudar – Raymond se ajeitou na cadeira, o olhar sério e compenetrado.

– Vai chegar um momento em que a investigação terá de ser barrada e eu vou precisar que o presidente se encarregue disso. Não sei bem quando, mas você terá que ser firme quando for preciso. Confie em mim, será melhor para você e sua governabilidade também.

Raymond ficou calado diante da expressão determinada no rosto de Stella.

– Sei que não é simples o que te peço – ela respirou fundo e prosseguiu. – Mas será necessário, pelo bem do seu governo, por sua estabilidade política.

Raymond franziu a testa, intrigado pelo que ouvia. Ele nunca confiara em

Dan, mas ao olhar Stella nos olhos, percebeu que ela sabia alguma coisa sobre o marido, algo que só uma pessoa tão íntima quanto uma esposa saberia. E ele preferia acreditar em sua intuição.

– Sabe, estou inclinado a fazer o que me pede, ainda que não me sinta 100% convencido. Darei a você um voto de confiança. Você não viria até aqui se não fosse grave, eu sei disso. Mas você vai ter que me contar seus motivos – disse Raymond olhando-a atento, procurando respostas nas entrelinhas. Não havia culpa nem amor no que ela dizia, apenas uma certeza difícil de ignorar, por isso topou fazer o que ela pedia.

– Eu vou contar tudo o que sei, prometo, mas não agora. Preciso de um tempo para me organizar – Raymond assentiu em concordância e, ao ver que a reunião acabara, seu secretário, que estava ao longe, mandou os fotógrafos entrarem. Os dois posaram para as fotos com sorrisos comedidos no rosto enquanto apertavam as mãos, conversando em meio aos flashes. Stella disse “interessante como a política se parece com a Hidra de Lerna, você corta a cabeça de uma cobra e nascem duas no lugar”. Ela desviou o olhar para o lado, em direção a Robert, e ele, percebendo que era observado, colocou as mãos no peito e fez uma careta, com os lábios repuxados para baixo, a cabeça e o tronco levemente inclinados, em sinal de desolação. Stella teve de se segurar para não gargalhar diante dos fotógrafos. Como podia uma criatura como Robert, com seus ternos estranhos, adornados com suspensórios e gravatas-borboleta em cores berrantes, ser considerado tão importante no meio político? Aquilo tudo era uma grande piada. E de mau-gosto, ela acrescentaria.

– Você adora mitologia, não é? – perguntou Raymond. – Mas será que a cobra que nascerá não pode ser melhor do que a que foi morta? – ele apertou levemente o braço dela, como costumava fazer. Stella deixou escapar um “ai” e fez uma careta de dor. Ele se espantou, perguntou se estava tudo bem e ela desconversou ao avistar Larry em meio aos fotógrafos. Sabia que ele estava lá por sua causa. Pediu licença a Raymond e se aproximou do investigador, conduzindo-o ao jardim, apesar do frio que fazia lá fora.

– Não tenho mais nenhum lugar com privacidade na Casa Branca. Sugiro que a partir de hoje você me procure no meu antigo endereço.

– Tudo bem, apenas queria conversar com você sobre nossas últimas descobertas. No nosso primeiro dia de investigação, colhemos amostras de DNA de toda a equipe que trabalhava junto ao seu marido. Um fio de cabelo encontrado nas roupas do presidente pertence a Lisa Monroe, e eu já a vi na

companhia da senhora.

– Ela trabalhava comigo, mas ainda prestava muitos serviços a Dan. Natural que você encontre vestígios dela nas coisas dele.

– Ela tinha acesso aos códigos do sistema de segurança?

– Sim, todos os membros tinham. Por que a pergunta?

– Porque sumiu quase uma hora de vídeo daquela madrugada – disse Larry esperando alguma reação de Stella, que parou de caminhar, fingindo surpresa. – Mais alguém conhecia as senhas?

– Todos da equipe, como eu disse. Mas Lisa é de minha inteira confiança. De quem especificamente você desconfia?

– Bem, temos evidências de que seu marido talvez estivesse tendo um caso com Gemma Rothstein, a senhora sabia disso?

– Um caso? Não, ela é minha melhor amiga, imagina, o senhor deve estar enganado. Mas o que isso tem a ver com a morte dele?

– Ele poderia estar tendo um caso com Lisa também, nós já sabemos que ele gostava de... como posso dizer... flertar com outras mulheres.

Stella sustentou o olhar de Larry sem dizer nada, como se não entendesse aonde ele queria chegar.

– Às vezes as esposas traídas fazem coisas impensáveis – disse, testando uma hipótese, só para ver como Stella reagiria. Ele preferia acreditar que ela não tinha nenhuma relação com a morte de Dan, mas as últimas descobertas mostravam que ela tinha um motivo.

Stella parou de caminhar.

– O senhor está sugerindo que eu matei meu marido por ciúmes? Por causa de flertes? – disse Stella indignada. – Por que os homens sempre nos julgam tão passionais?

– Não foi minha intenção julgar. As evidências apontam para esse caminho – ele achava difícil ser firme diante da reação de Stella. Mas é uma hipótese e eu tinha de explorá-la.

– O senhor já investigou os inimigos políticos de Dan? Ou quer apenas um escândalo que venderia muitos jornais e mancharia a reputação de pessoas inocentes? – disse Stella voltando para dentro, sem esperar por uma resposta. Larry apressou o passo para acompanhá-la e disse que essa era apenas uma teoria e que sim, ele estava investigando outras pessoas, mas chamaria Lisa e Gemma para ouvir seus depoimentos.

– Tudo bem, chame quem o senhor quiser. Se a imprensa descobrir todas essas especulações sem cabimento, será sua culpa – Stella pediu a um

segurança que trouxesse seu carro, não dando atenção a Larry, que se desculpava, garantindo que em seu time não havia furos e que ela poderia se tranquilizar quanto a isso. Stella agradeceu de modo frio. Quando o carro chegou, ela dispensou o motorista, preferindo dirigir, contrariando o esquema de segurança mais uma vez.

Larry ficou parado, observando-a partir. Sua reação fora exatamente o que ele esperava de alguém que sabia mais do que estava dizendo. Era o que precisava para continuar naquele caminho, embora internamente estivesse dividido. Não queria descobrir que ela o matara, não queria tê-la como suspeita. Talvez ela soubesse do caso extraconjugal, mas isso não era o fim do mundo. Ele bem sabia que os presidentes dos Estados Unidos não eram os homens mais bem-comportados do planeta. Talvez Stella sequer se importasse de verdade com isso; um escândalo, isso sim a incomodaria. Mas se fosse mais do que isso, ele descobriria, pensou já a caminho do escritório. Precisaria pensar nas perguntas certas para fazer a suas próximas suspeitas, Lisa e Gemma.

Capítulo 28

Solange pediu mais uma vez para que Rosa dormisse com ela, no entanto, dessa vez, o motivo era outro: queria dividir suas impressões sobre a conversa com Stella e a parte que ela não contara a Donna.

– Ela ainda deve estar em choque. Foram muitas descobertas em pouco tempo. Talvez ela fosse iludida a respeito do marido – argumentava Rosa diante da estranheza de Solange.

– Eu sei, eu passei por isso, e também fiquei em choque, mas eu chorei um mês inteiro, emagreci quase 10 quilos depois da Operação Manhattan, e ela... bem, ela parece... como posso dizer... acho que ela está segura demais, fala com frieza sobre o que aconteceu, entende?

Mais uma vez Rosa argumentou: não dava para tirar conclusões a partir das aparências, ninguém sabia ao certo se Stella não ia dormir chorando todas as noites, as inseguranças que devia sentir, a decepção pelas traições.

– Sim, mas ele foi assassinado. Não foi uma morte por acidente, não tem como isso não mexer com você de algum jeito. Ela parece fria demais... o que me leva a crer que ela sabe mais do que diz. Por que ela me ajudaria? Eu não precisei implorar, nada, ela topou na hora e ainda afirmou “eu sei que não foi você”, como ela pode ter tanta certeza?

– Amiga, ela pode sim saber mais do que diz, mas não importa, o que importa é que ela pode e vai nos ajudar – concluiu Rosa com sua objetividade costumeira.

Solange concordava, Rosa tinha razão, ela estava contente com a ajuda, mesmo assim achava difícil não desconfiar. Não era como se julgasse Stella por isso. Ela também escondia muitas coisas.

– Talvez ela saiba quem o matou e por isso tenha tanta certeza que não fui eu. Isso sim me interessa, porque eu poderia me livrar de uma vez por todas dessa investigação.

– Não foi você e isso deveria ser o suficiente para deixá-la em paz. Eles vão achar o culpado, hoje a tecnologia forense está tão avançada que o assassino tem que ser muito profissional para não deixar rastros – disse Rosa, tentando ser positiva.

– É disso que eu tenho medo...

Agora as duas ficaram em silêncio. Rosa ia perguntar “o que você quer dizer com isso?”, mas se calou. Confiava em Solange, ela devia apenas ter se expressado mal, pensava, contemplando a vista da cidade, as duas ainda na cama. Rosa se distraiu ao ver que a neve começara a cair.

– Olha, olha! – ela disse apontando para a janela como uma criança enfeitiçada. Solange também se animou e disse para elas irem até a sacada. As duas vestiram os casacos por cima do pijama e foram para a varanda. Solange filmou a amiga rindo de orelha a orelha, encantada.

– Me sinto num filme, bem mocinha caipira vendo a neve pela primeira vez – Rosa abriu os braços e olhou para cima, sentindo a neve no rosto.

– Bobagem, por que caipira? A gente tem essa mania de achar que tudo da gringa é melhor ou superior, até o clima, mas é só diferente. Eles não sabem o que é um carnaval de rua de verdade, nunca viram uma arara-azul... são coisas tão lindas e imperdíveis quanto a beleza da neve. Depois desses anos morando aqui, percebo que somos todos iguais. As pessoas têm os mesmos problemas, os mesmos sonhos, só querem ser felizes, em qualquer lugar do mundo. Só para você ver como são as coisas... eu nunca fui assaltada ou sofri qualquer tipo de violência no Brasil, já aqui... – Solange olhou para baixo com os olhos úmidos. – Talvez eu não tenha sorte mesmo.

– Ah, não fala assim – Rosa pegou as mãos da amiga e deu uma leve chacoalhada que fez Solange encará-la. – Você veio com um sonho e conquistou tudo e um pouco mais. E não é só sobre o dinheiro que eu estou falando, mas das coisas que você pôde fazer com ele, as pessoas que ajudou. Sua avó tem um plano de saúde, caminhonete e conforto na chácara. Na Sol todo mundo ganha mais que a média para o cargo, empregamos mulheres da comunidade, estamos montando a creche na fábrica, fazendo planos de cursos gratuitos... você teve sorte sim, não em todos os aspectos, mas é assim com todo mundo. Você escolheu acreditar nas pessoas, e eu te admiro muito por isso. Eu imagino que deve ser difícil ver o lado bom das coisas nesse momento, mas não perde de vista tudo o que você conquistou, as coisas boas da sua vida.

– É, eu sei... são só coisas que às vezes passam pela minha cabeça. Mas eu sei disso, e eu amo Nova Iorque desde o dia em que botei os pés naquela cidade. Agora, vamos entrar? Estou congelando aqui fora – Solange sorriu, parecendo mais calma.

De volta ao quentinho da cama, elas procuraram um filme na TV e pediram pizza, como faziam quando Rosa visitava a amiga em Nova Iorque.

Por algumas horas, Solange se esqueceu dos problemas e do medo constante que a acompanhavam desde a agressão de Dan. Em algumas noites ela acordava sentindo falta de ar, em pânico, mas Rosa segurava sua mão, firme, e ela se acalmava. Não voltava a dormir, mas conseguia se acalmar. Nessas horas ela pensava em sua vida no Brasil, tão simples e tranquila. Será que se ela voltasse seria mais fácil? Ela amava Nova Iorque, e sabia que havia crescido e amadurecido devido aos desafios da vida de imigrante. No Brasil, a avó e ela tinham uma relação bastante codependente, o que à primeira vista era estranho de se admitir, mas era um fato: ela não dava um passo sem antes consultar dona Luiza. Além disso, era imprescindível para sua carreira de modelo que ela estivesse em Nova Iorque, porém, agora que pretendia se aposentar e investir mais tempo na Sol Cosmetics, talvez o Brasil fosse uma boa opção. Sentia, no entanto, nas visitas que fizera ao seu país, que não mais se encaixava nas conversas das amigas; algo havia mudado, o Brasil a fazia se sentir um peixe fora d'água. Mesmo assim tinha mais amigas lá do que nos Estados Unidos. Quando tudo acabasse ela pensava em passar pelo menos alguns meses em seu país, quem sabe com mais tempo as coisas voltassem a ser como antes? Sua tia nem cogitava essa possibilidade; estava muito bem adaptada aos Estados Unidos. Quando finalmente conseguiu visitar o Brasil, estranhou tanto que chegou a dizer que sentia saudades até do frio. Solange também aprendera a gostar das diferentes estações e não conseguia sequer pensar em viver quase sempre com o mesmo clima, metade do tempo sem chuva, e na outra com excesso dela, como acontecia em Brasília. Depois do assassinato de Dan, a tia havia ligado perguntando como ela estava, mas Solange dissera que estava tudo bem, ainda não se sentia pronta para falar toda a verdade. Helô e Dan tinham chegado a se conhecer, em um almoço de domingo na casa da tia, e depois no casamento. Ele parecia tão normal naquela época, apenas um cara tímido e calado, mas nada que indicasse um comportamento violento. Como a gente se engana, pensava Solange ainda sem entender; depois recordava que, na verdade, sabia muito pouco sobre a vida real de Dan. Eu sou mesmo péssima para ler as pessoas, concluiu, culpando-se, olhando para a tela da TV, tentando fazer sua atenção voltar ao filme.

Capítulo 29

– Me conte sobre seu relacionamento com Dan Jager – pediu Larry a Lisa, que não levava nenhum advogado para depor. Ela queria passar a impressão de que não tinha nada a esconder e fora até a sede do FBI imediatamente após receber o telefonema do investigador. Ele a encaminhou ao seu escritório, ao invés de levá-la para uma sala de interrogatório, e Lisa pôde ver que Solange também estava lá, à espera de Larry. Lisa foi até Solange, cumprimentá-la. Elas apertaram as mãos e Lisa disse que sentia muito que elas se reencontrassem naquelas circunstâncias. Solange concordou com a voz baixa e um leve sorriso no rosto. Larry observou do longe a interação entre elas, e ficou ainda mais intrigado. Então elas são amigas? Lisa trabalha para Stella, e Stella com certeza odeia Solange, talvez até a culpe pela morte do marido. No entanto, sua assistente não parece ter nenhuma ressalva em relação à ex-esposa de Dan. O que aquilo significava? Ele estava tentando criar uma tensão entre elas, uma espécie de “se você não falar, alguém vai”, tentando colocá-las uma contra a outra.

– Eu era assistente pessoal da primeira-dama e analista no projeto de saúde infantil que ela iria implementar já no segundo semestre do primeiro ano de mandato – disse olhando o investigador nos olhos, o queixo erguido de quem não devia nada a ninguém.

– Mas qual era o seu relacionamento com o presidente, especificamente?

Lisa explicou que trabalhara na campanha e que Dan a pedira para ficar com Stella até ganhar mais experiência e conhecimento dentro do congresso, para então poder trabalhar com ele, talvez como chefe de gabinete num segundo mandato.

– Então você queria trabalhar diretamente com o presidente?

– Sim. Embora eu estivesse contente com o projeto da primeira-dama, esse era o meu objetivo, trabalhar com o presidente. Mas eu sei que o congresso precisava se familiarizar com o meu rosto e meu trabalho primeiro. Depois disso, eu poderia tentar uma vaga mais influente e importante ao lado do presidente.

– Isso te deixou com raiva? Ter que trabalhar em simples projetos, longe dos holofotes e do presidente? Você era amiga de Dan Jager?

– Não e não. Os projetos não eram simples e eu sempre tive muito orgulho de poder trabalhar diretamente com a primeira-dama. Eu não diria que era amiga dele, mas sei que ele confiava em mim e contava comigo durante a campanha.

– Como você sabe que ele confiava em você? – Larry sorria, o rosto inclinado como um cachorro curioso.

Ela disse ter sido a responsável por cuidar da imprensa e de outros detalhes no caso do primeiro casamento de Dan – o que a garantiria uma promoção e laços de confiança entres eles.

– Interessante. Então me diga... por que seu cabelo foi achado no terno do presidente? Nós pegamos o DNA de todo o time que trabalhou com ele na Casa Branca e seu cabelo foi o único encontrado junto ao corpo.

– Se bem me lembro, naquele dia Stella me chamou para tratar do nosso projeto em seu escritório. O presidente estava de saída quando me viu e me deu um abraço – Lisa mantinha o mesmo tom de voz para todas as respostas.

– Era normal o presidente abraçar seus funcionários? Ou será que você era especial?

– O fato de eu tê-lo ajudado naquela época nos aproximou; ele era grato por eu ter feito um bom trabalho. Minha aproximação com a primeira-dama e nosso relacionamento pessoal devem ter contado para que ele me visse como alguém confiável, uma “quase amiga” eu diria.

Larry ficou calado, estudando o rosto de Lisa. Então abordou a questão do sistema de segurança, ao qual ela e outros funcionários tinham acesso. Perguntou se ela sabia como usá-lo, se tinha alguma ideia de como horas daquela noite tinham sido convenientemente apagadas. Lisa engoliu a saliva e sentiu seu coração disparar. Disse apenas “sim, conheço o sistema; e não, não faço a menor ideia de como apagar qualquer filmagem, acho que não é possível que nenhum de nós tenha feito isso, nosso acesso é limitado. Teria que ser alguém de outro nível”.

– Lisa Monroe, você será liberada, por enquanto, mas está proibida de sair da cidade. Entendido?

– Sim, senhor – disse Lisa maquinalmente. Ela havia ensaiado o que dizer e previsto as perguntas que o investigador faria. De fato, haveria digitais suas por todos os lados nos aposentos do casal presidencial, na antessala e no escritório da primeira-dama. Ela trabalhava para eles, afinal, o que deixava Larry sem opção senão acreditar nela. Conseguiu disfarçar bem o nervosismo. Ela também sabia que um fio de cabelo era o máximo que eles

tinham contra ela, caso contrário o interrogatório teria sido bem diferente e mais agressivo. Sua amizade com a primeira-dama devia contar a seu favor, pensava ela. Stella estava focada em acabar com a investigação, mas Lisa tinha suas dúvidas de que ela conseguiria. Raymond já havia tomado posse, e o enterro de Dan estava marcado para o dia seguinte. A demora na liberação do corpo deixara Stella enfurecida e nisso ela ganhara o apoio da mídia, colocando o FBI em uma situação ainda mais delicada. Nem ela mesma havia previsto o poder que teria depois da tragédia, mas parecia que até aqueles que a tinham julgado mal na época das eleições, agora estavam do seu lado. Por isso Lisa fizera exatamente o que havia combinado com a viúva: mentira e fingira não estar apavorada. Essa última era mais fácil, já estava se acostumando a dizer “vai ficar tudo bem” desde que tudo viera abaixo. Devia ser o choque que paralisara seus nervos, concluiu.

Capítulo 30

– Obrigada por vir – disse Stella a Gemma ao se encontrarem no café perto da clínica, onde elas costumavam ir. Stella pediu um expresso, que bebeu sem açúcar, enquanto Gemma, como sempre, tomava um chá verde. A terapeuta começou se desculpando pelo jeito como a terapia havia acabado, mas Stella não deu a ela a chance de prolongar o teatro.

– É, eu também sinto muito. Sinto por ter sido cega e burra e não ter visto todos os sinais que você me deu de que gostava do meu marido. Eu já sei das mensagens – Gemma ficou sem palavras, a boca levemente aberta com a surpresa. – Até onde vocês foram?

Nervosa, Gemma tentou se explicar dizendo que não havia planejado o envolvimento com Dan.

– Nós nos encontramos na rua por acaso e trocamos telefones. No início não era nada, mas algo aconteceu, o jeito como ele me fazia sentir, como me ouvia e se interessava pela minha vida... a princípio, nós fizemos sessões sobre linguagem corporal, entre outras coisas, por causa da campanha.

– Entre outras coisas... – Stella exibiu um sorriso amargo e desviou os olhos. Ela tinha esperanças de que Gemma negasse tudo, que desse uma explicação que fizesse sentido. No fundo, ela queria acreditar que tudo não passava de um mal-entendido. Mas Gemma admitiu, eles se apaixonaram. Revelou até que só tiveram “relações” duas vezes nesse tempo todo. Disse ter pensado em contar tudo, mas temera a reação de Stella.

– Eu estava apaixonada de verdade.

– Quanto tempo durou?

– Ah, Stella... por favor, ele já não está mais entre nós, vamos deixar... – Stella a interrompeu e repetiu a pergunta com firmeza. Gemma então respondeu. – Quase um ano... entre o dia em que nos vimos por acaso até... nós nunca terminamos.

– Vocês estavam juntos até depois de Dan virar presidente? Durante todo o tempo em que fiz terapia com você?

– Sinto muito... – Gemma olhava para baixo, mas Stella fixou os olhos no rosto da “amiga”. Desde que descobrira o caso, ela tentara se convencer de que as mensagens poderiam ser apenas isso, mensagens. Algo que não

ultrapassara o mundo virtual, mas não. Gemma acabara de confirmar, eles tiveram um caso, físico e duradouro. Não havia mais como negar.

Stella ameaçou dizendo que poderia processá-la por quebra de sigilo médico, e que ela poderia perder sua licença, mas Gemma tentou mais uma vez se explicar, alegando que não contava tudo, só algumas coisas. Depois, vendo o semblante de desgosto de Stella, Gemma mudou o rumo da conversa e contra-atacou.

– Como você pôde ser tão ingrata? Como pôde não valorizar o homem que tinha ao seu lado? – o tom de voz de Gemma era de raiva, uma raiva abafada, porém algumas pessoas no café se viraram para ver. Stella ainda não havia sido identificada, usava roupas simples e óculos escuros. Gemma continuou: – Eu sei que você foi mimada demais por seu vovozinho rico... deve ter sido mesmo muito difícil viver com aquela grana toda. Tão fácil julgar todo mundo de cima do seu pedestal. Esse tempo todo de terapia e a única coisa que você fez foi reclamar e reclamar de um marido maravilhoso. O mundo é mesmo muito injusto... e você falando das mentiras dele como se não mentisse você mesma... hipócrita! – disse Gemma como uma metralhadora de palavras. Pela primeira vez ela deixava claro o que pensava da amiga. Stella não entendeu por que Gemma trazia seu dinheiro para a conversa. Depois concluiu que ela deveria sentir isso desde sempre. Todas as pequenas críticas que a amiga a fazia, sobre sua aparência, preferência musical, até a escolha pela pediatria. Gemma nunca gostara dela. Mas fazia com que as críticas soassem tão construtivas, “só digo isso para o seu bem”, frase que Gemma adorava dizer quando estavam na faculdade, e depois na terapia. Ela observou Gemma por alguns instantes pensando em tudo o que dividira com a amiga, não apenas nas sessões de terapia, mas durante toda a sua vida. Gemma conhecia todos os seus namorados. Todos os seus dramas familiares, as tentativas frustradas de se entender com o pai, seus segredos mais íntimos. No entanto, ela estava ali agora, desnudada; e o que Stella via era raiva e ressentimento, apenas. Nem um resquício de amizade ou amor. Stella se levantou e foi embora sem dizer mais nada. Não valia a pena. Mais uma traição, mais uma pessoa que ela amava a traía. Em quem poderia confiar dali para frente?

Entrou em casa e viu suas coisas em malas. Pediu ajuda ao porteiro, colocou apenas uma mala no carro e foi para um hotel. Ficaria lá até saber o que fazer, até que a investigação fosse concluída. Não aguentava entrar no apartamento e ver que a vida que levava era uma mentira. A decoração da

casa, tradicional, “respeitável”, do jeito que Dan gostava. Mas aquilo era apenas um simbolismo. Percebeu que havia feito muitas concessões, sempre pensando que era isso o que “as boas esposas” faziam, sempre tentando se adaptar, mesmo que nunca tivesse sido consultada quanto às escolhas do marido. Por isso havia batido o pé e continuado no consultório, queria fazer pelo menos isso por si mesma. Ela amava o que fazia, e se Dan podia ser quem ele quisesse, ela também podia. Não deixara de se sentir culpada, no entanto. Havia passado muitos meses sentindo-se péssima e acreditando que era uma pessoa “difícil” e inflexível. Mas começara a se interessar pela política quando viu que poderia fazer algo de bom como primeira-dama, ainda na área que amava. Algo mais abrangente e importante, dentro da sua profissão. Primeiro Lisa, depois Raymond, mostraram a ela aquele caminho, todas as oportunidades que teria como primeira-dama. Fosse por interesse próprio, para ajudar na eleição de Dan ou não, ela gostara das possibilidades e se jogara de cabeça. Porém, agora podia ver com clareza, nem isso fora suficiente.

O enterro de Dan seria no dia seguinte e ela acreditava, talvez ingenuamente, que teria um pouco de paz depois disso. Talvez devesse se mudar. Washington, seu refúgio, o lugar que havia escolhido para se reinventar, para deixar para trás mágoas passadas, tornara-se o símbolo de sua desilusão. Foi a primeira vez que Stella chorou de verdade desde a morte de Dan.

Fez o check-in no hotel usando outro nome, pegou todas as garrafinhas do frigobar e ficou horas sentada na cama, bebendo e chorando. Colocou uma comédia romântica na TV, mas a cada vez que o filme a fazia rir, o choro retornava ainda mais intenso. Era como se as lágrimas tivessem vida própria, decididas a cair. A traição de Gemma fora a gota d’água. Não esperava muita coisa de Dan, talvez apenas um pouco de reconhecimento e amizade; admitia para si mesma que o casamento tinha problemas; no fundo, nunca achou que envelheceriam juntos. Ainda assim havia tentado, procurado terapia, queria entendê-lo melhor, queria fazer dar certo. Mas nada, absolutamente nada se comparava à perda da amiga. As palavras de Gemma tiveram um efeito devastador em sua alma. Sentia-se perdida, machucada, como se um pedaço de si tivesse sido arrancado.

Em algum momento, e já muito embriagada, ela adormeceu. Sonhou com Dan, bêbado e transtornado vindo em sua direção. Os olhos dele furiosos e frios, sem que ela pudesse se mexer. Estava aterrorizada. Quando ele enfim

conseguiu chegar perto dela, ela acordou, assustada e suando. Os batimentos cardíacos acelerados. Pegou o celular, e a tela clara agrediu seus olhos de ressaca. Já estava na hora de se levantar. Era o dia pelo qual ela havia esperado a semana toda: o enterro do marido.

Capítulo 31

Solange não aguentava mais contar a mesma história. Àquela altura ela imaginava que o FBI já tinha tudo do que precisava. Ao menos daquela vez não foi encaminhada para a sala de interrogatório, mas para o escritório de Larry, que a esperava junto à sua parceira. Solange foi acompanhada de Rosa e Donna, que se colocaram ao seu lado durante o encontro.

– Você pode voltar a Nova Iorque. Nós ainda podemos precisar de sua cooperação, então fique à disposição, ok? Você não poderá sair do país, no entanto. Mas nós apreciamos a sua decisão de ter vindo e contado sobre a arma. Acredite, a maioria não teria falado nada, afinal a arma nem disparou – disse Larry com um sorriso estranho no rosto, como se sorrir fosse difícil para ele. O investigador esperava que ao liberar Solange, Stella ficasse acuada e sem saída. A cada dia que se passava, ele desconfiava mais e mais da ex-primeira-dama e de sua assistente. Elas pareciam esconder algo. Ele também achava que Solange não dizia toda a verdade, porém não tinha mais nenhuma prova contra ela. Os seguranças do presidente confirmaram que Dan saíra andando do apartamento de Solange, e que parecia bem durante o voo de volta a Washington, livre de qualquer ferimento. No entanto, ainda que se sentisse seguro em relação a Solange, e tivesse muitas dúvidas quanto à participação de Stella, estava perdido quando o assunto eram os opositores políticos de Dan. Quanto mais ele pesquisava, mais descobria possíveis suspeitos. Conseguiu eliminar alguns apenas usando informações das redes sociais, descobrindo onde determinadas pessoas estavam na noite do crime, mas a lista continuava grande o suficiente para que a investigação se arrastasse por meses, e isso era péssimo para sua imagem.

– Nós ainda podemos processá-la por tentativa de homicídio.

– E perderiam feio se o caso fosse a julgamento. Primeiro porque ela estava apenas se defendendo, não há o que inventar nesse quesito; segundo porque minhas últimas pesquisas mostram altos índices de aprovação para Solange, de modo que mesmo se você conseguisse dar prosseguimento a essa perseguição, um júri a inocentaria. E terceiro porque vocês não conseguiram colocar minha cliente no local do crime, já que ela estava em outro estado. Mas gastar dinheiro público com acusações levianas é a especialidade do

FBI, não é mesmo? Terei um enorme prazer em derrotá-lo no tribunal – ameaçou Donna.

– A morte do presidente dos Estados Unidos é um assunto sério, e o júri com certeza concordaria comigo. Mas por enquanto vou poupá-la de um tribunal. Solange, a senhora tem que assinar aqui os termos do nosso acordo – Larry apontava para o documento sem tirar os olhos de Donna.

Solange não acreditava que seria liberada. Já estava se preparando para ir a julgamento e talvez até acabar presa. Agora, no entanto, a única coisa que queria era ir para casa e esquecer que tudo aquilo havia acontecido. Rosa prometeu ficar até que seu caso fosse arquivado e ela estivesse livre de qualquer suspeita. Solange quis tranquilizá-la, mas a verdade é que ainda tinha medo. Talvez, se eles não achassem ninguém, voltassem a culpá-la.

As três voltaram ao hotel e faziam as malas enquanto a TV transmitia o funeral de Dan. Solange sentou-se na beirada da cama para assistir, Donna e Rosa ficaram paradas, de pé, também vidradas pelas imagens. A fila de pessoas que queriam prestar uma última homenagem a Dan era imensa. Será que eles mudariam de ideia se soubessem quem ele realmente era? Solange achava que não. Achava que eles a culpariam pelo ocorrido e por isso tinha tanto medo que sua história acabasse na mídia. Eles destruiriam sua imagem assim como faziam com vítimas de violência doméstica e estupro. A culpa era sempre da mulher, por que seria diferente com ela? Eles diriam que ela o seduzira e que ele fora incapaz de resistir. Colocariam suas fotos profissionais mais ousadas para argumentarem a culpabilidade de Solange e, num piscar de olhos, a vítima seria Dan e ela a vilã.

– Pronta? – disse Rosa minutos depois, tocando no ombro de Solange.

No aeroporto, de volta a Nova Iorque, James esperava por Solange com um buquê de flores. Donna e Rosa deram privacidade aos dois. Rosa torcia para que Solange começasse um namoro, em especial com James, que era seu amigo de verdade. Ela achava que a amiga estava muito sozinha, principalmente depois da Operação Manhattan, pois Solange começara a desconfiar de qualquer pessoa que se aproximasse, desenvolvendo uma certa dificuldade em fazer novas amizades e se relacionar com outras pessoas. Rosa nunca pensou que diria isso a respeito de Solange, mas ela vivia a cada dia mais reclusa; e Rosa suspeitava que até sua aposentadoria das passarelas era uma desculpa para não precisar mais sair de casa. No início, Rosa entendera aquilo como uma reação natural de alguém que trabalhava muito e passava muito tempo longe de casa, viajando. Depois veio a compra do

apartamento e, obviamente, a vontade de curtir-lo. Mas o tempo passou e Solange continuou reclusa, desmarcando compromissos e dispensando trabalhos, e ela não era assim, nunca fora; por isso Rosa passara os últimos dias falando em terapia, férias, sugerindo que Solange fosse ao Brasil visitar a avó, que não via há quase um ano. Mas Solange parecia decidida a não fazer nada a respeito do que acontecera, e agora tinha mais isso. Mais uma agressão, mais violência e mentiras. Donna também parecia preocupada. Talvez porque ainda desconfiasse de alguma coisa, mas principalmente porque Solange estava a cada dia pior. Nem com a notícia de que poderia voltar a Nova Iorque ela havia se animado. No entanto, nenhuma das duas sabia como ajudar, além de respeitar o tempo dela.

– Eu não sabia que você estava envolvida na morte dele, que isso tinha... que você... – James não terminou a frase, assustado ao ver o estado de Solange, quando ela levantou os óculos escuros. – Senão teria voltado antes. Eu sou seu amigo, você pode contar comigo – ele apertou as mãos da modelo, deixando-a emocionada.

– Não queria... sei lá, acho que tenho vergonha de ter deixado ele voltar pra minha vida mesmo depois do que aconteceu no passado. Querendo ou não, eu marquei um segundo encontro, que agora vejo, era desnecessário e deu falsas esperanças a ele... – ela balançou a cabeça e olhou para baixo.

– Solange, para com isso, você não tem que se envergonhar de nada, muito menos achar que tem um pinga de culpa. Ele era uma merda de ser humano, que bom que está morto, pois eu seria capaz de matá-lo com minhas próprias mãos se o visse agora – James fez um gesto com as mãos, simulando enforcar algo no ar. Solange deu um tapa nas mãos dele e riu por um momento.

– Não diz isso... vamos falar de outro assunto? Eu preciso demais disso, outros assuntos, distrações, como foi a sessão na África? Vocês fotografaram mesmo em meio aos animais selvagens?

James e ela ficaram conversando, de mãos dadas durante o trajeto de táxi até o apartamento de Solange. Donna se despediu deles no aeroporto e foi direto para uma reunião, mas prometeu passar na casa de Solange antes de voltar a Washington. Rosa, que não era religiosa, rezava em silêncio pedindo para que prendessem o real assassino de Dan e deixassem sua amiga livre de qualquer suspeita. Não sabia, mas suas preces seriam atendidas mais cedo do que esperava.

Capítulo 32

O corpo de Dan foi carregado por soldados até a Casa Branca, onde aconteceria o funeral. A imprensa havia passado os últimos dias especulando a respeito da demora na liberação do corpo, e Larry estava aterrorizado diante do real motivo, um erro na primeira autópsia, nada de grave, mas que ainda assim o fizera perder o sono ao longo da semana, com medo de que a informação fosse revelada para a mídia. Além de não ter a menor certeza de quem era o assassino do presidente, ele ainda tinha de lidar com uma equipe que cometia erros e comprometia sua reputação.

Larry acreditava que Dan havia sido assassinado por alguém que conhecia, alguém íntimo e de seu círculo de amizade. No entanto, ao avançar na investigação, percebeu que Dan não tinha amigos de verdade, apenas empregados que o defendiam na imprensa ou o apoiavam para benefício próprio, mas nada verdadeiro. Ele era solitário. Seu relacionamento com as mulheres mostrava Dan como um homem desequilibrado e autoritário, além de violento e abusivo. Um cara que traía a esposa com sua melhor amiga para saber o que ela contava na terapia. Esse era um exemplo de como Dan podia ser controlador e manipulador, nada parecido com a imagem que vendera à América durante as eleições. A única mulher que parecera verdadeiramente abalada por sua morte era a tal psicóloga, amiga da ex-primeira-dama.

Stella conseguira responder às suas perguntas sem na verdade dizer nada. Ela nem tentava fingir ao falar da morte do esposo, por isso, vendo-a agora, chorando copiosamente, Larry repensou tudo o que havia concluído a respeito do relacionamento deles. Ela era uma mulher inteligente, poderia sim ter orquestrado um crime perfeito. Diante do que ele sabia, fazia todo sentido que ela, humilhada pelos casos do marido, o tivesse matado. E se não conseguisse acesso direto ao sistema de câmeras, ela poderia ter ordenado que o conteúdo registrado naquela noite fosse apagado. Perder quase uma hora de filmagem parecia um serviço encomendado por alguém do mais alto escalão da Casa Branca, não era coisa de amador.

Quando ele achava que estava avançando, como no caso de Solange, as evidências mostravam outra história, outro suspeito, e ele era obrigado a refazer toda a investigação. Solange tinha motivos suficientes para matá-lo,

assim como Stella, mas Larry nunca ia além disso. Motivos não colocavam o suspeito no local do crime. No entanto, tinha certeza de que Solange escondia alguma coisa. E Stella também. Aliás, todos os suspeitos escondiam algo, mas isso poderia ser apenas paranoia de sua cabeça. Estava tentando achar culpados e sendo pouco analítico. Era o desespero que crescia à medida que não achava respostas. Ele também temia que informações como a agressão sofrida por Solange vazassem e acabassem estampadas na primeira página de todos os jornais. Larry ficava revoltado só de pensar na foto da ex-esposa com o rosto inchado e o olho roxo, na capa de uma revista de fofocas. O país inteiro debatendo “quem era Dan Jager” e ele, um investigador, ainda não sabia responder a essa pergunta.

Esperava que o novo governo fosse manter o foco no trabalho na Casa Branca e não se comprometer daquela maneira. Por mais que os escândalos servissem de entretenimento, eles eram péssimos para o país. Não apenas para a imagem dos Estados Unidos, mas principalmente por causa dos desdobramentos que traziam, prejudicando relações internacionais e econômicas. Era por isso que Dan parecia tão bom. Sua vida pessoal perfeita, um homem honesto e trabalhador que havia conquistado seu espaço com esforço e dedicação. Não era um herdeiro que não sabia das dificuldades de seu povo. Fora por isso que havia ganhado. Mesmo inexperiente, ele representava um distanciamento dos governos anteriores. Às vezes, parecia mais do mesmo, conservador e machista, patriota e fanático; porém, sua aparência e o jeito como falava, calmo e conciliador, faziam o papel de amenizar qualquer coisa que ele dizia. E o desespero, mais uma vez ele, fazia com que os eleitores vissem apenas o que queriam ver: a esperança em torno de uma ilusão, uma novidade, um homem decente. Mesmo assim Larry não se enganara ao votar na outra candidata. Ela tinha experiência e estava mais preparada.

A fila avançou e Larry pôde ver Stella de perto. Ela estava com um aspecto diferente de todas as outras vezes que ele a vira antes. As olheiras eram fundas e escuras, como se ela tivesse passado a noite em claro, chorando.

– Sinto muito – disse Larry, sincero, estendendo a mão à Stella. Ao perceber que todo seu corpo tremia, ele sentiu nojo de si mesmo. Pensou tantas vezes que ela poderia ter sido a responsável pelo crime; era evidente que ela estava sofrendo. Ela devia ter feito um esforço sobrenatural para passar por tanto drama com um mínimo de dignidade, e ele havia se

apressado em interpretar tudo como frieza e culpa. Coitada, descobrir tudo o que o marido fazia pelas suas costas, com sua melhor amiga, com a ex. Mesmo assim ele era seu marido, seu companheiro, como eles diziam na TV, “casamento é companheirismo”. Talvez ela acreditasse no que dizia naquela época. Ou talvez ela estivesse interpretando – pensou Larry por fim, depois parou e disse a si mesmo que era um tolo. O que é que Stella tinha que o fazia duvidar de si mesmo? Ela exercia um poder inexplicável sobre ele. Seus olhos infantis, seus gestos contidos, ele queria embalá-la, acarinhá-la. Que merda, seja homem, disse a si mesmo. Chorar assim não significa nada, ela pode muito bem ser igual ao marido, uma manipuladora. Era preciso se distanciar daqueles sentimentos conflitantes, ela poderia estar usando seus lindos olhos para enganá-lo. Chega de sentimentalismos, disse baixinho, dando um leve tapa em seu próprio rosto como reprimenda.

O funeral durou horas torturantes, durante as quais Stella recebia os cumprimentos de muitos políticos e eleitores. Ela só saía de seu posto para pequenas idas ao banheiro e para se alimentar. A imprensa estava apaixonada por aquela imagem de poder e desolação, da mulher em luto pelo assassinato do esposo, mas digna e forte. Essa imagem não iria se apagar tão cedo e Larry teve certeza que, mesmo se Stella tivesse algum envolvimento na morte de Dan, ninguém acreditaria. Ela se tornara tão popular e amada pelo público que alguns começaram a cogitar a possibilidade dela se candidatar a algum cargo político. Debates e especulações sobre o destino de Stella na Casa Branca eram o assunto mais falado do país naquele momento; depois, naturalmente, das causas da morte de Dan, se fora assassinato mesmo e quem era o culpado. A imprensa não sabia toda a verdade, mas cobrava um esclarecimento do caso; e Larry, como chefe da investigação, se sentia acuado e nervoso, esmagado pelo medo e pressão constantes. Já havia participado de outros casos importantes, mas nada como o assassinato do presidente.

Por conta de todas essas peculiaridades, ele sabia que teria de ser mais criativo em sua investigação, em especial se Stella se tornasse sua principal suspeita. A imprensa já estava no seu pé, e uma tentativa de incriminar a mulher mais querida do país seria o fim de sua carreira. Exceto, pensava ele, se ela fosse mesmo a culpada.

Capítulo 33

Lisa sentia-se mal pelo motivo que a levava a visitar Stella, no entanto, precisava sobreviver e queria fazer isso trabalhando na Casa Branca. Ela merecia uma boa posição na política depois de ter demonstrado sua competência durante a campanha, mas não queria insistir com Rob, não queria dar esse poder a ele. Era difícil confiar nas pessoas depois de ter testemunhado, em primeira mão, o quanto elas podiam ser falsas e traiçoeiras. Rob, pelo menos, era previsível; ela o conhecia e sabia o que esperar dele. Talvez por isso ele estivesse trabalhando com Raymond, os dois falavam o que pensavam. Às vezes, ela desejava não saber o que sabia, permanecer na ignorância, não ter visto o que vira. A vida que levava, iludida, parecia bem melhor do que a de agora. Mas ela não merecia sofrer por causa dos outros, por causa de gente que não valorizava o que tinha. Desde o primeiro dia em que começara a trabalhar na campanha, ela se dedicara mais do que seus colegas. Vislumbrava um futuro na Casa Branca desde que havia saído do Texas e se mudado para Washington, para cursar a faculdade. Não deixaria que a morte de Dan significasse a morte de seus sonhos também. Sua dedicação deveria valer de algo e Stella poderia ajudá-la. Uma simples indicação ou telefonema e ela estaria empregada. Era o que Lisa pensava enquanto aguardava no saguão do hotel.

Stella vestia jeans, camisa branca e nenhuma maquiagem, bem diferente do que Lisa estava acostumada. Deu um abraço em Lisa e se desculpou por não a receber no quarto, “está uma bagunça”, disse com um sorriso fraco no rosto. Parecia ter envelhecido dez anos na última semana e tinha um ar de derrota em como se portava. Lisa sentiu o corpo inteiro se arrepiar. Será que aquilo aconteceria com ela também, assim que deixasse a fase de negação? Ela respirou fundo e tentou se acalmar.

– Como você está?

– Levando, fazendo planos. Estive pensando em me mudar daqui, não quero voltar pra minha casa, e Washington parece não fazer sentido... ainda não sei. Mas fiquei feliz por sua visita, aconteceu alguma coisa? Acho que a investigação finalmente está com os dias contados.

– Não é sobre a investigação, na verdade... até me envergonho em pedir,

mas eu preciso de um emprego. Você não me deve nada, eu apenas pensei que...

Stella sacudiu a cabeça, esquecera-se completamente de falar com Raymond sobre o emprego de Lisa.

– É bom ter gente com a sua disposição aqui em Washington. Você pode influenciar muita coisa... acho que você deveria trabalhar com Raymond. Ele está no mais alto escalão da política nesse momento e nós o ajudamos a chegar lá.

– Pode ser... mas e você? Desistiu do projeto com as crianças? Tenho certeza que se você quisesse, eles continuariam a apoiá-la. Você também tem muito o que contribuir – disse Lisa dando um tapinha na mão de Stella, que sorriu com carinho.

A ex-primeira-dama contou da sugestão que recebera de abrir uma fundação com o nome de Dan, mas só de pensar em ter que falar no nome dele e viver em função disso, perdia a vontade a dar prosseguimento à ideia, mesmo que a causa fosse justa.

– Será que um dia a gente vai se recuperar? Será que vamos conseguir ver a vida com o olhar de antes? Às vezes eu sinto muita falta daquele tempo de ignorância, quando eu acreditava nele, nos seus ideais enquanto presidente, sabe? – disse Lisa.

– Sei... mas sabe o que eu aprendi com tudo isso? Ninguém se apresenta na sociedade do jeito que é, inclusive eu. Pois eu menti mais de uma vez por causa dele, e me comportei diferente e falei o que não acreditava, por causa dele. No entanto, nos últimos meses, algo me dizia que Dan mantinha uma fachada até para mim, mas eu não quis acreditar. Então hoje eu diria que aprendi a duvidar de todos, menos de mim. Aprendi a confiar mais nos meus instintos.

Lisa concordou, todos eles haviam mentido por Dan, mas porque acreditavam num motivo maior, uma causa nobre.

– Vou ligar ainda hoje para o chefe de gabinete do Raymond, ele vai te procurar. E você pode me ligar na hora que quiser, fico feliz em poder ajudar.

Elas conversaram sobre a investigação por uns vinte minutos até Stella dizer que precisava descansar. Então se despediram com um abraço e Lisa pôde ver a ex-primeira-dama seguindo rumo ao bar do hotel. Pensou em avisá-la que talvez alguém a fotografasse bebendo sozinha, mas mudou de ideia. Stella tinha direito a uma vida e agora, de qualquer modo, ela não era mais a esposa do presidente.

Lisa ainda sentia um medo constante por tudo o que sabia. Quase todas as noites, sonhava que estava na prisão ou pior, nas mãos de Dan. Às vezes ela se beliscava para acordar daquele pesadelo, apenas para perceber que tinha sido real. As traições, as mentiras, o charme. Tudo mentira. Tentava se consolar com o fato de que pelo menos ele não fora seu marido. Só de imaginar o que se passava na cabeça de Stella, tendo que fingir o tempo todo, não podendo revelar que o bom homem que a mídia imaginava era apenas isso: imaginação.

Já em casa, Lisa trocava os canais na TV quando viu a imagem de uma jornalista famosa falando de Dan. Por que depois que uma pessoa morre, de repente, ela vira boa? Por que a gente se esforça tanto para santificar os mortos, mesmo aqueles que em vida foram ruins? A mesma repórter que estraçalhara a moral de Dan a respeito do casamento com Solange, agora fazia um especial de uma hora sobre a vida dele, dramatizando os fatos e transformando-o em “o presidente do povo”. Mas pensando bem, a repórter não sabia tudo o que ela sabia.

Capítulo 34

Solange ficou feliz por estar de volta ao seu apartamento e poder contemplar sua vista favorita. Rosa preparou um café da manhã bem brasileiro, com direito a café com leite, pão de queijo, mamão em fatias e suco de laranja fresco, e o levou até o quarto da amiga numa bandeja. Solange abriu um enorme sorriso ao ver aquela quantidade de comida, e Rosa se juntou a ela. Era a primeira vez que dormia sozinha em dias, alegando se sentir segura em casa, mas não sem antes avisar na portaria que ninguém, não importando quem fosse, poderia subir sem ser interfonado. Ela também trocara a fechadura da porta e adicionara um reforço.

– Quais são seus planos para essa semana? James disse que você tinha uma sessão de fotos, mas que cancelou tudo. Seu rosto está quase de volta ao normal, e acho que uma distração te faria bem, voltar a rotina...

– Ah, sei lá, quero apenas ficar em casa. Depois, nem é uma campanha tão importante.

– Mas é trabalho e você adora fotografar.

– Eu sei, mas acho que prefiro ficar em casa por uns dias. Quando você volta pro Brasil? Eu estou bem, vou ficar bem. Não precisa ficar aqui de babá... eu sei que você tem mais o que fazer da sua vida – disse Solange levantando-se da cama. Apesar de grata, ela se sentia impaciente com a insistência de Rosa para viver a vida. Queria, se possível, nunca mais sair de casa. Então foi até o closet e escolheu uma roupa confortável.

– Eu queria que você conversasse comigo. Se abra-se.

Solange voltou do closet e se sentou na cama junto a Rosa.

– Eu não tenho nada para falar, você sabe tudo o que se passou, tudo da minha vida – disse Solange sem encarar Rosa.

– Amiga, eu lembro que quando surgiu a oportunidade de trabalhar como modelo, você ficou empolgada como nunca, foi o que te tirou do fundo do poço, foi a única coisa que mexeu com você, depois do fim da Operação Manhattan. Mas agora... você sai cada vez menos, não vê ninguém além de James... Martina já comentou que é uma luta fazer você sair. O que está acontecendo?

– Nada... eu apenas mudei. Hoje eu sou uma pessoa caseira. Depois,

quando eu recebi o convite para modelar, eu estava quebrada, em vários sentidos, e agarrei a oportunidade. Foi bom para esquecer tudo pelo que eu tinha passado, ganhei muita grana, foi bom para mim, mas eu cansei. Eu já te falei, são muitas exigências, eu vivia de dieta, desfilava para todas as marcas badaladas nas semanas de moda... trabalhei e fiz uma poupança generosa, agora eu quero curtir – disse exibindo um sorriso tão falso quanto suas palavras.

– E desde quando curtir, para você, é ficar em casa na frente da TV?

– Desde que envelheci e me cansei – respondeu, não gostando do rumo daquela conversa.

– Você tem 26 anos! Vinte e seis! Como pode dizer que envelheceu?

– Ah, Rosa, me deixa, que saco! Eu quero ficar em casa, só isso.

– Ok – disse Rosa, resignada. Ela queria conversar sobre os motivos que levaram a amiga a se tornar cada dia mais reclusa. Começara muito antes de seu reencontro com Dan, mas Solange parecia determinada a fingir que sua vida era normal. James e Martina eram seus únicos amigos, e eles também haviam reparado nas mudanças em Solange. Apesar disso, ela não sabia como abordar o assunto ou o que dizer sem que parecesse que seus amigos estavam fofocando pelas suas costas. Como Solange era uma ótima profissional, sempre pontual e sem exigências, no início James não vira motivos para insistir que ela saísse, até porque via muitas modelos perdidas em meio ao glamour daquele mundo e, com base nisso, concluía que Solange estava bem, ou pelo menos, melhor que tantas outras. Mas com o passar do tempo, ele percebera que ela, antes tão comunicativa, agora agia com certo distanciamento, quase nunca se envolvendo com ninguém, sempre dando uma desculpa para não ir às festas para as quais era convidada e que poderiam render ainda mais trabalhos e – por que não? – amigos. James também havia tentado conversar com ela, e ouvira as mesmas justificativas de sempre: “eu mudei, envelheci, trabalhei demais longe de casa e agora quero curtir Nova Iorque e meu apartamento”. Ela só saía do apartamento para o trabalho e depois de volta para casa.

No dia seguinte à chegada delas, James viajou a trabalho; e embora quisesse desmarcar e ficar ao lado de Solange, ela não permitiu. “Estou bem, vai ficar tudo ótimo, só preciso descansar”. Rosa ainda não tinha coragem de voltar para o Brasil. Martina estava de férias na Argentina, com a mãe doente, e sem previsão de retorno. Não sabia exatamente a situação em que Solange estava, assim como sua tia Heloísa; nenhuma delas sabia da agressão, da

investigação e dos riscos que Solange ainda corria. Sabiam apenas que por ter sido casada com Dan, ela estava envolvida de alguma maneira, mas não sabiam como. Rosa era a única pessoa que estava ali e sabia de tudo, por isso havia se decidido a ficar por pelo menos mais alguns dias. Tinha medo do momento em que a ficha caísse e Solange percebesse que havia mudado por causa do trauma, um trauma que ela tentara enterrar e fingir que não havia acontecido, mas que influenciava diariamente sua vida, suas escolhas. Tudo isso era normal, era uma tentativa de sobreviver diante do que acontecera. Mas em algum momento ela teria de encarar os fatos, olhá-los de frente e depois seguir. Pular aquela etapa apenas adiava o inevitável e aumentava seu sofrimento.

Donna resolveu dar uma passada no apartamento de Solange antes de voltar a Washington, onde residia. Estava preocupada com o estado emocional de sua cliente, porém tinha experiência na área e sabia que não havia uma solução rápida que curasse o que quer que Solange sentia. Estava acostumada a lidar com casos de homicídio culposos, escândalos envolvendo traições e políticos constrangedores; e, justamente por isso, temia pela vida de Solange. Ela ainda estava na fase da negação, o que a levava a crer que o pior ainda estava por vir. Continuaría investigando e fazendo sua parte em relação à possível acusação de tentativa de homicídio, no entanto, lamentava não poder fazer mais. Ainda assim, Donna sentia que sua cliente escondia algo. Apesar das ameaças de Larry, Solange não revelara mais nada, dificultando ainda mais a sua defesa. Donna não conseguia sequer imaginar qual seria o segredo e, mesmo estando acostumada a lidar com aquele tipo de situação, achava que Solange parecia diferente.

Agora, além da investigação da morte de Dan, ela teria de investigar sua própria cliente, seu passado, sua vida, para seu próprio bem. Dependendo do que fosse, a situação de Solange poderia se complicar e ela preferia estar preparada para o que viesse. Sentia que a investigação ainda prometia muitas reviravoltas. Havia muita coisa obscura pairando sobre o caso, mas Donna estava determinada a revirar pedra sobre pedra para descobrir a verdade.

Capítulo 35

O quarto de hotel estava uma bagunça. Restos de comida, bitucas de cigarro, roupas por todos os lados. Stella passava os dias fumando e bebendo, lendo um livro ou assistindo séries no computador. Evitava ver TV, pois o assunto ainda era o assassinato de Dan, e ela precisava colocar a cabeça para fora da água para respirar um pouco e conseguir pensar. Às vezes, quando menos esperava, sentia lágrimas escorrendo pelo rosto. O choro sempre vinha sem um motivo aparente, mas ali, sozinha naquele quarto de hotel, ela se sentia à vontade para deixar suas emoções fluírem. Agora, por exemplo, chorava por causa de uma série. O pedido de casamento do rapaz a lembrava do dia em que Dan a pedira. Ele estava tão nervoso. Quando ela dissera que sim ele havia arregalado os olhos, surpreso. Tempos depois, quando Stella perguntou a respeito, ele disse “você é uma mulher especial e bonita demais para mim. É claro que fiquei surpreso por você ter aceitado se casar com um homem pobre e mediano em tudo o mais como eu”. Mas ela se lembrava de Dan como muito mais que mediano. Ele era forte e agia com segurança e firmeza, coisa que ela interpretava como sabedoria. No início foi complicado, mas passado o período de “teste”, ela relaxou; se deixou acreditar na fantasia da “família de bem”. Abafou seu lado desafiador e questionador e se deixou ser amada, viver em harmonia e com estabilidade. Chegou a gostar disso e de sua nova versão.

Stella sempre fora autodestrutiva e, embora sua melhor amiga fosse psicóloga, ela nunca havia se interessado por terapia, até pouco tempo atrás. Na adolescência, era rebelde para provocar o pai, mas depois que eles cortaram relações, era porque não sabia fazer diferente. Após quase ser expulsa da faculdade, parou com a bebida e o uso eventual de drogas; e, no fim, terminou o curso de medicina com boas notas e apaixonada pela pediatria. A família não cortou seus recursos, e ela tinha livre acesso ao seu fundo de investimento – que só aceitou porque o dinheiro vinha de seu avô, já falecido e seu melhor amigo na infância.

Stella passara muito tempo envergonhada por seu comportamento imaturo daquela época. Gemma, diferentemente dela, trabalhava nos fins de semana como garçoneiro, enquanto ela fazia festa e não tinha com o que se

preocupar. Talvez o ódio de Gemma viesse desde aquela época, quem poderia culpá-la? Por mais que Stella a tivesse tratado como uma igual, aquilo não significa que elas assim o fossem. Gemma era filha de pais amorosos, que trabalharam duro para dar a ela boas oportunidades de estudo, e Stella a invejava por isso, mas não com maldade. Ela apenas gostaria de ter alguém que se importasse com sua vida, que se orgulhasse de suas conquistas. No fim, as duas sentiam falta de alguma coisa que a outra tinha, e nesse jogo de comparações ambas perderam. Poderia perdoar muita coisa, mas a traição de contar a Dan o que ela dizia na terapia, isso era impossível. Gemma passara dos limites, e paixão nenhuma justificava tamanha deslealdade. Era isso o que mais a magoava, a deslealdade do ato. Se ela tivesse se apaixonado por Dan, mas não tivesse contado nada do que falavam na terapia, as conversas íntimas que tinham, Stella até entenderia. Gemma era muito sozinha e Dan, um manipulador sem escrúpulos. Mas o resto era difícil de engolir. Elas eram amigas há anos, o mínimo que tinha o direito de pedir em troca era um pouco de honestidade, afinal, ela contava tudo a Gemma. Todas as suas inseguranças, conquistas, medos. Sempre acreditou que elas envelheceriam juntas, que seriam inseparáveis, que a amizade delas era um bem precioso, talvez a coisa mais valiosa que tinha na vida. E Stella nunca pensara aquilo a respeito de outra pessoa, nem acerca do próprio marido. Seria difícil se recuperar do choque.

Batidas na porta a tiraram de seus devaneios. Limpou as lágrimas e se levantou para atender. Era Larry, que tinha um sorriso torto e sinistro no rosto. Stella ficou sóbria só de olhar para a cara dele, mas não o deixou entrar. Pediu que ele a esperasse no bar do hotel, disse que desceria em alguns minutos.

Vestindo calça social e blazer preto, cabelos presos num coque baixo, Stella se sentou ao lado de Larry, que tomava um café e beliscava nozes.

– No que posso ajudá-lo?

– Aprecio sua boa vontade, mas creio que não é preciso manter a fachada de boa moça. Já estou sabendo de sua tentativa em interferir na minha investigação, de novo, agora usando o novo presidente – disse Larry, impaciente. Ele se sentia traído, por ela, por seu jeito fingido de lamentar a morte do esposo, por usar de seu poder tentando acabar com a investigação. Também estava furioso consigo mesmo, pois admitia, se deixara enganar. Stella permaneceu calada, lívida.

– A chave de autenticação usada naquela noite era de sua assistente, e

algo me diz que foi a pedido seu... no mínimo vocês são cúmplices.

– Isso não prova nada – Stella mantinha a calma ao falar, mas sentia o suor escorrendo pelo braço e o coração acelerado.

– Prova muita coisa. Para início de conversa, prova que você apagou evidências fundamentais para a resolução desse caso. Prova seu envolvimento e possivelmente o de sua assistente. Você tinha motivos, mais de um, digamos assim... foi por causa da humilhação? Das traições? Não seria a primeira vez que uma mulher inteligente bola um plano para matar o marido. Eu teria sido mais solidário se você tivesse colaborado desde o início. Aliás, você é uma ótima artista, deveria trabalhar com seu pai, o grande produtor de Hollywood. Ah, sim, mas vocês não se falam há quase dez anos, não é mesmo? Era isso que vocês tinham em comum, você e Dan? Mãe falecida quando jovem, criados pelo pai. Era isso? – vendo Stella lutar contra uma lágrima que ameaçava cair, Larry pensou em pedir desculpas, mas continuou com as acusações.

– Seu pai já mostrou interesse em colaborar com a investigação. Claro, eu antes tive de ameaçá-lo com a receita federal, mas no fim ele me contou do seu passado boêmio. O júri iria adorar ouvir suas histórias dos tempos de faculdade, as orgias, as drogas... facilitaria muito o trabalho do promotor. Acabariam com sua bela imagem de ex-primeira-dama, de pobre viúva.

– Foi para isso que você veio, para me ameaçar? A imprensa já explorou minha juventude boêmia, como você diz, não há nada de novo nisso. Se você tem provas, vá em frente, me prenda – desafiou Stella, olhando diretamente nos olhos de Larry, que não desviou.

– Sim, foi para isso que vim. No momento, apenas para ameaçá-la. E para informá-la que, a não ser que você comece a falar, sua assistente também será processada e presa.

– Você quer mesmo medir forças comigo? Tem certeza disso? – Stella manteve a postura.

– Eu sabia que você diria isso e sim, se é assim que você quer, assim será. Amanhã mesmo emitirei uma ordem de prisão preventiva a você e sua cúmplice e, depois disso, será impossível manter a imprensa ao seu lado. Sua fachada de boa moça vai ruir e você não terá mais ninguém. Não pense nem por um minuto que Lisa não vai falar, porque, diante das circunstâncias, essa é a única certeza que tenho: você ficará sozinha, a imprensa fará sua caveira e o presidente fingirá surpresa e indignação. Exceto... se você confessar e decidir colaborar. Pense que estou aqui hoje para te dar uma oportunidade –

Stella sorriu cinicamente diante da sugestão.

– Dê o seu melhor. Estarei esperando, aqui, no meu quarto de hotel cinco estrelas, bebendo champanhe e assistindo de camarote ao fiasco da sua investigação – brindou no ar com seu copo de água e voltou ao seu quarto. Larry estava impressionado com essa versão de Stella. Se ela não tivesse tentado interferir no caso, talvez ele nem a investigasse mais, já que a lista de suspeitos só aumentava. Mas agora ele tinha certeza de seu envolvimento, e seria um prazer vê-la atrás das grades, desmascarada.

Capítulo 36

Solange concordou em dar um passeio pelo Central Park deixando Rosa alegremente surpresa. Era o primeiro dia de sol daquela semana chuvosa e Solange parecia um tanto constrangida por ter feito Rosa sair do Brasil para acabarem enfurnadas dentro de casa. Depois que o pior parecia ter passado, Solange insistia para que Rosa voltasse para Brasília.

– Está tudo acertado no trabalho, não há pressa. Nara aprendeu tudo e tem se saído muito bem. Lembra quando vocês trabalhavam juntas no salão? Nara de manicure estudando para o vestibular, cheia de planos... fico tão feliz de ver o que criamos, as pessoas que trabalham para a Sol... mas lá está tudo certo. Nós nos correspondemos o tempo todo sobre o trabalho. Não tem com o que se preocupar, e antes que você me pergunte, além dela, ninguém mais sabe o que aconteceu.

– Mas e a sua vida? Suas questões pessoais?

– Bom, se você quer saber... ainda não decidi se me encontro com o Tiago antes de voltar, às vezes penso em terminar de vez... – disse Rosa, depois emendou: – Mas vamos falar de você, seus planos...

– Ah, não, não mesmo, agora você vai me contar tudo. Quero saber de vocês. Você tirou seu visto para o Canadá?

– Não, mas ele se ofereceu para vir, de qualquer modo. Daqui eu só saio de volta para Brasília. Cansei de correr atrás.

– Até parece que você correu atrás dele amiga, vamos ser honestas, vai... – Solange cutucou Rosa com o braço. Elas riram. Rosa sabia disso, admitia não ter ido atrás tanto assim, mas disse que tinha uma vida que não permitia viagens internacionais a qualquer momento e que achava que depois de concluído o curso de direção de cinema, Tiago voltaria para o Brasil. Mas sempre rolava um trabalho, uma oportunidade e ele ia ficando, adiando... e ela lá, sem saber bem onde esse relacionamento iria levá-la.

– Mas vocês não estavam num relacionamento aberto? Talvez ele também não saiba muito bem como agir... o que você quer? O que você espera dele? Você quer ter um namoro tradicional?

– Para falar a verdade, não sei. Sei que reclamo dele, mas às vezes eu acho que estou nesse relacionamento porque assim eu tenho tempo para

cuidar da minha vida. Sei lá... das poucas vezes que namorei, eu me sentia culpada por ficar em casa estudando, ou trabalhando até tarde, ao invés de sair e curtir como eles queriam. Com Tiago pelo menos não tem isso. Posso me dedicar à minha carreira sem a pressão de estar presente o tempo todo. E eu sei que mesmo que estivéssemos morando no mesmo lugar, ele continuaria me apoiando, porque ele é esse tipo de cara.

– Ah, isso eu entendo. Eles ainda não entenderam que a vida de uma mulher não gira em torno deles, que temos outras ambições e sonhos, como eles.

– Eles sempre reclamam, sempre. Quando estão ocupados, esperam que a gente compreenda, mas o oposto não acontece. Mas com o Ti é diferente, e eu gosto dele... ele é um dos meus melhores amigos, torce por mim, me incentiva a perseguir meus sonhos profissionais, me desafia – Rosa pensou em tudo pelo que a amiga havia passado, em Carlos, por quem ela era apaixonadíssima, e parou de falar. – Amiga, vamos falar de você? Chega dos meus problemas.

– Você não sabe a felicidade que sinto em ouvir os problemas alheios, me sinto até mal em admitir, mas assim eu me esqueço um pouco dos meus e não me sinto tão sozinha. Todo mundo tem problemas, né? Mas me diz, qual é o motivo de você querer terminar?

Rosa não tinha resposta para aquela pergunta, culpava a distância, mas ao mesmo tempo admitia que ela era benéfica a eles.

– Eu tenho medo, sei lá... queria começar a desapegar... já me preparar para o fim, pois é esse o nosso destino.

– Encontra com ele só para ver o que você vai sentir e curte o momento. Esquece o amanhã, esquece o futuro. Nós podemos todos morrer daqui a pouquinho – disse Solange sorrindo. – Olha só, já estou até fazendo piada com a situação – ela cutucou Rosa e as duas riram.

– Você tem razão, vou mandar uma mensagem. Mas e a senhora, hein? Quanto tempo faz que você não namora ninguém?

– Teve aquele diretor da revista, lembra?

– O francês? Mas aquilo foi há um ano! E o James? Olha, com todo o respeito, ele é um gato, e sinto que ele tem uma quedinha por você... você nunca pensou nisso?

Solange desconversou, as coisas andavam devagar nesse quesito e ela preferia assim. Não se sentia pronta para se entregar a alguém, e se não fosse assim, era melhor nem tentar.

– E o trabalho? Por que você desmarcou os trabalhos de fotografia?

– Acho que preciso de mais tempo. Enquanto a investigação ainda estiver em andamento, não consigo relaxar – respondeu Solange. Rosa parou de caminhar e elas se sentaram num banco.

– Essa investigação pode ficar em aberto por muito tempo, você vai ter que achar um meio de viver independentemente disso. Já ficou claro que ninguém sabe de nada sobre o greencard. Imagina se o tal do Larry não ia usar essa informação contra você se ele a tivesse? Eles não sabem de nada.

– Pode ser. Tem hora que eu penso não ter mais nada a perder, quero dizer, eu amo essa cidade e eu gostaria muito de poder viver aqui para sempre, mas eu cometi um erro, agi fora da lei... em algum momento terei de enfrentar as consequências desse ato. Por que não agora?

– Mas Solange... você já sofreu demais por conta desse casamento. Dan não está mais aqui, o chefe dele na Operação Manhattan também não, ninguém além deles sabe, o próprio Dan confirmou, não foi? E você merece viver aqui sim, pois é uma mulher trabalhadora e, tirando o casamento com Dan, você é a pessoa mais honesta que conheço. Aconteceu, você se apaixonou por Nova Iorque e fez de tudo por esse amor.

– Será que eu vou conseguir viver sem medo de novo? Sem achar que por causa desse erro minha vida está fadada ao fracasso?

– Você precisa trabalhar essa culpa por causa do casamento comprado, isso tem feito você sintonizar só em coisas negativas. Sua vida deu muito certo, mas ninguém tem a vida perfeita. Isso também vai passar – disse Rosa abraçando a amiga. Era a primeira vez que percebia o quanto aquele casamento havia transformado Solange. Ela carregava uma culpa que a fazia crer que, de algum modo, ela não merecia ser feliz. Apesar disso, Rosa não estava mais perto de achar a solução dos problemas da amiga. Na verdade, ela não fazia a menor ideia de como ajudar Solange a sair dessa. Talvez conversando e falando sobre seus temores, eles se tornassem menos assustadores. Pelo menos essa era sua esperança.

Mais tarde, quase meia-noite, horário de Nova Iorque, Rosa recebeu uma ligação.

– Tô aqui em baixo – disse Tiago, ligando da frente do apartamento de Solange.

Capítulo 37

O despertador tocou às 6:50, e Lisa acordou sem pressa para sair da cama. Depois de ter se mudado para o novo apartamento, ela costumava acordar de excelente humor. Esfregando-se nos lençóis de mil fios, visualizando sua vida, agradecida por suas conquistas. Só de pensar que tudo aquilo quase acabara, que seus sonhos quase ruíram antes mesmo de começar a dar frutos... foi por pouco. E ela não se daria ao luxo de sofrer por causa de Dan. Ele teve o que mereceu e ponto. Lisa havia traçado seu futuro e se via exatamente como estava agora, independente, morando num bom bairro, num apartamento só seu, longe dos quatinhos de pensão que costumava alugar no passado. Não, aquele tempo ficou para trás. Dali para frente seria só o melhor. Quem a visse de longe poderia pensar que ela era fútil, mas quem nunca teve nada tinha a obrigação de se sentir radiante com as pequenas coisas. Era a prova de que estava no caminho certo, que todo o esforço valera a pena e que teria enfim um pouco de estabilidade financeira e conforto. Tudo bem que o apartamento era alugado e a mobília estava inclusa, mas um dia seria tudo dela. Quando estava estressada, Lisa ia ao Pinterest adicionar ideias de decoração para sua casa, um hobby que sempre a acalmava. Ela queria ter coisas, simples assim. Queria se sentir digna, e coisas faziam com que ela se sentisse honrada e orgulhosa de si. Havia feito muitos sacrifícios para conseguir estudar e tinha uma enorme dívida estudantil com o banco, mas finalmente sua recompensa havia chegado. Em breve não teria mais preocupações com dinheiro e talvez até se animasse a pensar em outras coisas, como namorar, por exemplo.

Levantou por fim, o café já pronto. A cafeteira elétrica com timer era seu xodó. Amava acordar com o cheiro de café no ar. A TV também estava preparada para ligar automaticamente no canal de notícias, de modo que ela já começava o dia atualizada. Depois do café, Lisa foi para o quarto e começou a se vestir; e exatamente às 7:55, saiu em direção à estação de metrô. Chegou à Casa Branca por volta das 8:30 e começou seu dia analisando documentos. O comitê de ética estava sempre à procura de brechas que poderiam interferir nos atos do presidente. Conseguira aquela vaga com a ajuda de Stella, mas ninguém parecia se importar, afinal ela era

formada na área e poderia de fato contribuir.

A secretária interfonou avisando que a ex-primeira-dama gostaria de falar com ela, porém não tinha hora marcada. Lisa a mandou entrar e se surpreendeu com o que viu: Stella de moletom, boné sobre os cabelos oleosos e olheiras profundas.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou Lisa levantando-se para cumprimentá-la.

– Aconteceu. Larry descobriu tudo, ou quase tudo, e eu não sei mais o que fazer. Minha tentativa de intimidá-lo a largar a investigação só serviu para que ele tivesse ainda mais certeza que estou envolvida na morte de Dan. Antes pelo menos ele parecia gostar de mim.

Lisa observava Stella enquanto digeriria o que acabara de ouvir, depois pediu que ela se acalmasse, nada havia acontecido, ainda. Sempre havia algo a ser feito.

– O que ele sabe, exatamente?

– Ele sabe que foi você, ou pelo menos sua chave de segurança, que acessou o sistema operacional da Casa Branca e apagou as filmagens daquela noite. Meu Deus do céu, meu pai tinha razão, eu não consigo passar muito tempo longe de problemas... minha vida é uma sucessão de escolhas erradas e eu vou acabar como uma marginal, na prisão.

– Shh, que merda, fala baixo! Preciso que você se acalme para que possamos traçar um plano.

– A gente pode matar o Larry – sugeriu Stella com uma naturalidade assustadora. Lisa franziu a testa e lançou a ela um olhar de reprimenda.

– Ninguém vai matar ninguém. Mas ele poderia ser demitido, isso é fácil de conseguir – disse Lisa pegando um copo com água e entregando-o a Stella.

– Ele disse que vai expor o caso para a imprensa se eu fizer isso – Stella bebeu o conteúdo do copo em um só gole. – Eu vou dizer que usei minha influência e obriguei você a apagar as gravações das câmeras.

– Calma, você não vai fazer nada ainda. Tive uma ideia. Acho que podemos usar aquela sua sugestão inicial, quando Solange pediu para você falar bem dela na TV na tentativa de conquistar o público e um possível júri. Só que agora você vai fazer isso por si mesma. Vou ligar para a assessoria do programa da Helen e marcar essa entrevista o mais cedo possível. O público está sedento por imagens da primeira-dama viúva, ela vai topa. Mas primeiro você tem que se acalmar, pois essa entrevista deverá parecer o mais natural

possível, uma viúva desolada em busca de justiça, mas que no momento está sendo injustiçada e perseguida. Isso! Vamos descobrir uns podres sobre o Larry e expor para todo mundo ver. Duvido que ele tenha coragem de continuar nos importunando depois que a imprensa acabar com a moral dele. Vai dar certo, e ele pode estar blefando.

– Você disse primeira-dama, mas eu não sou mais...

– Não seja tola, ninguém se importa com esses detalhes. Raymond é viúvo, só sobrou você. Stella, presta atenção, as circunstâncias, nesse momento, estão a seu favor, pois é tudo muito recente, as pessoas ainda comentam as imagens do velório, você estava tão bonita sofrendo. Confia em mim e, por favor, joga fora esse moletom. Uma primeira-dama não veste isso. Senão você se torna igual a qualquer outra pessoa, e sua magia é que você parece ser qualquer pessoa, mas não é. Essa imagem é forte, mantenha ela até o final. O que eu não daria para vestir aqueles seus conjuntos Chanel... – disse Lisa balançando a cabeça em negativa. – Chega de sentir pena de si mesma trancada naquele quarto de hotel. Você pode não ter percebido ainda, mas é uma mulher poderosa e deve viver de acordo com esse poder. Tem tanta coisa que você pode fazer pelo povo americano, tantos projetos, não se apegue ao papel de vítima, pois, apesar de tudo, você tem muitos privilégios e recursos à sua disposição. Vamos usá-los, chegou a hora, Stella. Eu acredito em você. Estamos juntas nessa, vai dar certo.

Lisa dizia tudo aquilo para convencer a si mesma de que ainda existia uma chance, não estava tudo perdido, mas no fundo ela estava apavorada. Sabia que sempre sobrava para o lado mais fraco e, nesse caso, esse lado era o dela. Porém não poderia ficar parada esperando as algemas. Lutara sua vida toda para estar ali, e ninguém, muito menos aquele esquisitão do Larry, acabaria com seus sonhos.

Stella respirou fundo e se recompôs diante da imagem forte e determinada de Lisa. Ela não estava sozinha. Havia muito trabalho pela frente se topasse a entrevista. Lisa contava com ela e aquilo bastou para renovar seu ânimo. Era chegada a hora de montar sua defesa.

Capítulo 38

Donna odiava ter que fazer aquele tipo de “visita”, mas era uma parte do seu trabalho que não confiava a mais ninguém. Bateu na porta do capitão Williams e esperou. A casa parecia sem vida e ela pensou em ir embora. Alguns minutos depois, sem resposta, Donna voltou para o carro; ficaria ali dentro nem que fosse para se esquentar enquanto pensava no que fazer. Williams era o responsável pelos casos de cooperação entre o DEA e o FBI, além de ter sido o ex-chefe de Dan na Operação Manhattan. Ela avistou ao longe uma mulher com um carrinho de compras, mas ela em nada se parecia com a foto que havia visto quando pesquisou por informações sobre o casal. Mesmo assim, Donna decidiu esperar mais um pouco.

A mulher se aproximou devagar em direção à casa. Era ela, Charlene Williams, agora podia ver seu cabelo ruivo saindo pela touca de lã. Charlene chegou mais perto do carro e Donna saiu.

– Desculpe incomodar, a senhora é a esposa do capitão Williams?

– Sim, e você, quem é?

– Ah, desculpe, eu sou Donna Carter, advogada. Gostaria de falar com o seu esposo sobre uma investigação que ele fez há alguns anos.

Charlene olhou Donna de cima a baixo, como se a estudasse.

– Meu marido faleceu há nove meses, câncer no pulmão, nunca fumou um cigarro na vida – ela disse com ressentimento. – Mas talvez eu possa ajudar, entra.

Donna sabia que ele havia falecido, mas achou que seria mais prudente dizer que o procurava. Dava a impressão de que ela não estava em busca de especulações, mas da fonte original. Entrou e sentou-se no sofá marrom, a convite de Charlene. A casa era pequena e cheia de objetos de decoração em madeira, barcos pequenos e símbolos náuticos.

– Steve queria se mudar para a Flórida, ele sempre quis viver perto do mar, num clima mais ameno, talvez ter um barquinho, depois que se aposentasse – disse a mulher, vendo o interesse de Donna nos objetos. – O que a traz aqui? – perguntou enquanto guardava as compras.

– É sobre um caso do seu marido, conhecido como Operação Manhattan, a senhora se lembra?

– Claro, Steve me contava tudo, ele apreciava meus conselhos – ela sorriu e espiou por cima dos óculos pequenos.

– Então a senhora deve conhecer Dan Jager. Digo, pessoalmente.

– Claro que sim.

– Eles eram amigos?

– Steve era uma figura paterna para ele, e como nós não podíamos ter filhos, eles criaram um laço que foi além do profissional. Também, com aquele pai que ele tinha...

– O que a senhora quer dizer com isso?

– Por favor, me chame de Charlene. Mas o que você quer saber exatamente? Por que está aqui? – ela sentou-se numa poltrona em frente a Donna, ainda desconfiada.

– Eu sou advogada de Solange.

Charlene estudou Donna por mais alguns instantes, depois pediu uma prova.

– Me mostre um contrato, qualquer coisa, você poderia muito bem ser uma jornalista disfarçada. Na época da operação, eles não nos deixaram em paz. Steve teve até que trazer para cá alguns de seus arquivos secretos, com medo de que documentos importantes vazassem.

Donna pegou o tablet da bolsa e acessou seus contratos, mostrando o nome de Solange. Charlene pegou o aparelho e demorou alguns minutos lendo, para ter certeza de quem ela era. Donna mostrou mensagens trocadas com sua cliente, mas Charlene não se deteve nelas, deu só uma olhada rápida e voltou a encarar Donna.

– Você aceita um chá? – ela se levantou novamente e colocou água na chaleira elétrica. – Menta ou preto?

Donna aceitou o preto e ela escolheu menta. Colocou os saquinhos em xícaras rosadas, acrescentou a água fervida e voltou a se sentar.

– O que a senhora estava falando, sobre o pai de Dan?

– Ele era alcoólatra. E Dan sofreu muito quando pequeno nas mãos daquele monstro. E sim, eu sei que ele contou outra história para os eleitores, mas o que ele poderia dizer? Acho que Steve tinha pena dele.

– Claro, entendo. A senhora... Charlene, você sabe alguma coisa sobre o casamento entre Dan e a minha cliente?

– Sim, sim. Meu marido tinha muito medo das consequências daquele envolvimento. Dan dizia que era para aumentar sua proximidade com o investigado, que era namorado da moça na época, mas nós desconfiávamos

que ele estava apaixonado de verdade.

Donna tentou conter a surpresa em seu rosto e tomou um gole do chá quente. Ela sabia que o casamento se dera na época da operação, mas não sabia que era apenas de fachada, com o objetivo de se aproximar do outro investigado. Isso era novidade.

– Então você acha que eles se casaram por amor?

– Mais ou menos. Ele sim, acho que sim. Ela não. A brasileira queria o greencard e pagou pelo casamento. Foi Dan quem deu a ideia, mas no fim eles se envolveram de verdade. Estou falando demais, né? Bem, eu quero o bem da moça, e se você trabalha para ela...

Donna levou mais um choque, mas disfarçou fazendo mais perguntas.

– Como você sabe de tudo isso? Todos esses detalhes?

– Dan era de casa. Steve e ele conversavam sobre a operação na minha frente, enquanto eu preparava o jantar. Eles só falavam de trabalho e sempre diziam “as paredes têm ouvidos”, eram muito desconfiados, por isso se reuniam aqui para debater. A vida de Steve e, arrisco dizer, a de Dan também, era o trabalho. Mas Steve estava preocupado com Dan, pois ele parecia muito envolvido com a moça, sabe? Encantado por ela. Por um lado, eu achei bom, mas era trabalho, né? E Steve não estava de acordo. Dan fez tudo sozinho, entende? E quando Steve soube, já não dava mais para desfazer as coisas, só rezar para que desse certo.

Charlene ficou em silêncio, olhando de soslaio para Donna, depois serviu-se de mais chá e perguntou:

– Ela está em apuros? Eu torci muito, depois da investigação ter terminado, para que ela tivesse uma vida boa. Coitada, imagina... um dia você acorda e percebe que seus amigos não são quem dizem ser. Dan sempre comentava que ela era uma boa pessoa, que queria ficar aqui, só isso. Ela era tão ingênua, pobrezinha, nem desconfiava que o namorado era um traficante. Deve ter sido um choque quando descobriu toda a verdade – disse Charlene de volta à sua poltrona, bebericando o chá. Donna não tocou mais no seu.

– A senhora disse que ela se casou em troca do greencard? – repetiu Donna ainda assimilando a informação.

– Se você é a advogada dela, deveria saber disso, não?

– Acho que ela tem vergonha... mas faz sentido, quem não teria? E medo, de ser deportada, ou dos segredos de Dan virem à tona.

– Só eu, Steve e Dan sabíamos disso. Parte da operação era o secretismo dela. Nem os outros envolvidos sabiam de todos os detalhes da investigação,

e esse era um deles. Steve era muito neurótico, então o resto do pessoal só sabia o básico mesmo, para evitar vazamentos. Agora que Dan está morto, Deus o tenha, sou a única que sobrou. E eu jamais falaria uma palavra sobre isso com alguém. Mas a senhora é a advogada dela e quer ajudar, não é? Porque se não for, eu vou negar até o fim que disse qualquer coisa.

– Pode ficar tranquila, eu quero o bem dela também, por isso estou aqui. A senhora pode ligar para ela, se a deixa mais confortável, eu já mostrei o contrato, nossa comunicação...

– Não precisa, eu tenho um bom sexto sentido. Do que mais você precisa saber?

– Preciso ter certeza que minha cliente não sofrerá as consequências da compra do casamento e, no momento, gostaria de saber se existem documentos oficiais que poderiam incriminá-la. Talvez o seu marido tivesse registros do caso...

– Eu ajudei a documentar alguns arquivos referentes às operações em que meu marido trabalhou. Eu trabalhava numa biblioteca, me aposentei há dois anos. Alguns documentos originais, especialmente sobre a parte que ele não revelava para a equipe, os ultrassecretos, ainda estão aqui. Ele os guardava em casa, pois, como eu disse, não confiava em deixar nada no departamento. Não confiava em quase ninguém, nem nos colegas, em especial quando se tratava de investigações restritas com infiltrados e informantes. Ninguém tinha conhecimento da operação completa, pois sempre havia alguém disposto a vender informações para o outro lado. Acontece. Até onde eu sei, os documentos que ele guardou em casa não têm nenhuma cópia. É claro que o FBI e a DEA também têm seus documentos, mas não em sua totalidade. E esse me parece um caso daqueles que Steve não deixaria a mercê de qualquer um, até porque Dan fez questão de cuidar disso e pediu garantias de que Solange não seria punida nem descoberta. Até uma ocorrência na polícia... parece que ela foi pega por causa de umas drogas... até isso Dan fez questão de que fosse apagado do registro geral. E Steve mexeu os pauzinhos para fazer o que ele pedia – Donna tentou disfarçar a surpresa diante de mais aquela revelação, e Charlene prosseguiu: – Por isso te digo, ele gostava dela. Mas quero deixar claro que só faço isso por pena, pena da moça. Ela só queria ficar aqui na América, e as leis de imigração são excludentes demais. Depois de tudo o que ela passou, porque, convenhamos... ela foi usada, né? Para um bem maior, mas ainda assim usada... acho que podemos concordar que ela merece um pouco de paz. Você não acha?

Charlene parou e analisou Donna mais uma vez, antes de decidir se daria a ela os documentos. A advogada a observava com o coração aos pulos, os segundos passando devagar. Aquela era sua chance, não podia perdê-la.

– Vou levar você até a garagem – disse por fim, indicando o caminho. Donna conteve a satisfação e a seguiu calada, com medo de falar qualquer coisa que fizesse Charlene mudar de ideia. As duas desceram para o subsolo onde ficava a garagem. A advogada ficou de queixo caído com a quantidade de caixas de documentos que Williams guardara.

– É só procurar pelo nome da operação na etiqueta, não vai ser difícil encontrar.

Donna se pôs a procurar. Minutos depois gritou “achei”, e tirou a caixa do lugar. Charlene pediu para dar uma olhada nos papéis primeiro. Ela se sentou numa cadeira empoeirada e analisou lentamente o conteúdo da caixa. Donna mal respirava de tão aflita. Charlene tirou os óculos e, parecendo satisfeita, disse a Donna que ela podia levá-los.

– O conteúdo dessas caixas só foi dividido com os envolvidos. Eu me lembro muito bem que esse casamento não foi debatido com o restante da equipe, que, aliás, era pequena. O que quero dizer é que mesmo os membros da operação não sabiam de tudo. Talvez eles soubessem do casamento, mas a parte do greencard, não. Entende aonde quero chegar?

Donna assentiu, satisfeita, depois disse que devolveria a caixa em uma semana.

– Não é necessário. Pode ficar com isso, se vai trazer alguma paz a moça... coitada – disse Charlene com o olhar triste. Donna agradeceu com um aperto de mão, deu alguns passos, depois voltou e a abraçou, meio sem jeito.

– Aposto que na Flórida não deve estar tão frio agora – Donna sorriu, e Charlene levou a mão ao peito. A advogada voltou para o carro, mas não deu a partida. Estava curiosa demais para saber o conteúdo daqueles documentos. Agora tudo fazia sentido. Solange escondia mesmo alguma coisa, mas não era sobre a morte de Dan e a noite da agressão, era a compra do casamento. E ela tinha razão, corria um sério risco de deportação caso alguém descobrisse. Eles tinham muitos documentos sobre Solange, pois ela fora interrogada e investigada, quando a Operação Manhattan acabou; mas a polícia só a investigara por achar que ela poderia ter algum envolvimento com o tráfico. Talvez por isso tenham deixado passar aquele detalhe. O foco era outro e, no geral, o departamento antidrogas não se envolvia com casos de imigração. Solange tivera muita sorte.

Capítulo 39

Tiago carregava apenas uma mala de mão pequena. Ele ia se hospedar em um hotel no Brooklyn, mas Solange insistiu para que ficasse no apartamento dela, e ele aceitou. Solange se esforçava para sair mais, porém declinou quando Rosa e Tiago a chamaram para jantar fora naquela noite. Mais por achar que eles precisavam de privacidade do que por medo. O restaurante italiano estava lotado e eles esperaram no bar tomando cerveja.

– Tem uma coisa que eu queria falar com você... e já tem um tempo que penso nisso – disse Tiago. – Acho que você deveria considerar minha proposta com a mente aberta. Acha que consegue?

– Que proposta? – Rosa parecia tensa.

– Acho que você deveria ir morar comigo, passar uma temporada fora do Brasil. Você é dona do seu próprio negócio e quer se dedicar, mas sei também que você está precisando de um tempo. Tudo o que está acontecendo com o seu pai, e agora com a Solange, talvez seja bom você ficar por aqui. Mas calma, deixa eu terminar. Recebi uma proposta de trabalho que vai me dar um visto para ficar no Canadá por no mínimo mais dois anos; e se você topa, nós podemos dar um jeito de estendê-lo a você também. O fato é: você já estava interessada em estudar marketing no Brasil, porque não no Canadá? Não era um sonho da adolescência, fazer um intercâmbio? Agora você pode.

– Eu tenho muitos compromissos, e não sei se minhas economias dariam para pagar um curso... não em dólares, pelo menos. Depois, tem pouco mais de um ano que eu saí da casa dos meus pais e eu amo ter meu cantinho, minha privacidade. Minha vida inteira está planejada e perfeita, em Brasília. Mas prometo que vou pensar nisso com carinho – ela sorriu e o beijou.

– Tudo bem. Mas mudando de assunto... como está a Solange? Eu quase não acreditei quando vi no noticiário, que barra, né? Ela está bem?

– Não muito. Lembra de quando ela começou a trabalhar como modelo? Lembra que ela meio que ignorou tudo o que tinha acabado de acontecer e fingiu que não era nada? Trabalhando sem parar? Pois é. Agora está sendo o oposto. Não sei se é por já ter uma boa poupança, ou pela Sol estar crescendo... mas ela não quer fazer mais nada. E também não quer falar sobre o que aconteceu. Tenho medo que ela sofra quando não conseguir mais

ignorar a situação. James me avisou que ela estava desmarcando trabalhos sem nenhuma justificativa. Tentei conversar, mas ela diz que quer curtir o apê, curtir Nova Iorque... mas ela não me engana.

Rosa se distraiu com a imagem que via na TV. Era uma apresentadora de jornal falando sobre a entrevista de Stella, transmitida minutos atrás. Na legenda lia-se “Ex-primeira-dama confessa ter matado o presidente Dan Jager, em transmissão ao vivo com Helen Moriz”.

Ela encarou o namorado com os olhos arregalados, paralisada. Pegou a bolsa e checkou o celular. Solange mandara uma mensagem, “olha o jornal”, há menos de 15 minutos. Os dois saíram correndo de volta ao apartamento. Tiago perguntou o que estava acontecendo e Rosa disse, ofegante:

– Isso significa que a Solange está livre da investigação, finalmente!

PARTE 3

Capítulo 40

Stella vestia um conjunto de tweed vintage rosa-claro. Lisa escolhera aquele modelo, pois ele dava um ar principesco e pueril a Stella. Elas haviam ensaiado o que dizer, e Helen Moriz concordara com a maioria das perguntas propostas, fazendo apenas algumas modificações. O tema central da entrevista seria como a ex-primeira-dama lidava com o luto e a investigação da morte de Dan. Stella afirmaria a necessidade de ver o processo concluído para que enfim pudesse ter paz e insinuaria um certo constrangimento causado pelo chefe da investigação. Diria achar que ele não estava fazendo seu trabalho da melhor forma possível e relembraria o atraso na liberação do corpo.

Lisa havia passado o dia todo ensaiando as respostas com Stella, que agora, há minutos de entrar ao vivo na TV, parecia mais estranha do que o normal.

– Boa noite, amigos telespectadores, obrigada pela audiência de sempre. Hoje, comigo aqui no estúdio, está a querida primeira-dama dos EUA. Acho que podemos dizer que ela ainda é nossa primeira-dama, não?

– Boa noite, Helen, obrigada por me receber. Você pode me chamar do que quiser, muita gente ainda me chama de primeira-dama – disse ela, tímida e encantadora. As duas conversaram amenidades por alguns minutos, coisas corriqueiras sobre a vida dentro da política, se Stella pretendia concorrer a algum cargo no futuro, ao que ela respondeu, sorrindo graciosamente, que não. Falaram sobre a investigação, agora com o semblante pesado, e então, depois de amaciar o terreno e deixar sua entrevistada confortável e segura, Helen começou a fazer perguntas mais pessoais.

– A América quer saber, como você está? O que tem passado pela sua cabeça nessas últimas semanas?

– Estou me recuperando. Às vezes tenho que me beliscar para acreditar que esse pesadelo é real, mas a gente tem que tentar sobreviver, de algum modo.

– Sentimos muito por tudo o que está acontecendo na sua vida. Há poucos meses você esteve aqui, falando sobre um assunto polêmico que era o primeiro casamento do seu marido. Como foi aquela fase para vocês,

enquanto casal?

– Entendo que os eleitores quisessem saber mais sobre isso, mas todo mundo tem um passado, é normal. Eu não sei muito sobre esse casamento, só que ela é uma boa pessoa, honesta e trabalhadora, isso é tudo o que sei.

– Mas ele não falava sobre a ex com você?

– Não, não falava... – Stella pigarreou e bebeu um pouco de água. O olhar fixo de Helen nela, as fortes luzes incomodando e a fazendo suar ainda mais. Sentiu uma sensação estranha, como se estivesse prestes a desmaiar, ou a morrer. Num segundo, ela viu Dan e seu sorriso encantador quando eles se conheceram num café próximo à livraria que ela sempre frequentava. As mesas estavam todas lotadas e ela folheava um exemplar com lindas gravuras, sentindo o cheiro que para ela sempre fora sinônimo de conforto, cheiro de livros novos. Ele se aproximou perguntando se ela se importaria de dividir a mesa. Carregava um jornal consigo. Ela sorriu, achou-o bonito, seu rosto familiar, ele retribuiu, gentil. Ele era outra pessoa naquela época, outra pessoa...

Uma necessidade visceral de desabafar se abateu sobre ela, quando Helen a chamou para o presente. Não conseguia mais mentir, e as palavras se atropelaram querendo sair.

– Eu só fiquei sabendo que Dan fora casado antes de mim, poucas horas antes de ver na imprensa. Ele nunca havia me contado sobre ela antes.

Helen parecia estranhamente reanimada. Seus olhos brilhavam diante daquela revelação. O silêncio no estúdio era perturbador. Stella parecia perdida e Helen continuou.

– Ora... então... desculpe, mas... como você pôde se casar com alguém sem saber de algo tão importante quanto um casamento anterior? – Helen improvisou, tentando manter a conversa fluida, antes que Stella percebesse que falara demais.

– Essa é uma pergunta que eu fiz a ele, mas a resposta de Dan foi que tinha sido um relacionamento breve.

– Só isso?

Lisa, que assistia à entrevista atrás das câmeras, estava imóvel de horror, apavorada com o rumo daquela conversa. Elas não haviam ensaiado aquilo, o que dera na cabeça de Stella?

– Eu tentei obter mais respostas, mas... – Stella olhava para as mãos, as unhas roídas cobertas por unhas postiças, perfeitamente pintadas de rosa-claro, mexendo sem parar na aliança, como se ela a incomodasse. Helen

perguntou se ela estava se sentindo bem e Stella levantou a cabeça, descruzou as pernas, e respondeu, com a voz trêmula:

– Eu fui até a casa da ex-esposa de Dan depois... depois da notícia do casamento ter vindo à tona. Eu achava que ele gostava dela ou estava confuso, revivendo o passado, mas ele não me falava nada. Sabe aquela sensação de que algo... de que tem algo acontecendo?

– Sim, claro, é possível perceber essas pequenas mudanças quando estamos em um relacionamento. Mas o que você fez com essa sensação?

– Eu fui até lá, como uma mulher normal, em busca de respostas, mas principalmente, tentando salvar meu casamento antes que algo mais acontecesse.

– E aconteceu... algo mais? – Helen não se deixou abalar pela surpresa da confissão, só pensava nas manchetes no dia seguinte.

– Ele tentou, mas ela não quis... ela é uma mulher honesta e decente. Quando a procurei, ela me contou tudo. Não queria se intrometer na nossa vida e muito menos voltar a se relacionar com Dan.

– Então você está me dizendo que Dan Jager traía a esposa? Você ainda se lembra da nossa última entrevista, não? Vocês pareciam em sintonia. Era teatro?

– Era – as pessoas da produção se agitaram com essa resposta, mas Stella prosseguiu como se enfeitiçada pelo poder do desabafo. Era como se aquilo fosse tudo o que queria e nem mesmo ela sabia. Descobriu uma certa paz enquanto vomitava palavra após palavra. – Nosso casamento ia mal, mas eu não sabia o que era. Sentia uma desconfiança e infelizmente depois descobri que ele tinha um caso com outra mulher, uma amiga minha... e talvez tivesse com mais outra se a ex assim quisesse. Quanto mais eu perguntava, mais ele se afastava, até que eu resolvi ir atrás e... bem, ele também estava indo atrás, atrás da ex, e quando foi rejeitado por ela, ele... ele me culpou. Foi nesse dia que ele... ele... foi um acidente, eu só queria que ele parasse... – Stella levou as mãos trêmulas ao rosto. O estúdio inteiro parou no instante em que Stella terminou de falar. Lisa pensou em fingir um ataque cardíaco, em se atirar no chão para que a entrevista fosse interrompida, mas seu corpo não reagia.

– Que acidente, querida?

Stella não conseguia mais parar. Queria falar sobre o assunto. Estava cansada de fingir que Dan era uma boa pessoa. Toda vez que ela tinha que mentir a respeito de Dan, era como se ele a esmurrasse mais uma vez. Então ela continuou:

– Depois de ser rejeitado pela ex, e depois de saber que eu estivera lá perguntando sobre eles, Dan voltou para Washington e não sei onde nem como... mas sei que ele voltou bêbado e furioso para casa... para a Casa Branca, e me atacou. Eu estava terminando um projeto no meu escritório quando ele apareceu. Chegou já me atacando, eu nem sabia o motivo. Eu corri, mas ele me alcançou e... foi violento – Stella via com clareza as cenas daquela noite. Helen incentivava, com olhares compreensivos e atentos, como uma boa mãe faria.

– Ele me agrediu, alguns socos, chutes no estômago e eu... não conseguia mais me levantar... foi aí que o pior aconteceu. Talvez eu estivesse morta agora se... – Stella chorava, mas tentava se conter com um esforço que deixou Helen de coração partido. As lágrimas escorriam grossas e ela continuou falando. – Os chutes e xingamentos... mas eu consegui forças para reagir e foi quando aconteceu... e ele morreu... eu não queria matá-lo, só tentava me defender, tenho tantas perguntas sem respostas... – Stella estava aos prantos, seu corpo inteiro tremia. A imagem era chocante. Helen se levantou e abraçou sua entrevistada, nesse momento Stella desabou. Ela nem se lembrava da última vez que alguém a abraçara de verdade, mas aquilo a fragilizou ainda mais. Agora não tinha mais volta. Todo o choro reprimido e toda a culpa, agora extravasados, de algum modo a deixaram livre, livre inclusive para chorar pelo motivo certo. Chorava por ter tido seu coração despedaçado pelas ações do marido. A agressão, a violência, as traições e as palavras que ele dissera naquela noite... nunca vira um homem com tamanha fúria. Palavras que ela havia apagado da memória, cenas – o rosto dele contraído e deformado pela raiva, cheiros, álcool e suor, o gosto de sangue da bochecha mordida, e o pânico que ela sentiu, tudo isso voltava agora com força, como se ela revivesse mais uma vez o pior dia de sua vida.

A entrevista terminou e Helen pediu para esvaziarem o estúdio. Elas ficaram a sós, e Helen permaneceu com os braços em volta de Stella. Helen a forçara a confessar, ela sabia como fazer isso mesmo com os convidados mais bem preparados. Naquele momento, no entanto, se sentia mal por Stella e tentava consolá-la. Lisa voltou para a sala, mas não sabia o que dizer. Ficou parada ao lado de Stella, ofereceu um copo com água e esperou, apavorada, pensando em como seria sua vida na cadeia quando soubessem de sua participação na morte de Dan.

Capítulo 41

Solange assistia à TV, de pé, quando Rosa voltou para o apartamento.

– Olha, ela confessou, ao vivo... foi ela, ele também a agrediu e... ela se defendeu e...

Rosa não conseguia acreditar no que ouvia. Ela não tinha assistido à entrevista e ainda não conseguia acreditar que era real, que o pesadelo havia acabado.

– Isso significa que você está livre, acabou! – Rosa tinha os olhos fixos em Solange, que ainda estava perplexa com o desdobramento do caso. Jamais imaginara Stella naquela situação, uma mulher tão sofisticada, fazendo uma declaração bombástica, ao vivo. Depois pensou em si mesma e percebeu que ela também nunca se imaginara no meio daquele caos.

– Será que foi por isso que ela tentou ajudar você? Ela sabia que você não era culpada e não queria carregar essa culpa. Imagina, uma pessoa inocente ir presa por um crime que ela cometeu.

– Não sei, vai demorar um bom tempo até eu acreditar nisso – Solange apontava para a TV, onde os repórteres especulavam sobre o caso. – Mas me sinto mal em ficar feliz num caso desses... coitada dela, eles eram casados, deve ter sido muito pior...

Rosa compreendia a falta de ânimo de Solange com a notícia. Era triste que tivesse acontecido com outra pessoa, era triste perceber que a agressão à Solange não fora um caso isolado, porém, o mais importante para ela, era ver sua melhor amiga livre das suspeitas, longe dos holofotes. Stella provavelmente tinha um time de advogados, os melhores estrategistas, e o apoio do público. Ela daria um jeito, consertaria a situação.

Tiago se ofereceu para fazer uns drinks em comemoração ao esclarecimento do caso, ainda que não soubesse bem o que estava acontecendo, e as duas aceitaram na hora, agora sentadas no sofá, olhos grudados na TV.

A declaração da primeira-dama... ou melhor, ex-primeira-dama, pegou o país de surpresa. Estamos tentando analisar o caso e as possíveis consequências para Stella Jager. Nosso convidado especial é o advogado Douglas Brown. Douglas, qual será a próxima etapa, após a confissão ao

vivo do assassinato de Dan Jager?

Stella será investigada pelo homicídio, e novas evidências devem surgir. Ela matou uma pessoa e tentou acobertar o crime, o que trará consequências negativas para ela. Segundo informações, ela já se encaminhou para a sede do FBI... parece que Stella se apresentou voluntariamente. Mesmo se ficar provado que ela agiu em legítima defesa, ainda assim ela sofrerá as consequências de ter mentido para as autoridades. No momento, é tudo o que podemos especular.

Você acha que ela fará um acordo ou sofrerá a exposição de um julgamento público?

Acho muito provável que ela venha a ser julgada e não aceite acordos. Com os índices de popularidade que ela tem, eu não a aconselharia a fazer nenhum acordo, em especial se a alegação de legítima defesa se sustentar. Mas eu não a represento e não sei a extensão do crime. Tudo o que sabemos é o que foi dito na entrevista. Teremos de aguardar mais informações, os detalhes, para poder prever os próximos passos daqui para frente.

Rosa e Solange continuaram caladas, absorvendo a notícia. Tiago voltou da cozinha com uma jarra de sangria e os três beberam em silêncio.

– Rosa, talvez eu possa ajudar Stella. Se o júri souber que ela não foi a única a ser agredida... talvez eles entendam que ela estava apenas tentando se proteger. Poderia ter sido eu, se aquele tiro tivesse disparado e...

– Você atirou no presidente? – Tiago arregalou os olhos. Solange e Rosa disseram em uníssono “sim” e retomaram a conversa.

– Negativo! A senhora vai ficar bem quietinha no seu canto. Pelo amor das deusas, Solange, chega de exposição, de polícia... você contou a verdade, fez exame de corpo de delito, está tudo documentado. Se ela quiser, que use isso... você não vai se meter num problema que não é mais seu. Aposto que Donna iria concordar comigo – rebateu Rosa, aflita em imaginar Solange sendo arrastada para aquele drama. Mais um.

– Você não entende, eu tenho que ajudar. Ela foi uma vítima e pode acabar na cadeia por isso.

– Pelo menos por agora, será que podemos esperar o desenrolar do caso? – pediu Rosa, resignada, mas já sabendo que aquilo não era o fim da história.

– Shh, o jornal voltou – disse Solange para ninguém em especial. Estavam todos calados, num silêncio sufocante. Rosa tomou a taça de sangria em dois grandes goles e voltou a se servir, até transbordar. Tiago parecia atônito com o noticiário, perdido em meio às informações e tentando

entender o que acontecera, porém calado. Viu que elas estavam tensas e preferiu deixar qualquer dúvida para depois.

Eram quase duas da manhã quando os três resolveram dormir. Rosa passou a noite se revirando, enquanto Tiago dormia tranquilo. Ela foi até o quarto de Solange, mas preferiu não bater, apenas sussurrou, grudada à porta, “você está acordada?”. Solange abriu a porta quase imediatamente. Rosa entrou e elas ficaram se olhando sem dizer nada, até Rosa quebrar o silêncio:

– Lembra quando a gente era criança e um menino enjoado da escola pegava no seu pé por causa do seu cabelo?

– Claro que lembro, você bateu nele, furiosíssima, sempre do meu lado – as duas sorriram.

– Se for realmente ajudar Stella, eu te apoio. Mas só se for fundamental que você participe de alguma maneira, e tem que ser tudo muito bem planejado. Talvez só suas fotos e o laudo médico sejam o suficiente. Vamos aguardar, promete para mim que vai ter um pouco mais de paciência para esperar e ver no que vai dar. Não vamos nos expor mais do que o necessário, nem agir com impulsividade, pode ser? Vamos aguardar.

– De acordo – respondeu Solange estendendo a mão a Rosa, selando suas palavras.

Capítulo 42

Lisa não havia se preparado para aquela declaração. Stella parecera tão focada na entrevista que ela não previra um desfecho daqueles, sequer pensou que seria uma possibilidade. Dizer a verdade era sempre uma saída, mas esse caso era diferente. A imprensa, os eleitores furiosos, o FBI. Elas tinham muito a perder.

– O que aconteceu? – perguntou depois que as duas estavam longe das câmeras, num carro emprestado pela produção. Elas tiveram que sair o mais rápido possível do estúdio antes que a imprensa as localizasse.

– Não sei... aconteceu. Mas acho que foi melhor assim – disse Stella olhando para baixo, sem saber explicar aquela necessidade imensa de falar.

– Como pode ser melhor assim? Como? Você sabe o que te espera? Você não sabe como é a prisão, não sabe como é a vida na cadeia! Ou pior, você corre risco de morte... por injeção letal!

– Calma... a verdade vai me tirar dessa. Eu não aguentava mais... a pressão era muito forte. Mentir para Larry, que estava louco para incriminar você também, para todo mundo... como é possível viver assim? Depois, por que eu deveria me encolher diante disso? Dan é o culpado, ele! Se ele não tivesse feito o que fez, estaria bem aqui, vivo. Eu não podia deixar ele fazer com você o que fez comigo, você não tinha nada a ver com a situação, e eu tomei uma decisão.

Lisa balançava a cabeça entre as mãos. Estava vivendo seu pior pesadelo. Desde o primeiro dia em que as duas se conheceram, Stella falara abertamente sobre sua vida, sobre o marido, ela era espontânea, e esse era o motivo pelo qual tanta gente gostava dela.

– Lisa, eu aprecio tudo o que você fez por mim, mas... nós devíamos ter avisado todo mundo quando aconteceu... na hora que aconteceu. A gente estava se defendendo. Por que eu deveria ter vergonha disso?

– Porque nós temos muito a perder, muito. Você é jovem, tem muita vida pela frente e eu... eu gosto da minha vida. Eu amo minha vida e lutei muito por ela.

– Então lute comigo. Nós vamos conseguir, a verdade vai nos libertar. Não é assim que está escrito?

As duas permaneceram caladas enquanto o motorista as levava ao FBI. Lisa não sabia mais o que fazer, porém concordou, não havia mais nada a ser feito, de qualquer forma. Se a entrevista fosse gravada, elas poderiam barrá-la de ser apresentada, mas não, foi tudo ao vivo, todo mundo já sabia a verdade.

– Acho que deveríamos consultar um advogado antes de falar com o FBI – já refeita e objetiva, Lisa começava a planejar uma defesa.

– Que advogado?

– Qualquer um. Acho melhor você começar a pensar com praticidade daqui para frente e parar de romantizar “a verdade”. Porque a verdade pode nos colocar na cadeia para sempre.

Ela não via a verdade com os mesmos olhos de Stella, mas sabia que suas vidas eram muito diferentes. Quando ela dizia que tinha tudo a perder, não era um exagero. Todos os sacrifícios que havia feito para estar ali, para conquistar seu lugar na política... Stella não podia sequer imaginar tudo pelo que ela passara. Nada na sua vida tinha sido fácil, nada veio de graça. Para Lisa, era muito difícil colocar tudo o que conquistara na lata de lixo, em nome da “verdade”. Ela precisava de sua reputação, era tudo o que tinha. Quem iria contratá-la depois daquele escândalo? Onde ela iria trabalhar? Ela seria para sempre a assistente que fora cúmplice num assassinato, o assassinato do presidente! Isso se elas não fossem parar na cadeia.

– Será que haverá algum conflito se eu contratar a Donna, a advogada da Solange? – sugeriu Stella, despertando Lisa de seu pesadelo diurno.

– Vou ligar agora mesmo.

Ligou, mas Donna não atendeu, então Lisa deixou uma mensagem de voz, em tom de desespero contido, e começou a pensar em outras opções. Stella também procurava na agenda do celular por alguém que não tivesse trabalhado para Dan, disposto a defendê-la. Percebeu que nos últimos anos, as pessoas que conhecia, os amigos que tinha, haviam sido substituídos pelos “amigos” de Dan. Eram pessoas ligadas à política, que o ajudaram enquanto candidato. Lembrava-se de ter desmarcado inúmeros jantares com colegas de faculdade, a pedido de Dan. Ele sempre tinha uma desculpa plausível, dizia que suas amigas eram invejosas, chegou até a dizer que fora paquerado por um amigo gay dela. Stella nunca acreditou nisso, mas para não criar mais conflitos, se afastou de todos. Que loucura, que droga ela estivera tomando durante todo aquele tempo? No fim, só restou Gemma, e agora ela sabia o motivo.

O motorista avisou que haviam chegado. Elas se encararam apreensivas.

Seus olhares diziam “e agora?”. As duas ficaram petrificadas dentro do carro parado, com o motor ligado. Nenhuma delas se moveu ou fez menção de abrir a porta. O celular de Lisa tocou. Era Donna dizendo “sim, eu aceito o caso, mas esperem por mim, não digam nada sem antes eu ouvir primeiro a versão de vocês. Diz pra Stella aguentar apenas mais um pouco, eu chego aí em vinte minutos”.

– Dá uma volta na quadra – pediu Lisa ao motorista. – Donna aceitou, mas pediu para esperarmos por ela.

– Ok. Lisa... eu sei que parece egoísmo da minha parte colocar você nessa situação. Você me ajudou, e eu nem sei se estaria viva hoje, se não fosse por você. Mas... eu precisava contar a verdade. Chega de continuar mentindo e preservando a imagem de uma pessoa que quase me matou. Nós somos as vítimas, não ele. Mas eu não vou dizer a parte que você participou, e nem você vai abrir o bico, não precisa nem contar pra Donna. Pra todo mundo lá fora, a única coisa que você fez foi testemunhar a agressão.

– E como você vai explicar o desaparecimento da filmagem das câmeras de segurança?

– Dizendo que usei sua senha e pronto, eles não precisam saber mais do que isso. Lisa, confia em mim, vai ser melhor assim, eu tenho mais chances de me safar, mas se o pior acontecer, prefiro que aconteça apenas com uma pessoa – ela olhou para baixo, e percebeu que não precisava mais daquela aliança. Jogou-a na bolsa e se sentiu ganhar um controle, ainda que pequeno, sobre sua vida. Depois voltou-se para Lisa. – Sem você eu não consigo... eu só tenho você – disse, com uma expressão serena no rosto, que contagiou Lisa por um instante pois, apesar de tudo, ela sabia que Stella estava sendo corajosa ao falar a verdade.

No entanto, o que a vida ensinara a Lisa era muito diferente. Ela crescera vendo homens abusivos vivendo sem um pinga de vergonha pelo que faziam, sendo desculpados pelos amigos e familiares, em nada mudando o curso de suas vidas, mas deixando marcas na vida das mulheres que cruzavam seus caminhos. No entanto, se alguém tinha condições de virar o jogo, esse alguém era Stella. Uma pessoa como ela tinha um enorme poder de influência, e o mundo precisava encarar homens como Dan como culpados, como os verdadeiros agressores que eram. Chega de continuar justificando os erros deles. Chega de medo, pensou Lisa, respirando fundo, buscando coragem para encarar o que estava por vir.

O carro parou ao ver Donna gesticulando. A advogada abriu a porta.

– Me conta tudo, em detalhes – disse Donna sentando-se no banco da frente, virada para trás, olhando Stella nos olhos.

Ela falou rápido, num jorro de palavras, tudo o que acontecera na naquela noite.

Capítulo 43

A informação é legítima, Donna Carter, que já esteve nos nossos estúdios como convidada, é agora, oficialmente, advogada de Stella Jager. As informações são do repórter John Graham, que fala ao vivo do edifício do FBI.

Bom dia a todos. É isso mesmo, a ex-primeira-dama, que confessou ao vivo ter matado o marido, Dan Jager, está agora prestando depoimento. Ela chegou na noite anterior e passou a madrugada dentro da sede do FBI. Nós estamos aguardando aqui na frente do prédio pela sua saída. Stella está acompanhada de sua amiga e voluntária na campanha de Dan, Lisa Monroe, que trabalha no gabinete jurídico da Casa Branca na comissão de ética. Nós ainda não sabemos detalhes do crime, nem se ela teve ajuda, mas parece que o crime foi cometido DENTRO da Casa Branca, isso mesmo, dentro da Casa Branca. Nós voltaremos ao vivo assim que tivermos mais informações. De volta ao estúdio.

– Viu? Ela já tem advogada, e não é qualquer uma...

– E daí? – disse Solange a Rosa. Ela mesma sabia que isso não era nem de longe o suficiente.

– Isso quer dizer que as chances de Stella precisar de você são muito pequenas. De modo que podemos viver nossas vidas em paz. Encerrar esse capítulo sombrio da sua vida. Fim. Finito. Você não disse que queria passar uma temporada no Brasil? Nós podíamos planejar sua volta, ver uns apês, onde você vai morar, quanto tempo vai ficar...

– Eu não posso sair dos EUA, lembra? Depois, tenho que acompanhar de perto o desenrolar do caso, eles ainda podem descobrir sobre... sobre o casamento. Ele pode ter deixado alguma coisa para trás me incriminando.

– Tudo bem, mas por enquanto acho que deveríamos nos animar com o que temos para hoje e tentar não criar uma tempestade em copo d'água. As chances de alguém descobrir todo o resto são pequenas, estão todos mortos. E, de qualquer maneira, as pessoas agora vão focar em Stella. Ninguém está procurando por informações sobre o seu casamento, vamos nos preocupar quando, e se, a hora chegar. Voltando ao nosso assunto, acho que nós devíamos fazer um pedido formal para que você possa viajar em paz, eles já

têm o culpado. O que mais podem querer com você?

– Não sei, mas se te deixa feliz, nós podemos falar do Brasil. Só acho que negar o que me aconteceu e fingir que o mundo onde vivo não é violento, que minha vida é paz e amor, é negar quem eu sou, tudo pelo que passei... – Solange fez menção de se levantar do sofá, mas Rosa a segurou, com delicadeza.

– Amiga, espera aí... eu não quero que você negue nada, muito pelo contrário, eu só quero que você entenda que não, sua vida não é violenta. Uma pessoa violenta, que está morta, te trouxe dor e sofrimento, mas isso é com ele. Se existe um Deus por aí, é com ele que Dan vai se entender. Ele foi a causa das merdas que te aconteceram, sua vida não é ele, sua vida não pode ser resumida pelo que ele fez, pelo seu casamento. Você é paz e amor, você é bondade. Sua vida deve refletir isso. Você não pode permitir que o que ele fez defina quem você é, nem como sua vida será daqui pra frente.

Grossas lágrimas começaram a cair pelo rosto de Solange. A lembrança de quem um dia ela fora, da vida simples e tranquila que levava, mexeu com ela. Rosa tinha razão. A vida dela não deveria ficar marcada por Dan. Mas Solange não sabia como se distanciar dos fatos. Não sabia como deixar o medo de lado e recuperar a fé na vida que sempre tivera. Andava evitando caminhar pelas ruas sempre lotadas de Nova Iorque por esse motivo: se assustava com as pessoas, tinha medo de desconhecidos, não confiava em ninguém. Sentia uma necessidade visceral de se proteger e só sabia um jeito de fazer isso, se isolando. Nem seu querido apartamento era mais seu porto seguro. Por mais que tentasse, continuava a se ver ali, naquela sala, em pânico, com a arma na mão.

Rosa sentou-se na ponta do sofá, deu tapinhas nas próprias pernas, e Solange se aninhou nelas, como faziam quando pequenas.

– Vamos deixar esse assunto de lado, pelo menos por enquanto, talvez elas não precisem de mim mesmo. Vamos falar do Brasil, ou melhor, o que você e Tiago conversaram? Por favor, me conta, eu amo ouvir os dramas da vida de vocês.

– Obrigada – disse Rosa, brincando. – Então, ele acha que eu deveria dar um tempo por aqui, ou melhor, no Canadá com ele... é que eu comentei com ele... eu meio que... sei lá, queria fazer outro curso. Eu sei que advoguei por pouco tempo, mas tenho interesse na área de marketing, por causa da Sol Cosmetics.

– Hmm, e você estudaria marketing no Canadá? Me parece que vocês já

conversaram sobre isso antes. Por que você não me contou nada?

– Já tem muita coisa acontecendo na sua vida...

– Mulher, seus problemas importam para mim, depois, eu preciso disso – disse Solange, apertando a mão de Rosa. – Bem, independentemente do que você decidir, estou pensando em ir para o Brasil passar uma temporada lá, depois que tudo aqui estiver resolvido. Vai ser bom para mim me inteirar dos negócios, e aí você pode sair e ir estudar. Acho que vocês merecem esse tempo juntos, e a Sol vai estar em boas mãos, serei uma ótima substituta, você vai ver.

– Disso não tenho dúvida, mas sei lá, ainda não decidi, não sei se faz sentido... eu quero ir, a proposta mexeu comigo e seria um curso rápido, coisa de seis meses, no máximo. Mas e depois? Eu volto para o Brasil e ele fica, qual o objetivo disso? Não seria mais fácil terminar de uma vez por todas?

– Seria se você não ficasse com essa pulga atrás da orelha dizendo “e se eu tivesse ido?” – respondeu Solange. – Melhor ir e ver por si mesma, pelo menos assim você vai ter certeza se quer continuar esse namoro à distância, se vale mesmo a pena. Amiga, você priorizou sua carreira desde criança, nunca vi coisa igual, já fazia planos para o futuro desde pequena, estudar para concursos, era toda séria, parecia uma adultinha. E agora que você conseguiu tudo isso, talvez seja bom, só para variar, pensar em namorar. Se permitir relaxar. Eu queria ter uma história assim com alguém, um relacionamento de longo prazo, os meus são paixões avassaladoras e depois morrem do mesmo jeito que começaram... opa, olha só, estou fazendo trocadilhos de novo – Solange riu, agitada, parecendo nervosa de repente. Ela levantou e anunciou: – Preciso dar uma cara nova a esse apartamento, você me ajuda a mudar as coisas de lugar? Penso que poderia comprar tudo novo, pelo menos as coisas aqui da sala. – Solange andava de um lado para o outro, com as mãos na cintura, analisando o cômodo. Sua expressão era estranha, os olhos nem piscavam. Rosa não disse nada, apenas concordou, e elas passaram a tarde mexendo nos móveis e na decoração, empilhando num canto tudo o que seria doado.

Tiago revia amigos na cidade e voltou apenas à noite, com duas caixas de pizza, conforme o combinado com Rosa. O apartamento já apresentava algumas modificações quando ele chegou. Elas tiraram os tapetes, todas as almofadas e alguns objetos de decoração. Solange queria se livrar de qualquer item que a lembrasse daquela noite; e Rosa tentou se animar por esse pequeno passo que a amiga dava rumo a uma vida nova. Era difícil saber

o que dizer, o que podia ou não ser perguntado ou conversado. Rosa não queria ser apenas boa com Solange, ela queria empurrá-la para frente, guiá-la para fora da bolha de violência em que ela vivera nos últimos anos. Mas Rosa jamais enfrentara uma situação sequer parecida, por isso não sabia ao certo como agir. Sabia, no entanto, que começava assim, devagar e incerto, mas consistente. Fazer planos, para Rosa, era um sinal de fé. Fé no futuro, na vida. Por isso valorizava os pequenos gestos que diziam “vai dar tudo certo”.

Capítulo 44

A sala era toda cinza, do chão às paredes. Mesa e cadeiras de metal completavam o ambiente, deixando-o ainda mais impessoal. Stella tremia de frio, esperando por Larry. As unhas postiças haviam sido arrancadas e agora ela concentrava os dentes nas cutículas com pequenas mordidas para evitar puxá-las.

Larry entrou na sala com um sorriso sarcástico no rosto, sem se dar conta de que Stella era tão vítima quanto qualquer outra pessoa. Uma mulher bem arrumada, estudada, uma médica. Mesmo com tantos anos de serviço, e tendo visto de tudo, Larry ainda se surpreendia quando o meliante era rico e cheio de privilégios. Tendo crescido somente com o essencial, achava difícil imaginar o que fazia alguém deixar uma vida de fartura para se envolver num crime e colocar tudo a perder. Não seria mais prático pedir o divórcio?

Um novo depoimento e as novas evidências seriam anexados ao caso e então o julgamento de Stella estaria nas mãos da promotoria. Como a advogada já havia informado a existência de provas, Larry tinha mais alguns momentos com Stella.

– Se a senhora não se importa, nós vamos começar a gravar agora – disse a nova chefe da investigação, Louise Day. Larry ficou calado, apenas assistindo. Sua carreira estava por um fio, mas Louise achou que a presença dele no interrogatório seria interessante, e permitiu que ele ficasse e fizesse perguntas. Ele queria intimidar Stella, afinal fora ela quem o ameaçara. Como era mesmo? Ela iria destruir sua carreira, pensou Larry trincando os dentes. Parte da raiva dele era pela ameaça, mas a outra parte, da qual nem ele tinha consciência, era pelo fato de se considerar traído por Stella. Ele chegara a sentir compaixão por ela, a ter vontade de abraçá-la para dizer que tudo ficaria bem, e depois havia descoberto que ela o estivera manipulando.

– O senhor gostaria de dividir algo conosco? – perguntou Donna, impaciente diante da expressão de Larry.

– Não. Piada interna – respondeu ele tapando o sorriso com as mãos. Louise o repreendeu com o olhar, depois prosseguiu:

– Então vamos começar.

– Eu tenho aqui fotos da minha cliente, tiradas após a agressão. São fotos

amadoras, tiradas pelo médico da Casa Branca. Stella fez um exame de corpo de delito logo após o ocorrido, é possível ver os hematomas nos braços, pescoço e abdômen através das fotos – Donna transparecia confiança.

– Você subornou o médico para ficar em silêncio? – interrompeu Larry, agora sério. Stella disse que ele fora seu professor na universidade e que, naquele momento, queria apenas ajudá-la.

– Muitas vítimas de violência doméstica documentam as agressões com fotos caseiras, mesmo que não tenham a intenção imediata de usá-las numa denúncia formal – disse Donna.

– Por que você não começa nos contando como esses hematomas aconteceram? – pediu Louise olhando fixamente para Stella, que bebeu um gole de água e começou:

– Eu estava no meu escritório, terminando os últimos relatórios para anexá-los ao rascunho do projeto de saúde infantil que nós iríamos implantar nos próximos meses. Lisa estava em outra sala, mas ainda na Casa Branca, quando Dan chegou de viagem. Ele parecia alterado e o cheiro de álcool era bem forte. Foi a primeira vez que o vi beber desde que o conheci. Ele já chegou partindo para cima de mim, me xingando por ter ido à casa de Solange para perguntar se eles estavam tendo um caso. Acho que ele tinha acabado de chegar de Nova Iorque. Bem, ele estava furioso. A maioria das coisas que ele disse eram impossíveis de entender, a língua enrolada por causa da bebida. Eu disse que ele não me contava nada e que eu precisava saber, nem que fosse por ela. Foi nesse momento que ele me deu um soco no estômago, me fazendo cair. Ele continuou proferindo xingamentos dos mais variados... e começou a arrancar minha roupa. Eu me debatia no chão, arranhando-o, até que ele conseguiu rasgar minhas roupas, o blazer e uma blusa de seda branca que eu usava por baixo. Ele manteve as mãos no meu pescoço quase o tempo todo e eu não podia ver com exatidão o que ele estava fazendo, até ele começar a me morder e arrancar meu sutiã – Stella parecia em transe, como se contasse a história de outra pessoa, falando maquinalmente e desprovida de emoção.

– Nas fotos é possível ver as marcas de mordida no torso de Stella – Donna mostrou as fotos para os investigadores e para a câmera. Louise pediu para Stella continuar.

– Quando ele acabou... e tirou as mãos do meu pescoço, eu aproveitei e tentei me desvencilhar, dando tapas no rosto dele. Ele passou o tempo todo dizendo coisas, me xingando de vagabunda, que eu era uma vadia promíscua,

que sabia tudo sobre a minha vida, a época da faculdade, citou inclusive nomes de pessoas que eu não me lembro de ter mencionado a ele. Mas pode ter sido Gemma... ele voltou a agarrar meu pescoço, eu estava quase sufocando, quando Lisa entrou. Ela ficou parada, como se estivesse paralisada, depois foi para cima dele. Ele me largou e eu caí, então ele foi para cima dela. Ao que tudo indicava, ele tinha intenções de... de fazer o mesmo com ela. Chegou a rasgar a saia dela... e eu, não sei como, consegui me levantar. Então peguei a primeira coisa que vi na frente e usei. Era uma lixa de unha metálica que estava em cima da minha mesa. Eu gritei e ele veio na minha direção, então eu o apunhalei com a lixa. Ele caiu de joelhos, tirou a lixa do próprio peito e caiu de lado. Nós ficamos paradas, apavoradas. Só depois de alguns minutos eu percebi o que havia acontecido e saí correndo e peguei meu estetoscópio. Me aproximei e pude confirmar que ele estava morto, não havia sinal de batimentos cardíacos, um filete de sangue escorria pela boca... Lisa e eu pegamos nossas roupas rasgadas e saímos do escritório... e o deixamos lá, na certeza de que alguém o encontraria logo. Ele já estava morto, não havia mais o que fazer, e nós estávamos aturdidas, era difícil pensar racionalmente.

– Então vocês duas foram agredidas? Por que o médico que as examinou não falou antes? – perguntou Larry, ainda não convencido.

– Dan não teve tempo de fazer nada com a Lisa; e sobre o médico, eu já disse, ele era um amigo, além disso, há a questão do sigilo profissional. Eu disse que não queria expor o que havia acontecido e, embora não soubesse ao certo o que era, ele manteve sua palavra.

– Quem apagou as câmeras de segurança?

– Eu, usando a senha de Lisa. Na hora não conseguia me lembrar da minha e bem, a senha dela era o aniversário de Dan – Louise e Larry se olharam nesse momento.

– E depois vocês combinaram de mentir para a polícia?

– Nós não sabíamos o que fazer...

– E como posso ter certeza de que foi Dan quem fez isso? – Larry gesticulou mostrando as fotos. – Poderia ter sido qualquer pessoa, até Lisa, ela poderia ter ajudado para vocês terem uma justificativa para matá-lo.

– Qualquer pessoa? Você deve estar de brincadeira, né? – Donna balançava a cabeça em negativa, enquanto Louise olhava firme para Larry mandando um sinal mudo de repreensão, mais um.

– O que minha cliente ganharia inventando que foi Dan, se tivesse sido

outra pessoa?

– Não sei, mas como a sua cliente o matou, nós só temos acesso à versão dela daquela noite.

– Você realmente acha que uma pessoa do tamanho de Lisa conseguiria deixar aquelas marcas no corpo de Stella? Você só pode estar de brincadeira comigo. Quando é que vão acreditar na palavra de uma mulher? Por que qualquer pessoa inventaria uma história dessas? – Donna estava indignada, mas não era a primeira vez que se deparava com uma situação daquelas.

– Para ter um motivo para matá-lo, por causa das traições – respondeu Larry, achando que suas teorias sexistas o levariam a algum lugar.

– Então Stella colocaria sua vida, sua liberdade em risco, inventando toda uma história para matar o marido, por causa de ciúmes?

– E por que não? – Larry levantou uma sobrancelha, se achando muito esperto. Stella tinha vontade de gritar, mas se conteve. Essa era a pior coisa que alguém poderia dizer dela, que matara Dan por ciúmes. Como se ela fosse uma mulher passional e descontrolada. Dan a vigiara, manipulando sua melhor amiga, usando-a em benefício próprio, e no fim a agredira. Como Larry não enxergava isso?

– Por enquanto é só, mas Stella terá que ficar detida por agora – interrompeu Louise.

Stella foi fichada e ficou aguardando, encarcerada, pelo desenrolar do caso.

Capítulo 45

– Você acha que Rosa vai topa passar um tempo em Toronto com você?
– perguntou Solange a Tiago, durante o café da manhã. Quando Rosa conseguiu dormir, já estava quase amanhecendo, por isso Tiago preferiu não acordar. Ele já estava acostumado com a inquietação dela durante a noite, ela sofria de insônia, mas quando perguntou o que era, Rosa desconversou e saiu do quarto. Era por volta de cinco da manhã, quando ele a viu voltar, andando nas pontas dos pés para não fazer barulho.

– Tenho esperanças. Procurei emprego no Brasil, mas nada ainda... Lá em Toronto comecei a trabalhar numa produção grande que pode ajudar a me firmar na profissão.

– Você disse que ela precisava dar um tempo do Brasil, aconteceu alguma coisa? Ela não quer me falar, mas eu quero ajudar.

– Hmm, aconteceu... ela não quer sobrecarregar você, mas ela vai te contar.

Solange se serviu de mais café e voltou ao assunto do Canadá, sentindo que Tiago não falaria nada.

– Acho que ela deveria aceitar sua proposta. Eu quero me inteirar melhor dos negócios, sinto que fui muito egoísta deixando tudo nas mãos dela. Assim, ela poderia ir e desbravar o Canadá com você enquanto eu tomo conta da empresa. Era o sonho dela fazer um intercâmbio, e acho que ela merece viver essa experiência, fazer algo por si mesma, sabe? Rosa é meio mãe de todo mundo, sempre tomando conta das pessoas que ama, da família, se sentindo responsável por eles... e isso é lindo, mas ela tem o direito de viver um pouco também, sem preocupações, acho que vai ser ótimo se ela for.

– For para onde? – Rosa entrou na cozinha. – Vejo que vocês já estão alimentados. Eu vou querer apenas um café. Depois a gente podia fazer uma coisa que eu sempre sonhei... nós três juntos.

– O quê? – perguntaram Tiago e Solange.

– Andar naquele ônibus turístico que nos leva a todos os cantos de Nova Iorque. Tirar fotos clichês e usar uma camiseta com *I Love NY*. Mas tem que ser hoje, pois amanhã teremos uma frente fria.

– Eu morria de vontade de andar nesse ônibus quando cheguei aqui. Mas

era caro demais para minhas posses na época. Depois, sei lá... esqueci, eu acho. Eu topo – disse Solange animada, colocando uma cápsula de café na máquina. Tiago também aceitou e trinta minutos depois os três foram para o ponto do ônibus turístico localizado no Central Park.

– O dia está lindo, 12° C dá para aguentar, né? Como você está Rosa?

– Onde tem roupa, eu estou bem, mas o rosto está congelado, com certeza – Tiago e Solange riram. Já estavam acostumados ao frio, diferentemente de Rosa, que visitava os Estados Unidos pela primeira vez no inverno.

– Olha, o ônibus está vindo – Tiago apontou. Ele também nunca havia andado no ônibus turístico e achou a ideia de Rosa divertida. Levava uma máquina poderosa e não parou de fotografar. Elas estavam se divertindo até que, em algum momento do passeio, o ônibus parou para o semáforo fechado, justamente na frente do prédio onde ficava a boate em que Solange havia trabalhado e conhecido Dan. Tiago não percebeu, mas Rosa viu que Solange ficou agitada, olhando sem parar para os lados.

– Solange – Rosa a tocou o ombro. – Que foi? Você está segura aqui, só tem turistas, e em segundos o ônibus volta a andar. Respira – Solange fez o que ela mandou: respirou fundo algumas vezes e o ônibus partiu.

No restante do passeio, já não havia mais a mesma espontaneidade de antes. Solange passou o tempo todo olhando para os lados, encolhida, sorrindo sem vontade para as fotos. Tiago, mesmo não sabendo qual fora o gatilho causador daquele desconforto, percebeu que havia algo errado. No fim, eles completaram o passeio e foram para casa, já que Solange não aceitou almoçar em um restaurante ali por perto.

Em casa, ela alegou sentir-se cansada e foi se deitar, então Rosa aproveitou para falar com o namorado sobre o passeio. Primeiro eles passaram as fotos para o computador e depois riram muito com as poses mais estranhas. Em nenhuma delas, Solange parecia menos deslumbrante do que era, mas dava para ver que ela não sorria mais a partir de determinado ponto.

– Você não percebeu quando ela ficou mal, parecia em pânico? – Rosa sussurrava.

– Sim, mas o que aconteceu?

– O ônibus parou no semáforo e ela começou a olhar para os lados, como se tivesse certeza que alguém a estava vigiando. Lembro bem o endereço, será que estava relacionado ao lugar?

Rosa então procurou a rota do ônibus na internet e analisou parada por parada. Estava quase desistindo quando se lembrou, aquela era a rua onde a

boate ficava, só podia ser. Era perto do distrito financeiro, disso ela se lembrava.

– O que é afinal? Tem a ver com o local?

– Acho que é onde ficava a boate, onde ela conheceu Carlos e Dan, assim que chegou a Nova Iorque.

Os dois ficaram se encarando, calados. Uma lágrima caiu dos olhos de Rosa e Tiago a limpou com o dedo, dizendo que Solange ia ficar bem.

– Não tenho tanta certeza. Se eu pudesse fazer qualquer coisa por ela, eu faria. Não aguento mais vê-la sofrendo desse jeito, ela não merece. Mas eu não sei mais o que fazer para ajudar.

– Você já está fazendo. Ficando do lado dela, dando seu amor e apoio. Ela vai precisar de tempo. Fora isso, não há mesmo nada mais a ser feito.

Capítulo 46

Depois de checar as evidências providas por Stella, o que incluía, além das fotos, um laudo médico atestando a agressão e as roupas rasgadas – Lisa havia guardado as peças – Larry deu por encerrada sua investigação e deixou o caso nas mãos da promotoria. Stella havia sido instruída a não dar entrevistas e a evitar contato com a mídia. Mesmo assim, seu rosto não saía da TV. Alguns a criticavam pela confissão ao vivo, alegando que Stella o fizera para ganhar simpatizantes, ao chorar em frente a Helen Moriz e o mundo inteiro. Outros a defendiam dizendo que era difícil estar na posição em que ela se encontrava, sozinha, escondendo um segredo daqueles; e lembrando, pois parecia necessário, que ela era uma vítima e agira em legítima defesa. Donna estava segura que conseguiria livrar sua cliente da prisão, mas seu primeiro contato com o promotor não saíra como o esperado. Charles Ferguson era jovem e ambicioso, e via nesse caso uma chance de subir rapidamente na carreira. Sabia, no entanto, que para isso, teria de colocar Stella na prisão. Ele não gostava de Dan, não se importava pessoalmente com sua morte, mas sua carreira era sagrada, muito bem lapidada ao longo dos anos, desde a universidade, e ele achava que se fosse bem-sucedido nesse caso, ela deslancharia.

A audiência era para definir se Stella poderia aguardar o julgamento em liberdade. Donna argumentou que Stella não apresentava risco de fuga, tendo em vista que seu rosto era conhecido pelo mundo inteiro. A advogada também alegou que sua cliente tinha grande interesse em apresentar sua versão dos fatos e provar a todos sua inocência, mas o juiz pareceu irredutível. Stella, que usava um uniforme de presa, foi do tribunal direto para a prisão mais próxima, onde aguardaria o julgamento. O juiz alegou tratar-se de uma decisão difícil, porém justa, tendo em vista a acessibilidade de Stella à mídia e ao dinheiro, além de sua grande influência política. Stella não tinha expressão alguma no rosto quando o juiz deu a sentença provisória. Nada de lágrimas ou reações emocionais. Ela poderia estar em choque, pensou Lisa, que seria julgada em separado, observando a cena. Para ela, Stella havia se tornado uma amiga, mas não era apenas por esse motivo que ela continuava acompanhando o desenrolar do caso de perto. Ela temia as consequências que

ele traria para sua vida, caso Stella fosse condenada e presa. Tudo o que Lisa tinha, sua carreira, seu futuro, estavam em jogo depois da confissão da ex-primeira-dama. Ela não fora apenas uma testemunha do crime. E alguém ainda poderiam descobrir sobre seu real envolvimento.

– Vai ficar tudo bem, aguenta firme – disse Donna a Stella antes dos guardas a levarem. Lisa não sabia o que dizer, pois nenhum pensamento positivo passava por sua mente, então apenas repetiu as palavras de Donna “aguenta firme”. Ela achava que não havia a menor chance de Stella ser mandada para a prisão e, quando isso aconteceu, ficou sem chão. Sabia que a promotoria a chamaria de “cúmplice” e que, muito em breve, ela também estaria presa.

Lembrava-se perfeitamente da primeira vez que vira Stella. Ela usava um vestido bege e vinha direto do consultório, por isso ainda vestia jaleco. As feições de seu rosto eram harmoniosas e seus olhos eram quase infantis, conferindo a ela um ar jovial, de beleza aristocrática. Ela olhava Dan com carinho, enquanto ele discursava para o seu recém-montado time de voluntários e marqueteiros, no comitê de campanha. Eles eram o que os jovens de hoje costumam chamar de *couple goals*. Dava para sentir o orgulho na voz de Dan quando ele falava da esposa médica, e Lisa sentiu inveja. No início, ela odiava Stella e sua insistência em continuar trabalhando em seu consultório particular, quando era óbvio que Dan precisava dela. Parecia estranho pensar nisso agora, mas ela tinha essa imagem nítida em sua memória: Dan parecia sempre muito à vontade quando discursava para as pessoas “normais” como ele, simples trabalhadores, porém perdia o jeito na presença de ricos empresários e políticos. Nessas ocasiões, seu desconforto era visível, mas Stella o transmitia segurança, e Lisa o entendia. Também achava humilhantes aqueles encontros em que tinham de pedir dinheiro para a campanha a pessoas que jamais saberiam o que era ser invisível.

Donna ofereceu carona a Lisa e as duas percorreram o caminho em silêncio, cada uma em seu mundo particular. Pelo menos por enquanto, Lisa poderia desfrutar de um pouco de liberdade, e ela se apegou a isso para não desmoronar, ainda descrente de que sairia impune daquela situação.

– Você acha que a gente ainda tem chance? – Lisa rompeu o silêncio do automóvel.

– Vai ser mais difícil do que imaginei, mas sim, acho sim. Você acha que poderíamos conseguir com que o pai de Stella aparecesse? Quero dizer, não precisa ser nada grandioso, mas uma palavra de apoio, afirmando acreditar na

versão da filha.

– Vou atrás disso ainda essa semana. O que você acha de nós tentarmos algo com o Raymond?

– Seria ótimo, mas não sei... acho que pode ser cedo demais. Ele não vai querer falar nada antes de ter certeza do depoimento de Stella. Afinal, ele é o presidente agora, não pode sair declarando apoio a uma assassina – respondeu Donna sem minimizar as palavras.

– Ela matou em legítima defesa – emendou Lisa com a voz estridente.

– É assim que vão dizer. Você tem que estar preparada para ouvir isso, pois vai respingar em você também. Ninguém quer ser associado, em nenhuma circunstância, a um crime como esse, antes de ter certeza de alguma coisa, qualquer coisa que prove a versão de Stella.

– A versão de Stella é a única, foi como aconteceu de verdade.

– Nós vamos precisar de mais do que isso, mas podemos tentar vazar a informação de que nós temos provas da agressão, incluindo o laudo médico. Venho pensando nisso, mas tenho medo de que o juiz nos repreenda por envolver a mídia. Ele vai saber que fomos nós.

– Vai, mas a nossa melhor chance é convencer o júri antes mesmo do julgamento começar. Precisamos convencê-los de que ela é inocente.

– Preciso de um tempo para pensar. Não havia previsto o que aconteceu hoje. Preciso reformular minhas estratégias com base nisso.

– Ok, enquanto isso, vou atrás do pai de Stella – disse Lisa, querendo ajudar. Precisava fazer alguma coisa. Parada, vendo que a verdade não libertava coisa nenhuma, ela não ficaria.

Capítulo 47

Solange ficou trancada no quarto pelo restante do dia. Rosa não sabia se devia dar espaço a ela ou insistir para ficar ao seu lado. Ao mesmo tempo, não queria deixar Tiago sozinho, principalmente agora que ele já estava voltando para Toronto.

Só bem mais tarde, por volta do meio-dia, Solange saiu do quarto. Ela ainda parecia abatida, mas disfarçou dizendo que estava apenas se sentindo cansada. Tiago já estava com a mala pronta, mas ainda tinha algumas horas antes do voo, e eles ficaram na sala conversando.

– Amanhã eu quero ver uma corretora de imóveis. Vou colocar o apartamento à venda. Vai ser bom, pois eu posso investir parte do dinheiro na empresa.

– E onde você vai morar? – Rosa ficou intrigada com aquela informação. Solange adorava o apartamento.

– Ainda não sei, mas não quero mais morar em Manhattan, isso está decidido. Talvez no Brooklyn, ou quem sabe me mudo para a Califórnia, onde minha tia está. Lá tem sol o ano todo.

– Por que você não coloca para alugar por enquanto? Assim você não tem nada definitivo e pode voltar quando quiser.

– Vou pensar. O que vamos comer? Posso fazer algo para nós, para nos despedirmos.

Rosa topou achando que isso alegraria a amiga. Solange sempre gostara de cozinhar. Eles conversaram mais sobre o Brasil, e Solange se animou, falou da avó e das amigas com quem ela adoraria passar mais tempo.

– Dar um pulo na chapada e tomar um banho de cachoeira para limpar as energias, acho que vai ser bom para mim, já fico animada só de pensar.

Depois do almoço, Rosa saiu por uma hora para acompanhar Tiago até o aeroporto. Quando voltou, Solange havia revirado todo o apartamento. A princípio, Rosa pensou se tratar de um assalto, depois pensou que poderia ser da investigação, ainda pendente, e então viu Solange com um lenço na cabeça, aspirador de pó numa mão, e na outra um balde com panos e sabão.

– Essa casa está imunda, que vergonha deixar meus hóspedes ficarem em meio à sujeira, mas já, já vai ficar tudo limpo, vai dar para comer comida do

chão, se cair alguma, de tão limpo e desinfetado que vai ficar. Eu odeio faxinar, depois de ter trabalhado com isso durante meu primeiro ano aqui, mas agora acho que estou redescobrimo as maravilhas de limpar a própria casa, sua casa, seu lar, quem melhor para limpar direitinho senão a dona? Não é? Existem muitas bactérias invisíveis por aí, é preciso estar de olho – Solange falava sem pausas e Rosa demorou a responder, parada perto da porta, achando que sua amiga havia enlouquecido de vez. A faxineira havia limpado o apartamento dois dias atrás, não havia sujeira nenhuma.

– Entendo. Mas só se você me deixar ajudá-la.

– Pode ser, se você faz questão...

Rosa se pôs a trabalhar, observando Solange sem dizer nada. Ela estava concentrada na limpeza, mas não parava de falar, como se o silêncio fosse algo ruim. Emendava um assunto no outro e quando fazia perguntas à Rosa, não esperava pela resposta, respondendo ela mesma. Depois de um tempo, parecendo satisfeita, sentou-se no sofá e chorou. Rosa ficou ao seu lado, passando a mão em suas costas.

– No início era mesmo cansaço. Eu passei os últimos três anos viajando, quase nunca passava mais de uma semana em Nova Iorque, e mesmo assim, era trabalhando. Mas depois que decidi diminuir o ritmo e me estabeleci de vez aqui... foi difícil. Muitas lembranças que por um tempo consegui abafar. Mas depois foi ficando cada vez mais difícil, e passei a ter medo. Sei que não é real, mas ainda tenho medo. Da cidade, do que ela representa para mim...

– Ai, amiga... vai passar... talvez seja bom você dar um tempo no Brasil mesmo, se lembrar que sua vida é linda e que tem muita gente que te ama e torce por você, quem sabe na volta você faz as pazes com a cidade?

– Eu amo Nova Iorque, me sinto mal só de dizer o que disse... mas talvez você tenha razão. O Brasil pode me ajudar a ver as coisas com clareza. As pessoas que fizeram parte da minha vida naquela época não estão mais aqui. Isso também me faz sentir culpada, às vezes eu sinto um alívio enorme ao pensar que eles... se foram, e eu sobrevivi. Será que eu sou um ser humano horrível por isso? – ela levantou e encarou Rosa com os olhos marejados.

– Solange, você é um ser humano, com instintos de sobrevivência. É claro que é normal você sentir alívio por eles não estarem mais aqui depois de terem feito o que fizeram. Por isso insisto na terapia. Ela seria boa para você, te ajudaria a entender todos esses sentimentos, você precisa trabalhar seus medos, e também essa culpa. E principalmente, você merece ser feliz. Repete comigo “ eu mereço ser feliz”.

Solange riu, ainda com lágrimas nos olhos, mas repetiu com Rosa “eu mereço ser feliz”, “eu mereço ser feliz”, “eu mereço ser feliz”.

Capítulo 48

Lisa foi trabalhar normalmente no dia seguinte. No entanto, sem conseguir se concentrar, largou os documentos que tentava em vão analisar e ligou para Bruce, o pai de Stella. Uma secretária atendeu e disse que passaria a mensagem a ele. Lisa então procurou no Google “Bruce Lumber” e clicou no site oficial de sua produtora. Havia uma seção “sobre o fundador”, onde se via uma imagem de Bruce junto a duas jovens meninas e sua esposa, esbelta e bronzeada, as três sentadas em um sofá de couro marrom envelhecido, enquanto ele ficava de pé atrás. Nada de Stella, nenhuma menção à filha, fruto de seu primeiro casamento. Exatamente como Stella havia dito: “ele apagou essa parte de sua vida, não há nenhum rastro de que minha mãe sequer existiu, nenhuma foto, nada. Foi meu avô quem manteve a memória dela viva enquanto ele trocava de esposa como quem troca de roupa”. Mesmo assim, ela tinha de tentar, ele era influente e milionário, um pronunciamento talvez fosse demais, mas uma demonstração de apoio à filha poderia ajudá-la emocionalmente. O rosto de Stella, depois de ter sido levada para prisão, não saía de sua mente. Lisa temia que isso significasse que ela havia desistido, antes mesmo de começar. Talvez uma reaproximação com o pai trouxesse esperanças a ela e ajudasse a trazê-la de volta à briga.

O clima na Casa Branca era de tensão, e inúmeras especulações surgiam a cada minuto, incluindo se Raymond, o vice de Dan, sabia do caráter agressivo de seu companheiro político. No início ele preferiu não declarar nada, mas Lisa estava determinada a convencê-lo a apoiar Stella. Ele também ganharia com isso, pois ao declarar seu apoio, afirmaria, nas entrelinhas, que era contra aquela atitude e a favor das mulheres. Tendo em vista que, mesmo após a confissão, Stella continuava com altos índices de aprovação, apoiá-la parecia o mais apropriado no momento, nem que fosse apenas por estratégia política. No entanto, até onde Lisa sabia, ele não havia marcado nenhuma entrevista ou coletiva de imprensa.

Já que não conseguia trabalhar, decidiu dar uma passada no gabinete de Robert e perguntar a ele diretamente a posição do presidente. Bateu na porta e pediu para entrar, vendo que a secretária não estava ali.

– Entra – ao ver quem era, Robert abriu um sorriso malicioso. – Olha só,

quem lembrou da minha existência. Pode entrar, senta aí.

– Então... alguma novidade sobre o caso? Raymond vai se manifestar a favor de Stella?

– Você não perde tempo, né? Olha, ele adora a Stella, parece bastante abatido, mas é só isso o que eu sei. Cheguei a perguntar, afinal esse escritório nunca recebeu tantos telefonemas e pedidos de entrevista como agora, mas ele disse que precisava pensar.

– Entendo. Será que eu poderia ter uma hora com ele? – ela encarou Robert com determinação.

– Você acha que consegue convencê-lo?

– Só quero expor o caso, para que ele possa tomar uma decisão baseada em evidências, e eu tenho provas.

– O que você faria se fosse ele? – Robert se recostou na cadeira, parecendo relaxado.

– Eu a apoiaria por dois motivos: o primeiro, e sinto que o mais convincente, seria pela popularidade dela. Ele não tem nenhuma figura feminina em seu governo, e isso já é passado, ele precisa se atualizar, ter uma abordagem mais moderna, condizente com os tempos em que vivemos, por mais que queira agradar seus amiguinhos políticos. Segundo: porque foi em legítima defesa, eu estava lá e vi...

– Isso pode ser prejudicial a Raymond, eles eram companheiros de chapa. A imagem negativa de Dan o afetaria. Que provas vocês têm? Só a sua palavra não conta.

– Não sei o que teria acontecido se eu não tivesse chegado a tempo, pois cheguei a ouvi-lo dizer que jamais daria o divórcio a ela, que ela só sairia do casamento morta. Mais tarde, ficamos sabendo que ele agrediu a ex também, naquela mesma noite. Ela prestou queixa, tem tudo documentado. A cara dela estava inchada e roxa, um horror. Mas em Stella ele não bateu no rosto, pois sabia que seria pior para ele. Mas nós temos provas documentadas das agressões.

– Você só pode estar brincando... provas físicas, fotos, vídeo? – Robert, pela primeira desde que Lisa entrara, começou a prestar atenção.

– Se você reservar uma hora com Raymond para mim, eu te mostro.

– O que ele fez quando te viu?

– Eu parti para cima dele e ele me empurrou e começou a rasgar minhas roupas, acho que ia... ia...

Robert quase se engasgou com o café.

– Ela fez exame médico, para provar?

– Sim, e as provas são claras.

– Eu sabia que ele não era um santo, mas não esperava por isso... bem, vou fazer esse favor a você, mas se ele era esse tipo de gente, melhor que esteja morto mesmo – a voz de Robert não revelava nenhuma emoção, como se falasse de um estranho, e não de uma pessoa com quem convivera por meses, diariamente. Será que um dia ela seria assim? Ao contrário dela, Robert não trabalhara na campanha por acreditar nos bons valores de Dan, mas apenas por dinheiro; a decepção dele devia ter sido menor, pensava Lisa. Ainda sentia uma enorme tristeza sempre que tinha de falar mal de Dan, expor seu verdadeiro caráter. Era como se ela mesma recebesse um golpe, um soco no estômago. O que ela não daria para aquilo tudo ser uma grande mentira...

– Mudando de assunto... – Robert interrompeu seus pensamentos. – Quando é que você vai me chamar para conhecer seu apartamento novo? Vi que você atualizou seu endereço há alguns meses.

– Está me perseguindo, é? – ela se levantou e empinou o nariz, já recomposta e jogando o jogo dele.

– Talvez. Então...?

– Quando isso tudo acabar, quem sabe.

– Tudo bem. Assim que conseguir, vou falar com Raymond. E sim, tentarei o quanto antes. Sei da importância e da necessidade de Raymond se manifestar a esse respeito.

– Obrigada. De verdade. Mas me responde uma coisa? Por que você implicava tanto comigo durante a campanha?

– Achava que você era apenas uma fã apaixonada por Dan, que não levava a sério a política. Mas hoje sei que você gosta disso tudo, como eu.

Lisa não disse nada, pois apesar de tudo, ela não queria ser como ele. Queria continuar trabalhando por acreditar na política, não apenas por dinheiro ou poder. Apertou a mão dele com formalidade fingida e saiu. O celular tocou e ela leu no visor um número com prefixo da Califórnia. Era Bruce Lumber.

Capítulo 49

Donna era sempre a última a ir embora. Seu escritório era moderno, decorado com quadros contemporâneos minimalistas e paredes brancas. Sua sala, porém, era diferente. Era quase tudo vermelho. Vermelho nas paredes, no tapete persa, na madeira do chão. Ela achava mais aconchegante assim. Montava o caso de Stella quando teve uma ideia. Será que Solange toparia? Já passava das nove da noite, mesmo assim decidiu ligar. Ela poderia usar o que sabia sobre Solange para forçá-la a fazer o que queria, mas não era esse tipo de pessoa. Sentia que as mulheres já eram cobradas demais. Solange tinha o direito de se resguardar para se curar de sua própria ferida, e ela a apoiaria, independentemente de sua decisão.

Solange atendeu no primeiro toque:

- Donna, aconteceu alguma coisa?
- Eu só ligo quando acontece algo?
- Desculpa a sinceridade, mas sim... – disse Solange arrancando uma gargalhada da advogada.
- Então lá vai: você toparia testemunhar a favor de Stella?
- Estava esperando por esse pedido, e a resposta é sim. Posso ir a Washington se você precisar.
- Vou precisar, mas não agora. Ligo daqui a alguns dias com mais informações. E Solange, ficarei te devendo uma, obrigada.

Donna então se pôs a remontar o caso, agora com base no depoimento e nas provas da agressão a Solange. Três mulheres agredidas e com provas... tinha de ser o suficiente. Como Stella conseguira ter tanta presença de espírito em procurar o médico da Casa Branca logo após o ocorrido? As fotos mostravam seu pescoço vermelho, já mudando a tonalidade para o roxo. Será que ele pretendia mesmo matá-la, ou era apenas para assustá-la e fazê-la se intimidar? Os hematomas na região abdominal eram os mais impressionantes. Os jurados ficariam horrorizados, não existia a possibilidade de perderem. Juntando a isso as roupas rasgadas e as fotos do rosto de Solange, seria impossível negar que Dan as agredira.

Charles iria insistir no fato de que qualquer um poderia ter feito aquilo, mas ele estava enganado. Os epitélios nas unhas dele, o exame provando que

houve sexo naquela noite, as abrasões constatadas no exame de corpo de delito... as evidências não deixavam dúvidas. O promotor poderia alegar que fora uma noite de sexo consentido, nada mais, talvez até dissesse que Lisa também participara, um *ménage à trois* que dera errado. Iria expor o estilo de vida de Stella na época da faculdade, e tentaria fazer o mesmo com Solange. Porém, comparado ao que ela tinha, nenhum truque iria funcionar.

Capítulo 50

O lugar era frio e as paredes eram sujas. Ninguém sorria. Demorou mais do que o previsto, mas por fim Lisa conseguiu entrar na sala de visitas, tão sinistra quanto o resto do prédio.

– Como você está? – perguntou Lisa, do outro lado do vidro, falando ao telefone.

– Não é tão ruim. As detentas viram a entrevista, você acredita? E estão do meu lado.

– Isso é bom. Você já falou com Donna?

– Sim, ela me disse que Solange vai me ajudar. Lisa, obrigada por tudo o que você tem feito. Meu pai me ligou, e disse que você ligou pedindo para ele me apoiar publicamente, mas ele não vai fazer isso. Não quer se expor num caso como esse. Disse que o tempo dele de tentar me salvar de mim mesma já passou – Stella revirou os olhos como uma adolescente cansada de sermões. – Mas ele ligou para pedir que eu não entrasse mais em contato com ele ou sua família, disse que sou uma má influência para as suas filhas.

Lisa enrubesceu. Ainda podia ouvir a voz de Bruce esbravejando ao telefone “aquela criatura me odeia, sei lá o que fiz para merecer isso! Mas vou contar para a senhorita abrir os olhos, só uma das coisas que ela aprontou contra mim: no meu terceiro casamento, ela descobriu que eu tinha uma namorada, algo sem importância, e contratou um detetive para colher provas e fotos do caso, depois entregou o dossiê para a minha esposa. Agiu contra o próprio pai! A senhorita tem noção do que eu estou falando? Esse divórcio custou uma fortuna, uma fortuna! Ela não gostava de ninguém, implicava com todas as minhas namoradas, não queria me ver feliz, não queria ser feliz... sem ela, eu finalmente tive paz... e pelo jeito ela não mudou”.

– Desculpa, eu não devia ter me metido, só achei que ele mudaria de ideia... – disse Lisa, sem deixar de perceber que Stella conseguia ficar bonita até em trajes laranjas.

– Tudo bem, é melhor assim. E Raymond? Não é possível que ele não tenha dito nada até agora, o que está acontecendo?

– Também já providenciei uma audiência com ele, para amanhã.

– Você é sempre tão eficiente... se eu pudesse falar com ele, explicar o

que aconteceu...

– Eu vou explicar, vou levar as fotos também, incluindo as de Solange. Ele vai ver que a causa está ganha e vai nos apoiar, você vai ver.

– Tomara... ele costumava me tratar como se eu fosse uma princesa, ou sei lá... com devoção, sabe? No início eu achava estranho, fiquei desconfiada que ele tentaria algo, mas depois comecei a gostar daquele tratamento carinhoso. Não era sexual, como antes eu pensava, era paternal, como um pai orgulhoso da filha – Stella sorriu. Lisa estava mais tranquila depois de ver que ela recobrou o ânimo.

– Sim, eu também notei isso. Os filhos dele ainda moram longe, e eles só se veem em ocasiões especiais. Raymond é bastante solitário.

– Como eu. Que fui descartada pela única família que ainda tenho viva...

– Sinto muito.

– Tudo bem, já me acostumei, o mais triste continua sendo Gemma, eu a considerava da família – Stella deu um sorriso amargo, e Lisa torceu os lábios para baixo, fazendo uma careta de tristeza.

– Ele a manipulou. Talvez Gemma não tenha feito nada com intenção de te machucar, sabe?

– Ela é uma mulher inteligente, talvez não tivesse intenção, mas sabia bem o que estava fazendo, sabia que me machucaria e continuou mesmo assim. Ela teve tempo suficiente para se arrepender e não fez nada.

– Mas eu sou sua amiga – disse Lisa arrancando um sorriso de Stella.

– Eu sei. Obrigada por tudo o que você tem feito por mim, sozinha eu não conseguiria.

O guarda anunciou o fim da visita e elas se despediram. No caminho de volta, a imagem de Stella vestida com o uniforme da cadeia não saía de sua cabeça. Vê-la esperançosa e descansada era uma boa notícia. Vai dar tudo certo, só falta Raymond vir para o nosso lado, pensou Lisa olhando a paisagem. Já estava se afastando da penitenciária, quando o telefone tocou, era Robert.

– Lisa, onde você está? Raymond quer falar com você o quanto antes.

– Eu acabei de sair da penitenciária, estava visitando Stella, chego aí em 40 minutos.

– Ok, ele quer saber como ela está, parece preocupado depois de eu ter contado sobre a agressão.

– Ela está bem, disse que fez amizade na prisão e que as presas a tratam bem. E está esperançosa, pois conseguimos mais uma aliada, a ex-esposa de

Dan, a brasileira, lembra?

– Se lembro, que dor de cabeça. Se você quiser mesmo o apoio dele, venha munida de todas as evidências que provam a agressão. Acho que é disso que ele precisa para tomar uma decisão.

– Pode deixar. Obrigada, Robert.

– Não me agradeça, eu vou cobrar mais tarde – disse ele, sem perder a oportunidade.

Lisa pediu para o taxista acelerar. Não podia perder tempo, tinha medo de que Raymond mudasse de ideia. Era sua chance de conseguir o apoio mais importante de que Stella precisava. Ela já carregava consigo uma cópia das evidências, tanto de Stella quanto de Solange, e chegou esbaforida à Casa Branca. Robert foi com ela até o Salão Oval, e Raymond os recebeu com um semblante sisudo, maxilar contraído, o olhar triste.

– Fico feliz em saber que Stella tem amigos como a senhorita.

– O senhor gostaria de ver os documentos que temos? – disse Lisa, indo direto ao ponto.

– Por favor – Raymond sentou-se num sofá perto da escrivaninha e fez um gesto convidando Lisa a sentar-se também.

Ela mostrou cada uma das fotos do laudo médico. Raymond não escondeu o horror ao ver Stella com o pescoço roxo, marcas pelos braços e abdômen.

– Eu não fazia ideia... como pode alguém fazer isso com uma mulher? Ela está bem? Stella está bem? Ele fazia isso com frequência? Bem debaixo dos nossos narizes e nós nunca percebemos?

– Isso eu não sei, ela nunca me contou nada. Agora que o senhor tocou nesse ponto... talvez já tivesse acontecido antes... – eles ficaram em silêncio, pensativos, e Lisa voltou ao assunto. – Bem, ela está bem, na medida do possível, mas ela conta com seu apoio.

– Chame o redator. Quero trabalhar com ele nessa declaração. Uma coisa dessas não pode acontecer, simplesmente não pode. Claro que ela tentou esconder, deve ter sentido medo, vergonha... Lisa, vocês têm minha palavra, até o fim do dia darei uma coletiva informando meu total apoio a Stella e minha vontade de fazer justiça. Eu tentei intervir, falei que poderia mandar o cara do FBI para o olho da rua, mas agora que a coisa toda tomou essa proporção... só nos resta apoiá-la. Pode contar comigo – Lisa e ele assentiram um para o outro como soldados que se reconhecem lutando lado a lado.

Capítulo 51

Rosa entendia os motivos que levavam Solange a se expor mais uma vez, porém, como amiga, preocupava-se com seu estado emocional. Ela lera que muitas pessoas que passavam por situações como aquela, acabavam se culpando e imaginando mil cenários em que haviam dado algum tipo de abertura para que o abuso acontecesse. Como advogada, achava que essa seria apenas uma das estratégias que usariam contra Solange. Mas percebeu que talvez, expondo o caso, colocando tudo para fora, Solange poderia encontrar algum conforto, alguma reparação. Mas e se não desse certo? E se o depoimento dela fosse distorcido e, no fim, ela saísse pior, ainda mais despedaçada? O risco era enorme, isso sem falar que poderiam descobrir sobre o casamento, talvez Dan tivesse deixado alguma ponta solta, algum documento incriminador. Mas Solange estava determinada, só restava torcer por ela e apoiá-la.

Elas estavam terminando de arrumar as malas para ir a Washington, quando a TV anunciou um pronunciamento ao vivo do presidente.

– Solange, vem ver, vem.

Meus queridos compatriotas. É com pesar que hoje venho falar de um assunto que dividiu a América: a morte do ex-presidente Dan Jager. Quando o conheci, ele me pareceu uma pessoa honesta e trabalhadora, interessado em fazer do nosso país um lugar democrático e justo. Porém eu me enganei. E acredito que muitos de vocês também se sentem traídos agora. Eu não sabia quem ele era, e infelizmente não posso mais ignorar os fatos. Foram-me apresentadas provas que não deixam dúvidas sobre a veracidade da declaração de sua esposa, Stella Jager. Fotos, laudo médico, exame de corpo de delito e DNA afirmam o que nós todos temíamos... o presidente era um homem violento. Ele agrediu a própria esposa, dentro desse lugar que considero tão sagrado. Não restam mais dúvidas a esse respeito. Através desse comunicado, quero deixar claro meu total repúdio aos seus atos e aos de qualquer outro homem que assim o faça. A partir de hoje, minha administração traçará programas específicos de combate à violência doméstica, para que essas mulheres tenham voz e sejam ouvidas, jamais silenciadas. Meu pronunciamento aqui hoje não deverá influenciar o curso

legal do julgamento marcado para a próxima semana, mas enquanto homem, espero que a justiça seja feita e que um dia nós não vejamos mais lágrimas nos rostos femininos. Lágrimas de decepção, de desolação, de solidão. Vocês não estão sozinhas. Que Deus nos abençoe.”

Rosa e Solange olhavam a TV boquiabertas. Nenhuma das duas esperava um pronunciamento assim, claro e objetivo, de que o presidente, enfim, estava do lado delas. Solange estava visivelmente emocionada, mas pela primeira vez em muito tempo, era por um bom motivo. Ela se virou para Rosa e perguntou:

– Pronta? – Rosa assentiu e as duas pegaram suas malas para partir rumo a Washington.

Capítulo 52

Stella passou o julgamento inteiro com lágrimas nos olhos. Ouvia com atenção às testemunhas e observava a reação dos jurados. O promotor enfatizou a falta de assistência médica a Dan, a ocultação das provas e o fato que poderia determinar o caso: Stella era médica e, ainda assim, quando disse ter apenas se defendido usando a lixa de unha, coincidentemente havia perfurado a aorta, na região do coração, fazendo Dan perder muito sangue em pouco tempo. Tivesse sido em qualquer outro lugar, talvez ele ainda estivesse vivo. Charles Ferguson queria plantar a dúvida sobre essa coincidência: “Como médica, ela sabia o que estava fazendo e o apunhalou no coração, pois tinha a intenção de matá-lo e de se vingar pelos casos extraconjugais”, afirmou ele aos jurados, diante das provas técnicas. No entanto, a nota de Stella em anatomia era baixa, apenas o suficiente para não reprovar, e Donna usou essa informação para refutar a hipótese do promotor.

Na verdade, anatomia prática era a disciplina que ela mais gostava, e sua nota só foi reduzida por causa de um incidente com um cadáver. Ela gostava tanto de praticar que decidiu entrar, sem permissão, na sala com os corpos. Sua nota original era a mais alta da turma. Gemma sabia desse detalhe, mas aparentemente Charles não foi tão a fundo em sua investigação. Donna contra-argumentou, dizendo: “Impossível, naquela situação de pânico e terror, temendo não só por sua vida, mas também pela da colega, Lisa, ela ter mirado em um lugar específico”.

Os jurados olhavam para Stella, investigando seu rosto à procura de um sinal, mas o que viam era uma mulher desolada e emocionalmente desgastada. Charles tomou a decisão de não levar Gemma para depor, tendo em vista que ela mesma cometera uma infração grave ao revelar o conteúdo de suas consultas. A psicóloga não tinha credibilidade profissional, traíra a melhor amiga, e, portanto, ele preferiu deixá-la de fora. Além disso, ela era mais um rosto que provava a traição de Dan e do que ele era capaz. Charles não tentou defender o ex-presidente, muito ao contrário. Tentou, no entanto, diminuir a gravidade das traições, mas se perdeu ao forçar uma visão machista da situação, alegando ser “coisa de homem”. Donna adorou aquela brecha e se apoiou nela para traçar um perfil de quem era o verdadeiro Dan

Jager. Depois do depoimento de Solange, o júri pareceu convencido, pelo menos, de que boa pessoa o falecido não era.

Charles também tentou forçar uma visão de um complô de mulheres enfurecidas com Dan, o que foi um presente para Donna, que explorou o ridículo daquela teoria. Até o fato de Donna ter sido advogada de Solange e agora, de Stella, era usado para reforçar o argumento do promotor. Stella assistia a tudo horrorizada, “imagina se eles descobrissem que a lixa – arma do crime – pertencia a Solange”. Ela se esquecera desse detalhe, de avisar à polícia que a lixa não era dela. Por sorte, havia desinfetado o instrumento depois de pegá-lo “emprestado”, pois queria ser Solange por um dia; até tentou fazer as próprias unhas e parar de roê-las, mas não conseguiu.

No fim, não precisou falar nada. Os jurados não se convenceram de que elas poderiam ter agido em conjunto, já que mal se conheciam quando tudo aconteceu; e Donna ficara um tanto embasbacada com a hipótese levantada pelo promotor. Estaria ele nervoso ou sob pressão? Seria o desespero? Por que ele escolhera o caminho mais difícil de colocar Stella na prisão? Por que não tentou processá-la por algo mais simples? A teoria do complô parecia tão hollywoodiana que perdeu a credibilidade antes mesmo de começar a ser explicada. De qualquer modo, foi melhor para elas.

Toda a exposição dos fatos ocorreu no prazo de algumas semanas, e os jurados se recolheram para a deliberação final. Para a surpresa de todos, em menos de uma hora, eles já tinham um veredicto: inocente no crime de homicídio doloso, culpada pelo crime de favorecimento pessoal, por ter tentado ocultar as provas e pela conduta omissiva, ao não prestar socorro quando viu que Dan poderia morrer por causa do golpe. O juiz acatou à decisão e proferiu a sentença: um ano em liberdade condicional, uso de pulseira eletrônica, e meio milhão de dólares a serem investidos numa entidade de ajuda a mulheres vítimas de violência doméstica. Stella não passaria mais nenhum dia presa. Lisa não seria processada. Havia uma brecha no sistema de segurança de imagens, que era novo e estava em fase de teste, e ninguém achou que seria muito difícil invadi-lo. Mesmo Stella não sendo da área, consideraram a possibilidade plausível. Elas estavam livres.

Todas as saídas estavam lotadas por jornalistas e câmeras de TV. Alguns eleitores fervorosos de Dan seguravam cartazes com os dizeres “assassina” e “louca” e gritavam xingamentos direcionados a Stella. Uma emissora levou duas mulheres que também alegavam terem sido agredidas por Dan anos atrás, para darem entrevista, acompanhadas por um grupo de militantes que

apoiavam a ex-primeira-dama. Apenas Donna falou brevemente com a imprensa. Stella, apesar de já recomposta, só queria ir para casa e deixar aquele pesadelo para trás.

Pensou que se sentiria mal ao entrar no apartamento que dividia com Dan, mas como num hotel não teria privacidade, forçou-se a ficar ali. Entrou devagar, olhando os porta-retratos, verificando os cômodos. “Não é tão ruim assim”, pensou ao entrar no quarto de casal. As paredes com papel de parede delicado a oprimiam, e ela teve vontade de arrancar tudo e pintar de outra cor, talvez uma cor bem viva e berrante. De qualquer modo, essa era sua casa antes mesmo de Dan aparecer em sua vida, faria valer a pena. As coisas de Dan estavam em caixas num canto do quarto de hóspedes, desde a sua morte, quando tiveram que sair da Casa Branca. As roupas de Stella estavam quase todas no closet, pois na época da posse ela andava muito atarefada com seu projeto e preferira deixar para fazer a mudança mais tarde, pessoalmente, o que nunca acontecera. Havia um segurança para cuidar de Stella, e ela se sentia mais segura assim. Não planejava sair de casa tão cedo, e o segurança a ajudaria com coisas pequenas, como receber o entregador de comida. Pediu comida chinesa, tomou uma taça de vinho e depois dormiu por doze horas seguidas.

No dia seguinte, descansada, Stella colocou no lixo todo e qualquer traço de que Dan um dia estivera em sua vida. Fez uma enorme fogueira de primavera e abriu as janelas da sala devido ao calor. Estava quase apagando a lareira, quando se lembrou do cofre. Foi até o escritório de Dan, o único local em que ainda não havia entrado, e se pôs a colocar mais coisas num grande saco preto. Documentos sem importância, muitas pesquisas sobre os estados americanos, e resultados das enquetes feitas pelos marqueteiros na época da campanha eleitoral. Procurou por alguma anotação com o segredo do cofre, mas não encontrou nada. Digitou seu aniversário, o de Dan, o dia das eleições, e nada. Abriu o computador e se deparou com o outro lado de Dan, obscuro e ainda mais sinistro. Então era aquilo que ele via quando dizia que precisava de privacidade para “estudar” seus discursos. Quis atirar o computador na parede, queimá-lo, mas ainda precisava de mais informações antes disso. Procurou em outros arquivos que tinham apenas números como identificação e achou um “10-23”, onde encontrou uma série de informações sobre Solange. Os dados públicos de sua empresa no Brasil e inúmeras fotos, em sua maioria, profissionais. Stella digitou 10-23 e o cofre se abriu.

Capítulo 53

Gemma acordou com um gosto azedo na boca. Tonta e sentindo-se fraca, tentou se levantar da cama. Pegou o celular e viu as horas. Olhou ao redor e percebeu uma poça de vômito perto de onde sua cabeça estava. Ela vomitara os remédios, ainda assim, dormira por quase dezesseis horas seguidas. Com um esforço que a fez suar, arrastou-se para fora da cama e ligou a TV para ver se era real. Era. Stella estava livre e sua tentativa de suicídio não tinha dado certo. Como? Ela tomara um remédio para estabilizar o estômago, justamente a fim de evitar que vomitasse os comprimidos. Será que nem para isso ela prestava? Nem isso dava certo em sua vida? A pessoa não tinha nem o direito de se matar em paz, pensava enquanto as lágrimas desciam pelo rosto, a pele ressecada, os lábios ásperos e rachados.

– Rasko, Ras... – lembrou-se então que o gato não estava mais lá, ela o tinha levado no dia anterior para sacrificá-lo. Ele estava morto como tudo mais que ela amava. Morto e cremado. Seus pensamentos estavam lentos e a cabeça pesada, como se vivesse em câmera lenta. Tomara uma quantidade enorme de soníferos, mas eles apenas a fizeram dormir.

Conseguiu andar até o escritório e abriu o computador. Merda, o coordenador do curso da universidade em que ela dava aulas aceitara sua demissão. Por que ela tinha de ser tão correta em tudo? Podia muito bem tê-lo deixado na mão, não dito nada, ele saberia de sua morte e lamentaria. Mas não, ela enviara todos os arquivos que poderiam ser importantes para o andamento de sua disciplina, assim como as notas atualizadas de seus alunos, encerrando o e-mail com a afirmação de que aquela era uma decisão difícil, porém definitiva. Também desmarcara todos os seus pacientes, dizendo que passaria um período afastada da clínica, de modo que agora, não tinha mais fonte de renda. Teria que ligar para os pacientes, dizendo... o quê? Que se arrependera do suposto afastamento? Bateu com o punho fechado na mesa, com as forças que ainda tinha, e sentiu a mão latejar, merda! Voltou para o quarto, onde se observou no espelho de corpo inteiro. Fingiria sair para uma viagem, talvez até viajasse de verdade, depois ligaria para seus pacientes e informaria, como se nada tivesse acontecido, que estava de volta à clínica. Talvez ela precisasse de umas férias, aproveitaria para desenvolver algum

hobby, talvez escrevesse um livro: “A amante do presidente”, ou algo desse tipo, e contaria tudo, falaria tudo o que sabia sobre Stella e Dan, talvez essa empreitada fosse bem-sucedida, afinal.

Capítulo 54

Solange concordou em se encontrar com Stella a pedido de Donna. A segurança a deixou entrar e Stella abriu a porta. Solange não disfarçou a surpresa ao vê-la diferente, e Stella sorriu.

– Ah, sim, mudei meu cabelo, voltei ao preto, eu usava assim antes das eleições. Desculpa o inconveniente de fazê-la vir até aqui, é difícil sair de casa nesses dias – Stella chacoalhou a perna com a tornozeleira eletrônica.

– Tudo bem. É que tenho um voo para pegar ainda hoje, então se der para ser breve... – pediu Solange entrando na sala, sem se sentar. Havia brasas na lareira em plena primavera.

– Donna me pediu para te entregar isso. Depois de contar a ela o que eu achei ontem, ela lembrou que também tinha algo para você. Disse ter se esquecido de te entregar antes, com o julgamento e tudo mais. Encontrei uns cadernos no cofre, uma espécie de diário, eu acho, que Dan mantinha desde... bem, alguns anos. Alguns são de sua infância... ele me contou uma outra história sobre sua vida, sabe? Mas nenhuma delas era verdadeira. Pelo menos não é a mesma história que está escrita nos diários. É a primeira vez que as coisas fazem sentido para mim, mas esses dizem respeito a você – Stella estendeu dois cadernos a Solange. – Tem mais – disse apanhando uma pasta gorda.

– Esses são parte da investigação de Donna. Ela afirmou que ninguém mais os viu, além do chefe de Dan durante a Operação Manhattan, que também já faleceu. Você pode levar, queimar como eu fiz, faz o que quiser...

– Você leu?

– Sim, mas eu não tenho interesse nenhum nisso, se é o que te preocupa. Você fez o que tinha de fazer, num momento de desespero. Acredite, eu entendo.

– É só isso?

– Sim, só isso.

Elas se despediram sem dizer mais nada, apertaram as mãos, e Solange partiu. No táxi, a caminho do aeroporto, Rosa e ela leram os papéis.

– Você está livre! – disse Rosa, sorridente.

– Ninguém mais sabe, não há mais nenhum documento para trás, esses

aqui – disse Solange mostrando os documentos do FBI. – São os originais, está escrito aqui no canto, e tem uma notinha da Donna explicando, ela pesquisou por si mesma, pois achava que eu escondia algo. Disse que também foi até a sede do FBI e que não tem nada lá, nada! Meu segredo... está tudo aqui – Solange pegou as mãos de Rosa e então as duas se abraçaram, aliviadas.

– Acabou, Solange. Acabou!

Epílogo

Stella dava os últimos retoques na apresentação. O escritório, que havia sido de Dan, transformara-se em seu refúgio naquele último ano. Coberto de papéis com os artigos científicos mais recentes, livros por todos os lados, empilhados ou abertos na mesa... ela passava horas ali, todos os dias, estudando e planejando, nem de longe lembrava o ex-marido – ele não gostava de ler. Estava animada, mas um pouco nervosa. Quando ligou para Lisa pedindo sua opinião, explicando do que se tratava seu novo e ampliado projeto, ouviu as palavras de incentivo que precisava para continuar. Uma semana depois, Stella ligou para Raymond, e eles marcaram um jantar, durante o qual ela explicou ao presidente o que tinha em mente. Ele ficou maravilhado. Dali para frente, toda quarta-feira, às nove da noite, eles – Lisa, Raymond e Stella – se encontravam na casa da ex-primeira-dama para discutir os avanços do projeto.

Essas reuniões viraram o ponto alto na semana do presidente. Estar em companhia daquelas mulheres mudou seu modo de ser, e de viver, para melhor. Percebeu que não era tarde para mudar os rumos da política e de sua própria carreira. Como dizia sua netinha de 12 anos, que queria ser presidente, “chegou a vez das garotas”. Quando olhava seus companheiros políticos, nem se reconhecia mais como um deles. Nunca sentira que precisava mudar, mas aos poucos foi percebendo que os acontecimentos que abalaram a Casa Branca há quase um ano eram apenas um reflexo de uma cultura que tinha de ser mudada, urgentemente. E ele queria ser parte dessa mudança.

A campanha tocou, eram Raymond e Lisa. Ele era o responsável por trazer o jantar, e sempre escolhia a dedo um restaurante novo para aquelas ocasiões.

– Vamos entrando, por favor, a mesa já está posta. Abri um vinho delicioso – disse Stella levando-os para a sala de jantar. Mas antes, ela apresentaria o projeto finalizado.

Os três se sentaram com suas taças de vinho e Stella fez sua apresentação. Era o projeto de saúde infantil que ela havia começado, mas agora mais abrangente, incluindo todas as faixas etárias. Havia entrado em contato com

seus antigos amigos e professores de faculdade, que eram pesquisadores e a ajudaram com ótimos insights e atualizações na área. A apresentação deixou Raymond e Lisa estarrecidos. Ele bateu palmas e disse que queria apresentá-lo o quanto antes no congresso, para tentar uma aprovação para o orçamento do próximo ano.

– Acho que você deveria pensar em uma carreira política. Posso conseguir uma indicação para um ministério, Stella. Você é uma estudiosa, uma pesquisadora, precisamos de gente assim, e precisamos de renovação.

– Concordo, acho que está mais do que na hora de você sair da toca e lutar por essa causa – disse Lisa. Ela havia se destacado no congresso por sua diplomacia. Conhecia as práticas, os políticos, os trâmites legais, e construía um bom relacionamento dentro da Casa Branca. Era procurada para resolver impasses, dar sua opinião em projetos, as pessoas confiavam nela.

– Ah, eu vou sair da toca sim, mas com meu projeto paralelo. Fui convidada para palestrar em uma conferência de mitologia grega, e é isso que quero fazer. Prefiro ser uma colaboradora na área da saúde, trabalhando nos bastidores, e vocês podem contar sempre comigo, mas a carreira política não me interessa, meu nome ainda gera muita controvérsia. Mas Raymond, você tem toda a razão quando diz que precisamos de renovação. E eu aposto todas as minhas fichas em outra pessoa – ela apontou o queixo na direção de Lisa e Raymond sorriu.

– Esse vai ser meu último mandato. Para mim também já chega, está na hora de dar passagem ao novo, antes que cortem minha cabeça – ele passou o indicador no pescoço e deu um sorriso nervoso, direcionado a Stella, que o olhou séria por um segundo, e então soltou uma gargalhada alta. Ele e Lisa trocaram um olhar preocupado mas Stella continuava rindo, dando tapinhas na mesa como se não conseguisse se conter, e eles também começaram a rir, e riram com gosto por um bom tempo, o passado não importava mais, ficara para trás, até os pesadelos têm fim.